



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO**

Ana Rita Costa Faria

VISITAS DE ESTUDO
UM DESAFIO PEDAGÓGICO NO ENSINO DA HISTÓRIA

Nome do Curso de Mestrado
Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Henrique Rodrigues

Março de 2014

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a importante colaboração de pessoas maravilhosas, às quais eu gostaria de deixar o meu profundo agradecimento.

Aos **meus pais**, pois sem o seu amor incondicional, carinho, e apoio que me deram ao longo de todos estes anos, não teria chegado até aqui.

Ao **Professor Doutor Henrique Rodrigues**, pela disponibilidade, incentivo e permanente apoio na orientação do meu trabalho, assim como pela bibliografia disponibilizada.

À **Mestre Dr.^a Lurdes Belo**, pelos ensinamentos e apoio durante a lecionação em História e Geografia de Portugal.

À **minha irmã**, a minha melhor amiga, confidente, que sempre me apoiou e acreditou em mim.

À **minha avó** por ser uma guerreira e um exemplo na minha vida.

Ao **meu afilhado Afonso**, por ter sempre um sorriso e um abraço para me dar, em todos os momentos.

À **D. Orlanda**, uma amiga, uma força da natureza, uma luz no meu caminho.

Ao **Professor Paulo Gonçalves**, por quem tenho um enorme respeito e admiração pela forma como leciona e se relaciona com os seus alunos.

À **Ana Margarida**, a minha eterna Chefe das Guias, que sempre acompanhou o meu trilha e me incentivou a ir mais além.

Aos **melhores amigos do mundo**, o grupo do quadrado (**Leandro, Isabel, Belém, Tiago, Rita Almeida, Sara e Carolina**), por serem verdadeiros e de uma alegria inabalável. Por me permitirem ser criança e brincar com todas as situações.

Às **minhas queridas Rebeldes de Coimbra (Mané e Tixinha)**, pois mesmo longe, estamos sempre perto.

Aos **“meus” alunos**, sem os quais não faria sentido ser professora.

E por último, e em especial, ao **Mário**, por me acompanhar nesta caminhada, pelas palavras doces e demonstrações de carinho diárias, pela transmissão de confiança e força, em todos os momentos.

A todos os que de uma forma direta ou indireta deram o seu contributo na concretização deste estudo, um **MUITO OBRIGADA!**

*Ninguém é tão grande que não possa aprender,
nem tão pequeno que não possa ensinar.*

ESOPPO

Índice

AGRADECIMENTOS.....	II
Notas.....	XI
RESUMO.....	XII
ABSTRACT	XIV
Capítulo I - INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo II - ENQUADRAMENTO DA PES.....	5
Prólogo	6
2.1. Contexto Educativo.....	6
2.1.1. O meio envolvente	6
2.1.2. A vida no agrupamento e na escola.....	8
2.1.3. Uma turma acolhedora	11
Capítulo III - SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DAS PLANIFICAÇÕES	17
Prólogo	18
3.1. Português	18
3.2. Ciências Naturais	20
3.3. Matemática.....	22
3.4. História e Geografia de Portugal.....	24
3.5. Justificação da seleção do tema de investigação	28
3.5.1. Algumas questões da investigação	29
Capítulo IV - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	30
Prólogo	31
4.1. Questões sobre o ensino da história.....	31
4.2. Didática das visitas de estudo	34
4.3. Tipos de visitas de estudo	39
4.4. Formas de planeamento e dinamização das visitas de estudo	41
Capítulo V - METODOLOGIA	43
Prólogo	44
5.1. Justificação do método	44
5.2. Amostra do estudo.....	45
5.3. O papel do investigador	45
5.4. Recolha de dados	46

Capítulo VI - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	48
Prólogo	49
6.1. Questionários	49
a) Agricultura	50
b) Pesca	60
6.2. Entrevistas	67
a. Entrevistas aos Professores de História sobre a importância das visitas de estudo.	67
b. Entrevistas aos alunos sobre a importância das visitas de estudo.....	71
Capítulo VII - CONCLUSÕES E SUGESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	75
Prólogo	76
7.1. Conclusões e Sugestões de Investigação.....	76
Capítulo VIII - REFLEXÃO GLOBAL DA PES	79
Prólogo	80
8.1. Reflexão crítica da PES I e II.....	80
BIBLIOGRAFIA	87
ANEXO 1 – Planificação de Português.....	95
ANEXO 2 – Planificação de Ciências Naturais.....	99
ANEXO 3 – Planificação de Matemática	104
ANEXO 4 – Planificação de História e Geografia de Portugal.....	108
ANEXO 5 – Guião do <i>Role-Play</i>	112
ANEXO 6 – Pedidos de Autorização para a concretização da visita de estudo	119
ANEXO 7 – Guião da visita de estudo	123
ANEXO 8 –Modelo do Relatório da visita de estudo	125
ANEXO 9 – Questionário	127
ANEXO 10 – Opinião dos discentes relativamente à importância das visitas de estudo	134
ANEXO 11 – Guião da Entrevista aos docentes de História.....	137
ANEXO 12 – Guião da Entrevista aos alunos	139

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição da turma por sexo.....	12
Gráfico 2 - Profissão dos pais dos alunos, por setor de atividade.....	14
Gráfico 3 - Progenitores por grupos etários.....	15
Gráfico 4 - Em tua casa alguém trabalha na agricultura?.....	50
Gráfico 5 - Principais produtos cultivados nas casas dos alunos.....	51
Gráfico 6 - Os produtos cultivados são para consumo próprio?.....	52
Gráfico 7 - Produtos comercializados.....	53
Gráfico 8 - Local de venda dos produtos.....	54
Gráfico 9 - Mercados e feiras onde são vendidos os produtos.....	55
Gráfico 10 - Familiares que trabalham na lavoura.....	56
Gráfico 11 - Frequência da atividade.....	57
Gráfico 12 - Tipologia das terras da agricultura.....	58
Gráfico 13 - Ida à feira / mercado.....	59
Gráfico 14 - Tipo de máquinas utilizadas na produção agrícola.....	60
Gráfico 15 - Alunos com familiar pescador.....	61
Gráfico 16 - Conhecimento do aluno relativamente ao tipo de pesca que o familiar pratica.....	62
Gráfico 17 - Tipo de pesca praticado.....	63
Gráfico 18 - Tipo de embarcação utilizado.....	64
Gráfico 19 - Tempo que permanece no mar.....	65
Gráfico 20 - Conhecimento da sigla ZEE.....	66

Lista de Quadros

Quadro 1 - Naturalidade dos alunos, por concelho e freguesia	13
Quadro 2- Residência dos alunos, por concelho e freguesia	13

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 – Esquema sobre as diversas etapas das visitas de estudo.	38
Ilustração 2 – Esquema sobre o ‘espaço novidade’.....	40

Abreviaturas

PES - Prática de Ensino Supervisionada

POC – Professor Orientador Cooperante

PS – Professor Supervisor

NEE – Necessidades Educativas Especiais

EB – Ensino Básico

HGP – História e Geografia de Portugal

CN – Ciências Naturais

Notas

1. Os nomes dos alunos e dos professores são fictícios, de modo a salvaguardar o anonimato.
2. Em todos os documentos oficiais e nos trabalhos realizados pelos discentes, foram retiradas quaisquer indicações que permitissem reconhecer os alunos.
3. Nas transcrições escritas, inseriram-se pequenas alterações de ortografia (em concordância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990).
4. Apresentam-se em itálico termos em língua estrangeira (exemplo: *Microsoft, PowerPoint, Role-play*).

RESUMO

Este relatório, elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, pretende ser uma síntese das atividades pedagógicas e uma reflexão sobre os métodos e instrumentos utilizados neste domínio. É um relatório direcionado para a disciplina de História e Geografia de Portugal, uma vez que o tema relaciona as visitas de estudo com os conteúdos programáticos previstos no currículo do 2.º ciclo do Ensino Básico desta área didático-pedagógica.

As visitas de estudo têm sido consideradas atividades relevantes no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que possuem características que se revelam facilitadoras de uma resposta positiva por parte dos alunos. Como estratégia de ensino-aprendizagem, é considerada enriquecedora, por exigir do aluno uma atitude ativa, contribuindo assim para uma aprendizagem mais efetiva e centrada em padrões de responsabilidade de todos os intervenientes. Estas atividades tendem a potenciar o processo de ensino e a motivar para as aprendizagens em contextos mais práticos, dando também espaço para a pedagogia das atitudes, dos valores e da preservação das memórias e dos patrimónios tangíveis. Podemos registar uma variedade interminável de locais a visitar, desde museus, teatros, sítios com vestígios arqueológicos, monumentos, bibliotecas, arquivos, entre outros.

Com esta investigação pretendemos averiguar quais as conceções de professores e alunos acerca da importância das visitas de estudo. Para tal, foram realizadas entrevistas, com o intuito de reunirmos dados que pudessem sustentar e validar as nossas conclusões.

A entrevista foi aplicada após a preparação e concretização de uma visita de estudo. A investigação, de natureza qualitativa / interpretativa, decorreu numa escola do concelho e distrito de Viana do Castelo, sendo a amostra constituída por um questionário aplicado a três turmas do 6.º ano de escolaridade, e por entrevistas a três professores, com formação científica na área da História, e a três alunos do 6.º ano.

Os resultados mostram que as visitas de estudo têm relevância no processo de ensino-aprendizagem, constituindo uma mais-valia para a leção dos conteúdos em contexto de sala de aula. Na perspetiva dos professores inquiridos,

estas atividades devem ser cuidadosamente planificadas e estruturadas, para se conseguir uma interligação dos saberes da comunidade e da escola. As vantagens são inúmeras, podendo destacar as seguintes: contacto com as fontes; motivação para os conteúdos programáticos; envolvimento com a componente lúdica; contacto com novas situações de aprendizagem; promoção da interligação entre a teoria e a prática; e desenvolvimento do espírito crítico, de pesquisa, observação, organização do trabalho, elaboração de relatórios. No entanto, os docentes registaram como desvantagem o afastamento dos grandes centros urbanos, locais privilegiados de promoção e de difusão cultural, tornando as visitas desgastantes, por exigirem deslocações e obrigarem a tratamentos burocráticos. Relativamente às conceções dos alunos, é de destacar que estes consideram que aprendem de uma forma mais efetiva quando têm oportunidade de visualizar, vivenciar, tocar, sentir, no fundo, viver aquele momento como sendo uma aprendizagem num espaço livre e diferente.

Palavras-chave: HISTÓRIA; VISITAS DE ESTUDO; PATRIMÓNIO; MUSEOLOGIA; MEMÓRIAS.

ABSTRACT

This report, prepared within the scope of the curricular unit “Teaching Supervised Practices II”, aims to summarise the pedagogical activities and reflect upon the methods and materials used in this particular domain. It is to be applied to the subject: Portugal’s History and Geography, as its theme correlates school trips and syllabus outlined for the 2nd Cycle of Basic Studies, for this subject’s didactic teaching program.

School trips have been considered as relevant activities for the teaching-learning process due to their inherent characteristics that facilitate positive feedback from pupils. As a teaching-learning strategy it’s also considered as valuable, as it asks from the student for a positive attitude, contributing to an effective learning experience focused on the responsibility standards of everyone involved.

These activities tend to improve the teaching process and motivate pupils to learn in practical manner, also allowing the education of attitudes, values and preservation of memories and tangible patrimony. A numerous set of destinations can be visited from museums, theatres, archaeological site, monuments, libraries, archives, and others.

This study aims to ascertain the importance of school trips from the point of view of teachers and pupils. Interviews were conducted in order to gather information able to sustain and validate our conclusions.

The interview took place after the preparation and finalisation of a school trip. The investigation, qualitative / interpretative in nature, took place in a school from the district of Viana do Castelo, and the sample analysed was composed by a questionnaire subjected to three 6th grade classes and interviews to teachers, with an academic background in History and three 6th grade students.

The results have shown that school trips are relevant to the teaching-learning process, as they act as a valuable element to the subjects taught in the classroom. The teachers questioned believe such activities should be carefully planned and structured, so that an interrelation of community and school knowledge can be achieved. There are numerous advantages, such as: contact with the source of knowledge, motivation towards the subject taught, overall

involvement with the recreational aspect, being exposed to new teaching methods, promoting the interrelation between theoretical and practical knowledge, and development of critical thinking and research, observation, organization capabilities as well as report writing. However, teachers believe the distance from large urban centres, privileged places for cultural promotion and diffusion can be considered as a disadvantage, as the trips are longer and tiring, since they require travelling and bureaucratic procedures. Pupils, on the other hand, consider that this is definitely a more effective way to learn, as they are able to see, live, touch and experience that moment as a learning activity placed in a open and different space.

Keywords: HISTORY; SCHOOL TRIPS; PATRIMONY; MUSEOLOGY; MEMORIES.

INTRODUÇÃO

I

A Prática de Ensino Supervisionada I esteve centrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, contrariamente à Prática de Ensino Supervisionada II, que ocorreu no 2.º Ciclo do Ensino Básico. A passagem de uma experiência para a outra exibiu algumas diferenças, nomeadamente, pelo facto de terem ocorrido em contextos citadino, a PES I, e rural, a PES II. Esta experiência foi rica e dela resultaram mais vantagens do que inconvenientes.

Os alunos com quem “trabalhámos” na PES II são oriundos de um meio essencialmente rural, terra de características predominantemente piscatórias, embora haja uma forte componente industrial. Esta freguesia tem sentido os efeitos demográficos decorrentes dos movimentos migratórios, quer recentes, quer dos séculos anteriores. Assim, não é raro encontrar alunos sem familiares que abandonaram a aldeia.

As visitas de estudo proporcionam potencialidades que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, é importante que conheçamos os papéis dos intervenientes no processo educativo, para que tais atividades sejam plenas de sucesso e enriquecedoras dos contextos educativos.

Desta forma, promovem-se relações de sociabilidade ¹ e pedagógicas entre alunos e professores, desenvolvendo um conjunto de princípios e valores importantes para a sua formação pessoal. Através destas atividades, os alunos adquirem uma maior sensibilidade para a preservação do património histórico.

Para a concretização deste trabalho, foram necessárias muitas reuniões em contexto de tutoria com o Professor Orientador. Primeiramente, foi-nos sugerida a recolha e leitura de bibliografia especializada sobre a problemática que abraçámos. Depois de uma pesquisa autónoma, alvo de avaliação por parte do docente responsável, foi-nos indicado um conjunto de bibliografia indispensável à consecução deste relatório. Porque, em Metodologias de Investigação I, seguimos uma norma de citação estrangeira e porque o nosso orientador nos deu a conhecer a norma portuguesa, 405, para maior segurança, optámos por seguir esta última norma. Para o efeito, tivemos uma sessão em contexto de tutoria sobre a temática. Também beneficiámos de várias reuniões dedicadas à história oral e à realização de um inquérito por questionário. Uma vez que todas nós (mestrandas na área de

¹ OLIVEIRA, Hélder – *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a percepção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*. s.l.: Unidixital Meubook, [2013], p. 1682. Consultado a: 8 de outubro de 2013, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64778>.

História e Geografia de Portugal) necessitávamos de elaborar um inquérito, conjuntamente, e em reunião com o Professor Orientador, começámos por propor questões para serem exploradas, relativas à vida familiar dos alunos e aos seus hábitos de leitura e estudo. A segunda parte, esta mais específica, foi elaborada por cada uma, individualmente, e aprovada pelo docente.

O presente trabalho está estruturado em capítulos. O primeiro capítulo diz respeito à contextualização e apresentação da investigação.

O segundo capítulo inclui uma caracterização do contexto educativo onde foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada II, nomeadamente, do meio, do agrupamento, da escola e da turma.

No terceiro capítulo deparámo-nos com a seleção de uma experiência de aprendizagem em cada uma das quatro áreas de intervenção (Português, Ciências Naturais, Matemática e História e Geografia de Portugal). No final do capítulo, é apresentada uma justificação da seleção do tema da investigação, bem como algumas questões que estiveram na base do trabalho realizado.

O quarto capítulo diz respeito ao enquadramento teórico, pelo que abordámos questões relacionadas com o ensino da história, o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem, o papel do aluno e ainda aspetos relacionados com a didática da história. São também focadas as potencialidades das visitas de estudo, mencionando os procedimentos para a realização de uma atividade desta natureza.

O quinto capítulo refere-se à metodologia utilizada, começando por justificar o método escolhido, sendo feita a descrição da amostra do estudo. Apresenta os instrumentos utilizados na recolha de dados.

O sexto capítulo é dedicado à apresentação e discussão de resultados encontrados, confrontando as opiniões dos professores com a literatura e bibliografia adequadas.

No sétimo capítulo sublinhamos o que nos pareceu ser os pontos fulcrais de toda a investigação, sendo apresentada uma reflexão sobre o processo investigativo.

Finalmente, no oitavo e último capítulo, é apresentada uma reflexão global sobre o percurso realizado na Prática de Ensino Supervisionada I e II. A reflexão é acompanhada da análise dos dados recolhidos pela via do inquérito e da história

oral, entrevistas a vários professores, onde são focados os principais contributos desta experiência.

ENQUADRAMENTO DA PES

II

Prólogo

Neste capítulo é elaborado um breve enquadramento do contexto educativo em que decorreu a PES. A Prática de Ensino Supervisionada II teve uma duração de três meses (desde 02/04/2013 até 14/06/2013). Foram lecionadas as disciplinas de História e Geografia de Portugal, Matemática, Português e Ciências Naturais. No tópico 2.1.1. é feita uma caracterização do meio em que a escola está inserida, focando as suas principais particularidades. Em 2.1.2. debruçamo-nos sobre a escola, dando a conhecer o sítio, o meio e o espaço, os recursos materiais de que dispõe, bem como o público-alvo a que se destina. Por fim, na secção 2.1.3., é dado enfoque à turma, apresentando alguns dados que caracterizam este micro grupo.

2.1. Contexto Educativo

2.1.1. O meio envolvente

A Escola Básica Integrada de Castelo do Neiva² está situada à beira mar, na freguesia de Castelo do Neiva, concelho e distrito de Viana do Castelo. Esta terra é banhada a sul pelo rio Neiva e a poente pelo Oceano Atlântico. Na época da reconquista cristã, o sítio do Castelo, no limite do rio Neiva, assim como a localização do rio e do mar, constituíram pontos estratégicos a favor de D. Afonso Henriques, na batalha de São Mamede.³ Hoje em dia, apenas restam vestígios de um castelo medieval que outrora existiu, conquistado por Nuno Álvares Pereira, aquando da crise de 1383-1385. Em tempos conhecida como Santigado de Neiva, conquistou a designação de Castelo de Neiva ‘por estar ao pé do da Neyva, onde havia villa em tempo del Rey D. João o Primeiro. Pertencia a D. João de Soalhães, bispo de Lisboa, que a trocou com o Primaz Dom Martinho...’, no ano de 1307.⁴

² A autorização para identificação da escola, foi deferida a 12 de fevereiro de 2014, por via telefónica. De seguida, foi enviado correio eletrónico para formalizar o pedido.

³ RODRIGUES, Henrique – *Castelo de Neiva: Memórias, População e Sociedade*, 2013, p. 1.

⁴ CARDOSO, Luís- *Diccionario Geográfico ou notícia histórica de todas as cidades, villas, lugares e aldeias, ribeiras e serras dos Reynos de Portugal e Algarve...*Lisboa: Regia officina Sylviana e da Academia Real, 1747-1751, tomo 2, pp. 519-520, citado por RODRIGUES, Henrique – *Castelo de Neiva*, o.c. p. 2.

Atualmente, é formada por uma população humilde e acolhedora. De acordo com os censos de 2011, é habitada por cerca de cinco mil habitantes. Situada a sensivelmente doze quilómetros da cidade de Viana do Castelo, ocupa uma área de aproximadamente setecentos e sessenta e quatro hectares.

O meio em que se inserem as escolas do agrupamento é predominantemente rural e piscatório, embora haja algumas indústrias, nomeadamente, de construção civil, artigos desportivos, artesanato, informática, entre outras. Trata-se de uma freguesia com história e tradição, sendo o sargaço a imagem que melhor a caracteriza. Relativamente à gastronomia, devido à sua índole piscatória, são de realçar os peixes e mariscos que esta terra oferece.

É de destacar a importância do rio Neiva na vida destas pessoas. A classe piscatória representa uma parte significativa da economia desta zona. A componente turística é também favorecida com este aspeto. As principais atividades económicas são: a agricultura, a construção civil, a pesca, o pequeno comércio e a indústria. Tal como podemos constatar, predominam o setor primário e secundário.

Os vestígios arqueológicos aqui encontrados remetem-nos para a Cultura Castreja. Esta freguesia, rica em termos históricos, possui uma mamoa no Lugar da Gândara,⁵ tratando-se de um monumento megalítico utilizado para se depositarem os mortos. Refira-se que, junto à capela da Senhora das Oliveiras, se encontrou uma necrópole, e que durante as obras na Igreja Paroquial se descobriu um Arco Votivo. Todas estas descobertas contribuíram para que esta terra fosse valorizada na área da História. Também a cultura romana deixou marcas, nomeadamente: “(...) *moedas romanas, dois capacetes e copos de bronze, no sopé do monte*”. Os materiais arqueológicos acima referidos podemos encontrá-los no Núcleo Museológico do Sargaço de Castelo de Neiva.⁶

No plano socioeconómico, salienta-se a forte emigração no passado, que estagnou durante alguns anos, levando inclusivamente ao regresso de algumas famílias. Hoje em dia, assistimos novamente a um ligeiro aumento do fluxo de pessoas para o estrangeiro, na procura de um futuro melhor. Os dados mostram-

⁵ Lugar que foi anexado à freguesia de Neiva, por acordo mútuo entre as duas terras.

⁶ RODRIGUES, Henrique – *Castelo de Neiva, o.c.* p. 1.

nos que entre 1835 e 1900, 31% dos emigrantes de Castelo de Neiva era população analfabeta. O principal destino da emigração era o Brasil.⁷

2.1.2. A vida no agrupamento e na escola

A Escola Básica Integrada de Castelo do Neiva está inserida no Agrupamento de Escolas da Foz do Neiva⁸. O agrupamento foi criado no âmbito do Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio, por despacho de sua Excelência o Secretário da Administração Educativa no dia 4 de Maio de 2000. A escola Básica 2,3 de Castelo do Neiva foi criada em Agosto de 1998 e no seu segundo ano de funcionamento associou-se a outras escolas do 1.º ciclo, para constituir um agrupamento vertical.

O agrupamento tem setecentos e oitenta e nove alunos, que estão divididos pelas várias escolas. Este assegura a educação desde o Jardim de Infância até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico. A escola onde decorreu a prática pedagógica abarca a maior percentagem de alunos, sendo constituída por quinhentos e quarenta e nove discentes. A administração e gestão do agrupamento são asseguradas pelos seguintes órgãos: Conselho Geral, Diretor, Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo. O Conselho Geral é o órgão que assegura a participação e representação da comunidade educativa, nos termos e para os efeitos do n.º 4 do artigo 48.º da Lei de Bases do Sistema Educativo. De acordo com o regulamento interno, é composto por vinte e um membros, sendo que sete são docentes, dois representantes do pessoal não docente, um representante da Educação de Adultos, cinco representantes dos pais e encarregados de educação, três representantes da autarquia local, e por fim, três representantes das Associações culturais, ambientais, artísticas, científicas e económicas. O Diretor é o responsável pela administração e gestão do agrupamento nas áreas pedagógica, cultural, administrativa e financeira. O Conselho Pedagógico é o órgão de coordenação e

⁷ RODRIGUES, Henrique- *Emigração e emigrante do vale do Lima no século XIX*. Viana do Castelo: CER/, Henrique Rodrigues, 2006, pp. 6 e 98.

⁸ Importa referir que durante a prática pedagógica, a Escola Básica Integrada de Castelo do Neiva pertencia ao referido agrupamento. No final do processo, o agrupamento redimensionou-se, tendo-se agregado ao Agrupamento de Escolas do Monte da Ola, pelo que ambos constituem um mega-agrupamento.

supervisão pedagógica, nomeadamente, nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente. Neste órgão têm assento os seguintes membros: o diretor, os coordenadores de departamentos curriculares, um representante do pessoal não docente, dois representantes dos pais e encarregados de educação, o coordenador do núcleo dos apoios educativos, o coordenador da Biblioteca Escolar e o coordenador das ofertas educativas do agrupamento. O Conselho Administrativo é o órgão deliberativo em matéria administrativa e financeira do agrupamento. É composto pelo Diretor, Subdiretor e Chefe dos Serviços de Administração Escolar.⁹

Exercem funções neste agrupamento, noventa e quatro professores, três educadoras de infância, trinta e oito professores no primeiro ciclo e cinquenta e dois docentes no segundo e terceiro ciclos. A maioria faz parte do quadro, sendo que dezassete são contratados.

Relativamente aos serviços especializados de apoio Educativo, constatamos que estes funcionam articuladamente e destinam-se a promover a existência de condições que assegurem a plena integração dos alunos. O conceito de escola inclusiva para alunos com necessidades educativas especiais veio estabelecer um desafio para as escolas que integram estes alunos, promovendo uma maior atenção às diferenças individuais.

No que diz respeito aos recursos materiais, podemos afirmar que a escola está bem equipada. Para apoio às atividades letivas, a instituição possui diversos equipamentos audiovisuais, tais como: computadores portáteis, retroprojetores, televisores, vídeos, gravadores áudio, leitores de C.D., projetores de diapositivos e mapas. No âmbito do plano tecnológico, existem projetores multimédia em todas as salas de aula, quadros interativos e novos computadores. A instalação da banda larga e rede *wireless* em quase todo o edifício é já uma realidade. Equipamentos como câmara de filmar e máquina fotográfica digital estão também à disposição das outras escolas do agrupamento. Os laboratórios de Ciências Naturais encontram-se equipados com material indispensável às práticas pedagógicas cujo inventário se atualiza anualmente e, se necessário, se procede à aquisição /

⁹ Os elementos presentes nesta caracterização foram recolhidos a partir de documentos internos de matriz estruturante e normativa, em vigor nos anos letivos 2009-2013, designadamente, o Regulamento Interno e o Projeto Educativo.

substituição do mesmo. Na biblioteca, além dos livros disponíveis das várias áreas, há uma secção de material multimédia pedagógico em formato digital. A Biblioteca Escolar (BE) integra a Rede Nacional de Bibliotecas, pelo que têm vindo a ser seguidas as diretivas nacionais. Disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem que todos os membros da comunidade escolar se tornem pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação, em todos os suportes e meios de comunicação. O espaço da BE serve de suporte a atividades curriculares, de complemento curricular e de apoio pedagógico com recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação. O coordenador deste espaço desenvolve uma panóplia de atividades que fomentam a interação das áreas curriculares com o espaço lúdico que a biblioteca oferece, nomeadamente, a Semana da Leitura, o Projeto *Comenius* e diversos Concursos (“Uma aventura literária”; “Quem conta um conto... acrescenta um ponto”; “Faça lá um poema”; “O cartaz da minha escola”, entre outros). Para além do espaço físico, a biblioteca dinamiza um blogue, onde os alunos têm acesso a várias informações à distância de um simples *click*. O blogue tem uma mascote, conhecido como o “PapaLivros”, que interage com todos os visitantes da página web. São ainda desenvolvidas várias atividades no âmbito do Plano Nacional de Leitura. Neste sentido, tem-se vindo a proceder ao alargamento e diversificação de ações promotoras de leitura em contexto escolar e outros contextos sociais, através da realização de atividades em parceria com as Bibliotecas Escolares e Municipal, abrangendo todos os níveis de educação e ensino.

Como atividades extracurriculares, os alunos dispõem dos seguintes clubes: Atelier de Artes, Clube de Xadrez, Clube de Música e Clube de Expressão Dramática. A escola conta também com as atividades do Desporto Escolar, projeto ao qual a escola adere todos os anos, consciente dos enormes benefícios que as atividades desenvolvidas trazem aos jovens.

O desenvolvimento de parcerias entre o agrupamento e o meio envolvente são uma mais-valia para a implementação de projetos e atividades. Assim, salientam-se as seguintes entidades, com as quais foram estabelecidas parcerias: Câmara Municipal; Juntas de Freguesia; GNR/ Escola Segura; Centro de Formação Contínua de Viana do Castelo; Centro de Saúde de Darque; Grupo Recreativo e Cultural de Castelo do Neiva; Caixa de Crédito Agrícola; Empresas Recetoras de

Formandos dos Cursos CEF (Cursos de Educação e Formação de Jovens) e Instituições de Ensino Superior.

2.1.3. Uma turma acolhedora

A turma onde decorreu a prática pedagógica II era constituída por vinte e cinco alunos, sendo que na prática apenas vinte e três frequentavam as aulas, na medida em que dois alunos haviam sido transferidos no início do ano letivo. Desses vinte e três alunos, não havia nenhum com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Porém, são de destacar nove alunos que estavam sinalizados como sendo “casos merecedores de atenção educativa”, no sentido de apresentar alguns níveis de défice de atenção e concentração.

Este grupo de alunos revela ritmos de trabalho homogêneos, pois todos têm as regras de sala de aula bem presentes. São alunos muito respeitadores das normas instituídas e aceitam novos desafios com muita dedicação. Estão sempre prontos a trabalhar e, durante o processo, não ocorreram atos de indisciplina, tendo todos os meninos respeitado os professores e os colegas.

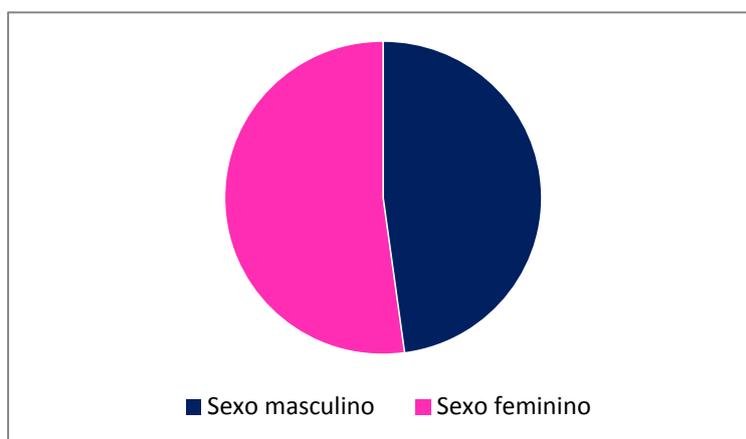
A média etária aponta para os doze anos de idade (onze raparigas e sete rapazes), embora alguns tenham apenas onze anos (um de cada sexo) e outros tenham treze, todos do sexo masculino.

Ao longo do estágio percebemos que a turma era unida. São amigos uns dos outros e estão sempre prontos a ajudar quem tem mais dificuldade em assimilar determinados conteúdos / executar determinada tarefa. Relacionam-se bem com as outras turmas e com as funcionárias. Têm uma dinâmica de sala de aula muito própria, ou seja, um aluno de nível excelente senta-se na carteira com outro de nível médio/baixo. Os pares são sempre os mesmos nas diferentes disciplinas, daí que seja desenvolvido um trabalho continuado, cujos resultados têm sortido efeito positivo, em alguns casos. De uma maneira geral, é uma turma com bom nível de aprendizagem. São participativos e interessados, dando-nos o prazer de lecionar e trabalhar com eles.

Relativamente ao número de alunos desta turma, os dados indicam que há equilíbrio na distribuição por sexo, considerando que, dos vinte e três elementos, 52% são meninas e 48% são meninos, sendo que se trata de uma diferença irrelevante em termos quantitativos.

Gráfico 1

Distribuição da turma por sexo



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Na distribuição da naturalidade por espaço concelhio, como seria espectável, 61% são naturais do concelho de Viana do Castelo, sendo que os restantes nasceram em Esposende, Porto e um caso em Toronto. Assim e considerando a proximidade geográfica, mais de 80% de uma área que abarca os municípios de Viana e Esposende, o que decorre do fator de proximidade. Dos restantes, são casos cujos pais se fixaram no espaço geográfico do agrupamento escolar. O facto de termos como naturalidade uma freguesia urbana, Santa Maria Maior, apenas significa que nasceram no Hospital do Alto Minho e que os progenitores lhes atribuíram o sítio onde viram a luz do dia como terra de nascimento. Esta variável tem de ser analisada em conjunto com o sítio de residência. Assim se explica que mais de 50% sejam residentes de Castelo do Neiva, terra onde se situa o agrupamento.

Quadro 1- Naturalidade dos alunos, por concelho e freguesia.

Concelho	Total	%	Freguesia	Total	%
Viana do Castelo	14	61%	Santa Maria Maior	14	61%
Porto	3	13%	Póvoa do Varzim	3	13%
Esposende	5	22%	Fão	5	22%
Toronto	1	4%	Toronto	1	4%
Total	23	100%	Total	23	100%

Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Quadro 2- Residência dos alunos, por concelho e freguesia.

Concelho	Total	%	Freguesia	Total	%
Viana do Castelo	19	83%	Castelo do Neiva	12	52%
			S. Romão do Neiva	2	9%
			Darque	2	9%
			Vila Nova de Anha	2	9%
			Meadela	1	4%
Esposende	4	17%	Forjães	2	9%
			São Paio de Antas	1	4%
			Mar	1	4%
Total	23	100%	Total	23	100%

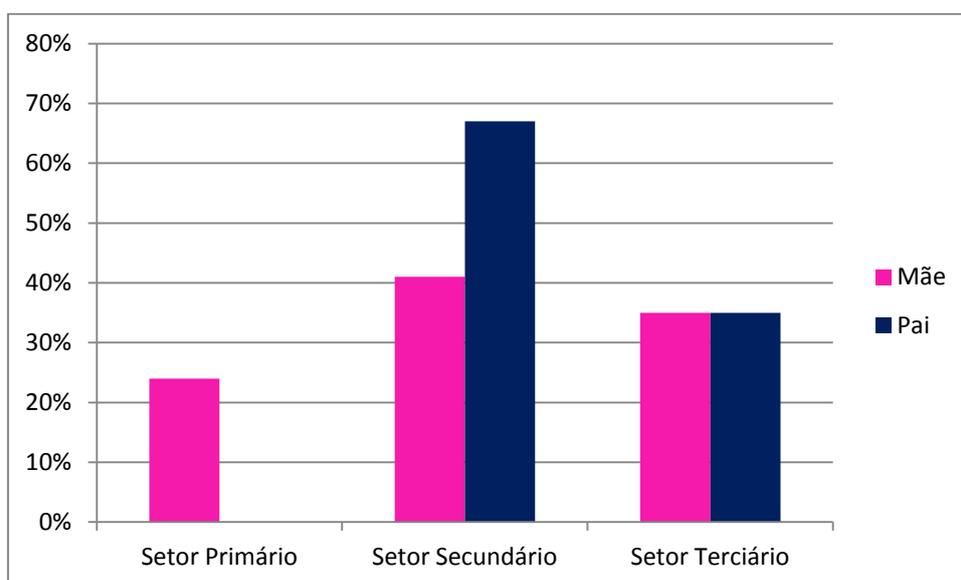
Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Quando analisamos a origem socioprofissional dos progenitores, podemos aferir que a grande maioria exerce a sua atividade profissional no setor secundário, sendo que uma outra se ocupa do setor terciário. Estes dados revelam informação importante acerca do grau de escolaridade dos progenitores. Apenas as mães, e com baixa percentagem (somente 24%), realizam atividades no setor primário.

Importa realçar que, dos vinte e três alunos, seis não têm mãe e cinco não têm pai. O motivo de haver tantos órfãos está relacionado com a atividade piscatória, característica desta zona, assim como, com outras causas relacionadas com doenças.

Gráfico 2

Profissão dos pais dos alunos, por setor de atividade

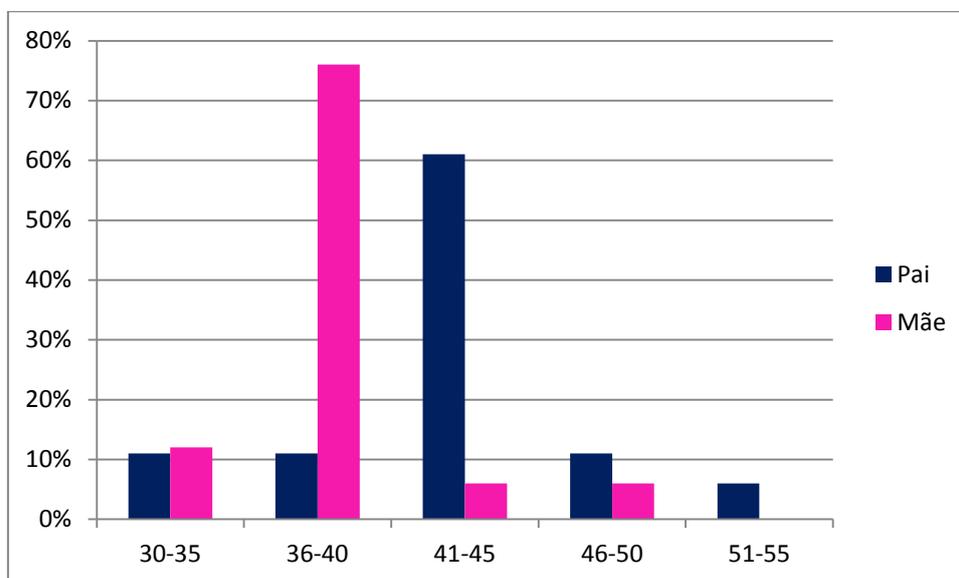


Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Da análise dos dados do gráfico 3, ressalta o facto de haver um grupo etário predominante, tanto no sexo masculino como no sexo feminino. Assim, é possível verificar que grande parte dos pais dos alunos tem entre 41 e 45 anos, o mesmo não se verificando com as mães, cuja idade predominante está entre os 36 e os 40 anos. No caso das mães dos alunos, não há nenhuma que tenha entre 51 e 55 anos. Face a estes dados podemos afirmar que a média das idades dos progenitores ronda os 41 anos.

Gráfico 3

Progenitores por grupos etários



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Relativamente aos dados informativos dos alunos, ao aplicarmos e analisarmos o inquérito por questionário, pudemos perceber que quase todos gostam da sua escola, exceto um aluno, que respondeu negativamente a esta questão. A grande maioria apontou como motivo principal o facto de gostar de estar com os seus amigos e gostar de estudar e aprender. No que compete ao diálogo em casa, sobre a vida escolar, dezasseis alunos afirmaram conversar todos os dias sobre a escola e sete revelaram que só abordam este assunto quando têm testes. No grupo dos vinte e três discentes, três afirmaram já ter repetido um ano letivo, nomeadamente, o 4.º e o 6.º anos de escolaridade. Um estudo realizado por Leandro Almeida e outros autores, concluiu que os alunos cujo rendimento familiar é baixo, tendem a ter um menor acompanhamento por parte dos pais.¹⁰

¹⁰ ALMEIDA, Leandro, *et. al* – *Sucesso e Insucesso no Ensino Básico: Relevância de variáveis socio-familiares e escolares em alunos do 5.º ano*. In Actas do VIII Congresso Galaico Português de PsicoPedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2005, p. 3630.

Focando-nos um pouco nos hábitos de leitura, pudemos concluir que a totalidade dos alunos costuma ler frequentemente. Todos possuem livros em sua casa, sendo que a grande maioria tem entre 101 e 500 livros. Quanto aos hábitos de estudo, treze alunos estudam frequentemente, oito estudam diariamente, um deles estuda apenas quando a matéria lhe agrada e há ainda um outro caso, que estuda na véspera dos testes. Estes dados permitem-nos aferir que estamos perante uma turma com bons hábitos de estudo, que se refletem nos níveis de desempenho. O mesmo autor defende que a generalidade dos alunos associa a escola à aquisição de novos conhecimentos e à preparação para a vida profissional.¹¹ No fundo, existe um conjunto de variáveis que interferem no desempenho escolar dos discentes. Por um lado, temos os fatores sociais, nomeadamente, o acesso a bens culturais, meios tecnológicos, ambiente familiar e zona de residência. Por outro lado, há os fatores que estão diretamente relacionados com as dinâmicas internas de cada escola, particularmente, o currículo, os métodos e as dinâmicas utilizados, os manuais escolares selecionados, o modelo de avaliação, a qualidade dos espaços físicos, entre outros.¹²

¹¹ IDEM, p. 3640.

¹² IDEM, p. 3629.

SELEÇÃO CRITERIOSA E
JUSTIFICADA DAS PLANIFICAÇÕES

III

Prólogo

O presente capítulo refere-se às experiências de aprendizagem realizadas durante a Prática de Ensino Supervisionada II. Em cada uma das quatro áreas é feita uma descrição de uma das aulas lecionadas, bem como uma reflexão acerca da mesma. No tópico 3.1. é apresentada a primeira aula lecionada na unidade disciplinar de Português, tendo ocorrido no dia 2 de abril de 2013. No item 3.2. damos a conhecer os conteúdos trabalhados na disciplina de Ciências Naturais, nomeadamente, na terceira aula, ocorrida a 10 de abril de 2013. Em 3.3. faz-se referência à sexta aula da unidade disciplinar de Matemática, lecionada no dia 14 de maio de 2013. Na secção 3.4. abordamos os conteúdos previstos para a quarta aula da disciplina de História e Geografia de Portugal, lecionada no dia 13 de maio de 2013. Posteriormente, são apresentados alguns quesitos que estiveram na origem de toda a investigação (3.5.).

3.1. Português

A aula lecionada no dia 2 de abril teve uma duração de noventa minutos e esteve inserida na unidade Ulisses, de Maria Alberta Menéres. Esta aula contribuiu para a aplicação das seguintes metas de aprendizagem: «Organizar a informação contida no texto: utilizar procedimentos para registar e reter a informação; procurar, recolher, seleccionar e organizar informação, com vista à construção de conhecimento (de acordo com objetivos pré-definidos e com supervisão do professor)».

Numa fase inicial, elaborou-se o plano de aula (anexo 1), que foi analisado pela Professora Supervisora e pela Professora Cooperante e, posteriormente, procedeu-se à elaboração dos recursos que seriam necessários para esta aula.

Depois de preparar todos os recursos didáticos, verificaram-se as condições físicas da sala e a distribuição dos espaços, conforme nos era recomendado pelo orientador deste relatório, em seminários. Após a entrada dos alunos, começou-se por avaliar atitudes iniciais, como a etiqueta na saudação, motivação e interesse.

Antes de iniciar a matéria, foi feita uma breve exposição, apresentando as metas e conteúdos. Fez-se ainda um questionário oral de reforço de saberes, tirando dúvidas e criando o ambiente para começar o estudo, dando a conhecer que haveria um pequeno vídeo para ser projetado.

Assim, a aula começou com a visualização de um vídeo motivacional sobre a valorização do eu. Este momento inicial tinha como principal objetivo estimular o crescimento pessoal dos alunos, levando-os a acreditar nas suas capacidades e potencialidades. Os vídeos motivacionais, na sua maioria, visam inspirar pessoas, baseados em pequenas experiências que podem fazer a diferença. As temáticas são variadíssimas, mas trabalham sobretudo o otimismo, a liderança, a autoestima e o sucesso. Após uma breve discussão acerca do vídeo, os alunos foram incitados a descobrir qual a obra que seria estudada ao longo das aulas seguintes. Primeiramente, foram formados cinco grupos, com quatro elementos cada. Para tal, foi utilizada uma dinâmica em que cada discente tinha uma imagem relacionada com a obra que seria posteriormente estudada. Deste modo, teriam de se agrupar por subtemas. Terminado o momento de formação dos grupos, partiu-se para a atividade de pré-leitura. Pelo espaço escolar (entenda-se interior e exterior), estavam distribuídos vários postos, pelos quais os grupos teriam obrigatoriamente de passar. Em cada posto, era lançado um desafio relacionado com a obra. No final do *Peddy-Paper*, os alunos dirigiram-se à sala de aula, onde foi efetuada a correção das respostas. Ao melhor grupo foi atribuído um prémio de excelência simbólico (uma medalha previamente elaborada em cartão), sendo que os restantes receberam um prémio de participação (um diploma). Posteriormente, foi apresentado um *PowerPoint* com a biografia da autora da obra *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres. Com o intuito de envolver os alunos para o seguimento das aulas vindouras, foi-lhes solicitado que pesquisassem na biblioteca da escola ou em casa, obras escritas pela mesma autora. Esse trabalho seria o ponto de partida na aula seguinte.

No decorrer da aula foi possível avaliar atitudes, como perceber o crescendo de entusiasmo por parte dos alunos, o interesse, a motivação, a atenção e a alegria da descoberta. Pensamos que a aula estava bem estruturada, uma vez que continha diferentes momentos, considerando assim que o plano foi cumprido. O momento inicial teve como objetivo trabalhar uma parte mais pessoal de cada aluno. É

essencial que um professor saiba valorizar o que cada aluno tem de melhor e transmitir-lhes a importância de acreditar neles próprios. Nas semanas de observação das aulas que foram lecionadas pela Professora Cooperante, foi possível perceber que estava perante crianças sensíveis, com histórias de vida incríveis, e com alguma necessidade de absorver motivação, coragem e otimismo. E foi aí que surgiu a ideia: “Podemos marcar a diferença...”, sem que elas se apercebessem, é claro. A estratégia que pareceu ser a mais adequada foi mostrar um vídeo motivacional todas as segundas-feiras, de modo a encorajá-los para mais uma semana de trabalho, e mais uma semana nas suas vidas. Foi com um enorme sentido de receção e abertura que os alunos se propuseram a mudar, cada dia um bocadinho mais. O crescimento pessoal, esse, foi evidente, aula após aula, semana após semana, mês após mês... Pôde-se verificar a evolução de cada aluno, individualmente, através da observação direta e de uma produção escrita, que lhes foi solicitada pelo colega/par de estágio, no final da sua intervenção, onde os discentes espelharam a sua mudança, através de histórias fabulosas, onde reinavam palavras como sucesso, sonhos, luz, vida, esperança, amor, humor, entre muitas outras igualmente maravilhosas. Foi como um enorme sabor de missão cumprida que aqueles momentos de vida foram vivenciados. Para além de transmitir todos os conhecimentos inerentes ao programa curricular do 6.º ano de escolaridade, assistiu-se de perto ao crescimento daquelas crianças, quer intelectual, quer emocionalmente.

3.2. Ciências Naturais

Na disciplina de Ciências Naturais, fiquei responsabilizada por lecionar a unidade «Transmissão da vida», cujos conteúdos a trabalhar seriam: reprodução humana e crescimento; reprodução nas plantas (anexo 2).

A meta de aprendizagem que me propus a trabalhar na aula do dia 10 de abril, um bloco de quarenta e cinco minutos, foi a seguinte: «O aluno descreve os principais estádios do desenvolvimento humano (uterino e puberdade), distinguindo-os entre si.».

Ao aplicar a ficha de avaliação diagnóstico na primeira aula, verificou-se que os alunos tinham algumas concepções alternativas relacionadas com a temática em estudo. Relativamente a esta aula, registaram-se as seguintes concepções:

- a) Ideia de que o papel atribuído ao pai na formação do bebé é fazer entrar a “semente” – associam o gâmeta masculino à semente relacionando este conceito com o que estão mais familiarizados, a semente da planta.
- b) Restrição do papel da mãe, uma vez que, julgam que esta apenas dá o alimento e proteção durante a vida intrauterina.
- c) Noção de que o pai tem um papel ativo, central e preponderante na reprodução e que a mãe tem um papel passivo na formação do zigoto, isto é, é um simples recetáculo do embrião, à qual vai proporcionar condições para que cresça e se desenvolva.

A aula em questão tinha como principal objetivo fazer com que os alunos compreendessem que a reprodução, função comum aos seres vivos, assegura a continuidade da vida. Deste modo, a aula iniciou-se com um *brainstorming*. A docente colocou no quadro a seguinte frase: “Que cuidados são necessários durante a gravidez?”, solicitando aos alunos que indicassem as precauções que uma grávida deve ter no período de gestação. À medida que íamos completando a “chuva de ideias”, os alunos efetuavam o registo no caderno diário. Este momento da aula permitiu verificar quais as concepções alternativas¹³ dos alunos. Uma vez que o diálogo foi uma constante, houve possibilidade de corrigir determinados pensamentos que não estavam corretos.

Posteriormente, foi apresentado um vídeo relacionado com o tema em estudo (“Era uma vez... O Corpo Humano – Episódio 10 – O Nascimento”). O episódio foi apresentado com alguns intervalos, onde era solicitado aos alunos que,

¹³ São concepções perfilhadas pelos indivíduos que, não consistindo em erros fortuitos, não coincidem com as aceites pela comunidade científica mas fazem sentido e são úteis para aqueles que as possuem, na medida em que são adequadas à realização/resolução das suas tarefas de cidadão comum. Consultado a: 15 de novembro de 2013, disponível em: <http://www.dct.uminho.pt/biogeo/recursos/met/file1.pdf>.

com base nos conhecimentos adquiridos em aulas anteriores, tentassem explicar por palavras suas o conteúdo do vídeo. Os contributos dos alunos enriqueceram o momento e foram sendo concluídos com a minha explicação. Para que a visualização fosse mais apelativa, foi entregue aos discentes uma pequena ficha, que continha as diferentes personagens. Os alunos tinham de completar à medida que as personagens apareciam. O vídeo constitui uma estratégia rica pois, para além de motivar os alunos, transmite informação de uma forma única e atrativa. O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, e permite-nos sentir, experienciar, vivenciar. Esta ferramenta explora vários sentidos e coloca-nos diante de situações diversas, que despoletam em nós emoções e sentimentos.

No final da aula, fez-se circular uma ecografia pelos discentes, transmitindo-lhes a ideia de que há alguns anos a mulher só podia imaginar o bebé que esperava. Atualmente, graças ao avanço da tecnologia, é possível visualizar o feto, acompanhar o desenvolvimento, crescimento, saber o sexo e detetar anomalias. Além das ecografias convencionais, é agora possível ver o feto a três dimensões (3D), com maior precisão e em tempo real.

Estava prevista uma súpula da matéria estudada ao longo da aula, através do diálogo. No entanto, a mesma teve de ser transposta para a aula seguinte, dado o tempo limitado.

Esta aula primou pela diversidade de materiais e estratégias apresentadas. Pensamos que é importante “dar voz aos alunos”, saber o que eles pensam sobre determinado assunto, para depois partirmos para a exploração dos conteúdos científicos. Desta forma teremos mais margem para desconstruir pensamentos erróneos e aperfeiçoar ideias prévias.

3.3. Matemática

Na área disciplinar de Matemática fiquei responsável por lecionar os seguintes conteúdos: representação e interpretação de dados; números inteiros (anexo 3).

Na aula do dia 14 de maio, os alunos iriam explorar um conteúdo novo, ou seja, a adição de números inteiros. As metas de aprendizagem relacionadas com este conteúdo eram: «opera com números inteiros; interpreta e resolve problemas usando a adição de números inteiros; localiza e posiciona números inteiros na reta numérica.». A aula teve a duração de noventa minutos.

Para que a introdução do tema fosse realizada de uma forma subtil, optou-se por concretizar um jogo. Através do jogo, pretendia-se que os alunos inferissem as regras da adição. A atividade era a pares. Para o efeito, foi entregue a cada grupo, dois dados de cor diferente (exemplo: azul e vermelho). O dado vermelho representava pontos negativos e o dado azul representava pontos positivos. Um aluno deveria ficar com o dado vermelho e outro com o dado azul. Cada discente lançava o seu dado e registava numa tabela o valor obtido (número saído), mas com o sinal do seu dado (+ ou -), antes do número. O aluno a quem saísse o maior número, independentemente do sinal, registava a diferença entre o número que lhe saiu e o que saiu ao seu adversário, com o respetivo sinal (pontuação obtida) – exemplo: saiu 4 ao aluno com o dado azul (marca +4) e 6 ao jogador com o dado vermelho (marca -6). O aluno do dado vermelho, uma vez que obteve a face de maior valor, marca dois pontos (o que tem a mais do aluno com o dado azul), mas como o seu dado é negativo, coloca o sinal negativo antes do 2 (marca -2 pontos); saiu 5 (marca +5) ao aluno com o dado azul e 2 (marca -2) ao aluno do dado vermelho. O aluno do dado azul, uma vez que obteve a face de maior valor, marca três pontos (o que tem a mais do que o vermelho), mas como o seu dado é positivo coloca o sinal positivo antes do 3 (marca +3 pontos); saiu 4 (marca +4) ao aluno do dado azul e 4 (marca -4) ao aluno do dado vermelho. Houve um empate. Cada jogador marca zero pontos. Cada aluno tinha de lançar o dado quinze vezes. No final ganhava o aluno que tivesse mais pontos (positivos ou negativos). No fundo, o objetivo principal do jogo era interpretar e resolver problemas, utilizando a adição de números inteiros. Sem que eles se apercebessem, já estavam a aplicar a regra, ainda que inconscientemente. Os jogos matemáticos constituem um excelente recurso didático, na medida em que desenvolvem o raciocínio lógico e estimulam o pensamento. Os jogos educativos com fins pedagógicos revelam grande importância no processo de ensino/aprendizagem, pois aumentam o conhecimento, através do lúdico, da capacidade de comunicação e interação. O jogo

beneficia, de certa forma, o desenvolvimento da linguagem, do raciocínio dedutivo e da criatividade.

Após este momento introdutório, seguiu-se um diálogo, onde foram colocadas algumas questões, nomeadamente: “Que operação estiveram a trabalhar no decorrer da atividade?”; “Como explicariam de que forma se obtém a adição de números inteiros?”; “Existe alguma diferença entre adição de números inteiros com sinais iguais ou sinais contrários? Qual? Como explicam?”.

Partindo das ideias resultantes do diálogo, chegamos à noção de número inteiro e à regra da adição. Como tal, foi efetuado o registo no quadro, para que os alunos pudessem acompanhar, fazendo o registo no caderno diário, com o intuito de facultar a informação de uma forma organizada e perceptível para os discentes.

No final, foi entregue uma ficha de trabalho para consolidação dos conhecimentos. Pretendia-se que a ficha fosse resolvida individualmente, para que a professora estagiária pudesse circular pela sala e, desse modo, tivesse uma melhor perceção acerca das aprendizagens individuais. A correção foi efetuada em grande grupo, pois muitas vezes, as dúvidas de uns são também dúvidas de outros.

No fundo, procurou-se introduzir um tema novo através da pedagogia do jogo, acreditando nas suas potencialidades.

3.4. História e Geografia de Portugal

Na área da História e Geografia de Portugal, foram-me atribuídos os tópicos da demografia portuguesa e da organização económica por setores de atividade.

A aula lecionada no dia 13 de maio, um bloco de noventa minutos, enquadrava-se na unidade «Portugal nos dias de hoje – sociedade e geografia humana», sendo que os conteúdos a trabalhar eram: «A organização económica: o mundo do trabalho; o setor primário» (anexo 4).

Esta aula contribuiu para a prossecução das seguintes metas de aprendizagem: «Descrever a distribuição da população e de algumas atividades

económicas, em Portugal Continental, nos Açores e na Madeira, enunciando fatores que a condicionam; Analisar e debater casos concretos de mudanças no uso do espaço urbano (construção de novos bairros habitacionais, espaços de lazer...), apresentando, oralmente os argumentos que fundamentam as suas opiniões.».

A planificação/estruturação das aulas foi vista, numa primeira instância, pela Professora Cooperante, que deu dicas valiosas sobre o comportamento da turma, nas aulas de História. Num segundo momento, as planificações foram validados pelo Professor Orientador. Em regime de tutoria, tivemos a oportunidade de registar formas de estar e movimentar na sala de aula, utilizar os recursos didáticos, interagir com os alunos, e também sugestões de como projetar a voz.

Antes de iniciar a aula, esperou-se que todos os alunos entrassem para a sala. Começou-se por avaliar atitudes iniciais, tendo registado alguma agitação no início da aula, que poderá estar relacionada com a motivação para o estudo do tema.

Após todos estarem devidamente sentados nos seus lugares, foram colocadas algumas questões orientadoras que pretenderam não só aferir o que os alunos tinham retido da aula anterior, assim como fazer uma avaliação diagnóstico sobre a temática da aula em questão.

Esta atividade foi uma prática corrente durante todo o estágio, sugerida pela Professora Cooperante. Deste modo, era possível verificar se os conteúdos tinham, de facto, ficado sedimentados, ou se, pelo contrário, deveria insistir numa temática em que tivesse apercebido que existiam ainda algumas dúvidas. Por outro lado, permitia aos alunos estabelecerem conexões e relembrarem a matéria lecionada.

A aula era constituída por dois momentos distintos. Num primeiro momento, realizou-se uma “visita de estudo” dentro da própria sala de aula. Para tal, recorreu-se aos meios tecnológicos e informáticos, que serviram de suporte a toda a atividade. Em horário não letivo, dirigimo-nos ao Núcleo Museológico do Sargaço, situado na zona onde se encontra a escola, tendo participado numa visita guiada, onde foi possível fotografar os objetos de maior interesse. Após uma primeira análise e recolha de informação, tornou-se imperioso a forma como deveria ser organizado.

Assim, optou-se por utilizar uma ferramenta da *Microsoft*, nomeadamente, o *PowerPoint*, que permitiu estruturar toda a informação até então recolhida. Para complementar e enriquecer o trabalho, recorreu-se a bibliografia relacionada com o tema. Antes de apresentar o *PowerPoint*, os alunos foram questionados no sentido de aferir se tinham ou não conhecimento do Núcleo Museológico existente na sua área de residência. Através do diálogo pôde-se perceber que muitos deles sabiam da existência do referido núcleo, mas não tinham tido oportunidade de visitá-lo.

Ao apresentar a capa do *PowerPoint*, onde consta uma imagem da freguesia onde se localiza a escola, foi notório o fascínio de todos, pois tratava-se do meio onde estão inseridos. Ao trabalhar um contexto familiar dos alunos, estando o mesmo relacionado com o conteúdo programático, foi uma mais-valia pois iria envolver muito mais os discentes na aprendizagem.

No primeiro bloco dos noventa minutos, utilizou-se o método expositivo e interrogativo. Foram sendo colocadas questões simples e outras mais complexas, que exigiam o relacionar de conteúdos, distribuindo as questões pelo maior número de estudantes.

O principal objetivo dos primeiros quarenta e cinco minutos da aula era criar uma área que tivesse identidade com a freguesia e com os alunos e, naturalmente, com o mar e o sargaço, que representa a imagem de marca etnográfica, pois durante muitos anos, foi a base da economia daquela zona. Também o rancho folclórico assume um papel de destaque naquele lugar. O grupo folclórico e etnográfico de Castelo de Neiva conta já com muito anos de existência, sendo que a sua principal preocupação é preservar as tradições, usos e costumes daquele povo. As músicas e letras do rancho refletem a forte ligação deste povo ao mar e à faina da pesca. No núcleo museológico é possível encontrarmos o traje do sargaço. No entanto, Castelo de Neiva é conhecido pela existência de variados trajes, nomeadamente, sargaceiro, pescador, mulher de emigrante, romeiro, lavadeira e domingar.

No segundo momento da aula foi realizado um *role-play* (anexo 5) sobre os setores de atividade, com maior incidência no setor primário. O *role-play* é uma estratégia que privilegia a comunicação entre os vários intervenientes numa simulação em contexto real. Foi atribuído um papel a cada aluno. Havia o grupo

dos agricultores tradicionais, dos agricultores biológicos, pescadores, caçadores, guardas florestais, e uma menina que representava a ministra da agricultura. O guião do *role-play* foi entregue aos discentes com uma semana de antecedência, para que tivessem o tempo necessário para prepararem a sua personagem. A preparação da personagem exigia pesquisa sobre o tema e elaboração de adereços. Os estudantes foram colocados perante situações que os levavam a interagir com os colegas. Uma vez que não existia um texto previamente preparado, mas um guião, os alunos tiveram maior liberdade e à-vontade para comunicar, o que contribui para a melhoria das competências cognitivas. O empenho e dedicação dos alunos antes e durante a atividade foi muito satisfatório, na medida em que foi visível a preparação efetuada em casa.

A disposição da sala foi alterada, ajustando-se à atividade que foi desenvolvida. Antes de iniciar o *role-play*, foram definidas as regras em conjunto com os discentes, de modo a garantir a disciplina e o respeito pelo outro.

«O espaço físico da sala de aula possui elementos que, conforme a sua organização, constituem um determinado ambiente de aprendizagem que irá, conseqüentemente, condicionar a dinâmica de trabalho e as aprendizagens que aí se poderão efetuar. Ele deverá estar organizado tendo em vista a atividade a ser desenvolvida, pois constitui o elemento que condiciona mais claramente a estrutura do espaço.»¹⁴

Nos últimos quarenta e cinco minutos foi posto em prática o método do ensino pela descoberta, baseado na teoria construtivista. Os alunos assumiram um papel ativo durante o processo de ensino-aprendizagem. Este método prima por encorajar os alunos a colocar questões, formular hipóteses, pesquisar e chegar a determinadas conclusões. A aprendizagem pela descoberta, segundo Jerome Bruner,¹⁵ tem em consideração alguns aspetos importantes, nomeadamente:

1. A motivação dos alunos para o processo de ensino-aprendizagem;
2. A apresentação dos conteúdos de modo a facilitar a sua interiorização;

¹⁴ FORNEIRO, M. L. I.- Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación Infantil: dimensiones y variables a considerar. Revista Iberoamericana de educación, Espanha, n. 47, p. 49-70. maio/ago. 2008, citado por TEIXEIRA, Madalena e REIS, Maria - A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa, p. 169.

¹⁵ Consultado a: 15 de novembro de 2013, disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/bruner>.

3. O docente deve incentivar à criatividade e correlação de conteúdos programáticos;
4. O professor deve promover debates e dar espaço ao aluno para que este coloque as suas premissas;
5. A cada apresentação, o professor deve aprofundar mais os conteúdos, para que os alunos desconstruam as próprias concepções alternativas.

Como forma de sintetizar os conteúdos abordados nesta aula, o sumário foi elaborado juntamente com os discentes. O mesmo foi registado no quadro, para que os alunos o pudessem escrever no caderno diário.

3.5. Justificação da seleção do tema de investigação

O desencadear da aula número quatro suscitou a curiosidade de observar e analisar criteriosamente o modo como estes mesmos alunos reagiriam perante as diferentes formas de realizar visitas de estudo. Uma das formas já tinha sido explorada com bons resultados. Nesse sentido, foi notória a vontade de experienciar novas situações dentro desta área. Sabendo-se, *a priori*, que grande parte da turma gostava da disciplina, havia uma pequena parte que não se identificava com a área curricular em questão. Foi essa (pequena) parte, que levou a explorar este âmbito, com o intuito de lhes mostrar a importância da História. A História é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. O tempo histórico tem associado um conjunto de noções temporais que permitem analisar e descrever “uma pessoa, lugar, objeto ou acontecimento”.¹⁶ Para tal, é utilizada a cronologia, que nos possibilita medir o tempo. O que acontece em alguns casos é o

¹⁶ SOLÉ, Maria Glória Parra Santos – *Dissertação de Doutoramento na Área de Estudo do Meio Social: A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico- a conceção do tempo e a compreensão histórica das crianças e os contextos para o seu desenvolvimento*. Braga: Universidade do Minho, 2009, p.6.

facto de não terem uma clara noção temporal, o que dificulta a perceção de certos acontecimentos. Perante esta perspetiva, surge-nos uma questão: “Qual a contribuição das visitas de estudo para uma efetiva aprendizagem?”. De acordo com António Almeida, as visitas de estudo podem revelar-se atividades facilitadoras da perceção dos acontecimentos científicos, desenvolvendo assim competências de foro cognitivo e socio afetivo.¹⁷

3.5.1. Algumas questões da investigação

Após a seleção do tema da investigação, foram surgindo algumas questões, que estiveram na base de todo o trabalho realizado. Interessava-nos, por um lado, averiguar a importância da realização das visitas de estudo e, por outro lado, problematizar se formas distintas de dinamização interferem nestas dinâmicas.

Partindo destas ideias, eis que se erguem alguns quesitos:

- a) Em que medida a realização de visitas de estudo influencia a resposta dos alunos em termos de desempenho e interesse pela disciplina?
- b) O planeamento e a organização de atividades desta natureza, pode ser vantajoso para a gestão do currículo?
- c) Será que as visitas de estudo, no âmbito do ensino da História, agilizam o processo de ensino/aprendizagem?

¹⁷ ALMEIDA, António – *Visitas de Estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 25.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

IV

Prólogo

Neste capítulo é apresentado um enquadramento teórico da investigação desenvolvida, baseado em estudos realizados por outros autores, acerca do mesmo tema. Nesse sentido, no tópico 4.1. são abordadas questões sobre o ensino da história. O ponto 4.2. refere-se à didática das visitas de estudo. Em 4.3. são tratados os diferentes tipos de visitas de estudo. No item 4.4. procuramos dar ênfase às formas de organização e dinamização de atividades desta natureza.

4.1. Questões sobre o ensino da história

Ensinar não é uma mera conexão que se constrói entre o professor e o aluno. Opera-se uma tripla relação onde o docente estabelece uma ponte de ligação entre os saberes do aluno, as suas próprias competências e a área do conhecimento.¹⁸ Sobre esta questão, Margarida Felgueiras defende que o processo de ensino-aprendizagem é influenciado por um conjunto de fatores que ultrapassam esta componente tripartida, ou seja, “a investigação atual sugere-nos uma rede mais vasta de relações que tem a ver com a atmosfera e o meio em que a aprendizagem decorre, a origem social dos intervenientes no processo, ...”.¹⁹

Na mesma perspetiva, podemos dizer que o processo de ensino-aprendizagem deve partir da experiência dos alunos, pois “sabendo que não podemos ensinar o que não se deseja aprender”, o ideal seria investir na motivação, através da apresentação de materiais didáticos que proporcionem uma melhor aprendizagem, desde que bem utilizados e adequados a cada turma.²⁰ Importa realçar ainda que o material didático utilizado no ensino da história é numeroso e diversificado. O principal objetivo dos materiais de ensino é fazer com que o aluno participe ativamente no trabalho desenvolvido em sala de aula,

¹⁸ BURSTON, W. H. cit. in FELGUEIRAS, Margarida - *O ensino da história*. Revista portuguesa de educação, 1968, 1 (1), pp. 111-121.

¹⁹ IDEM, p. 112.

²⁰ RODRIGUES, Henrique F. - *Pedagogia e didática da montagem audiovisual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 337.

contribuindo desta forma para que a aprendizagem se torne mais objetiva e estimulante.²¹

Contudo, a didática da história é uma das didáticas mais complexas, na medida em que não possui objetos reais ou atuais.²² Neste sentido, o docente deve utilizar acontecimentos passados adaptáveis às condições e possibilidades intelectuais do aluno. Na perspectiva de Michel Brunet, antes de ser ensinada, a história é vivida por uma determinada coletividade, inserida num tempo e espaço específicos. Os que participam diretamente nos acontecimentos ou são unicamente suas testemunhas, interpretam-nos à luz de uma imagem muito própria e particular.²³ Note-se que “ensinar história é totalmente diferente de fornecer uma informação sobre o passado”²⁴. A criança ou adolescente devem estar abertos e sensibilizados para a realidade, ou seja, ter condições para perceber que a história abarca um universo físico, social, espacial e temporal que ultrapassa a sua noção e conhecimento do mundo. Contudo há alguma controvérsia acerca da noção de tempo histórico, percecionada pelas crianças.²⁵ Os estudos sobre a aprendizagem do tempo foram levados a cabo, numa primeira instância, por Jean Piaget. Atualmente, já existe uma panóplia mais diversificada acerca desta temática, embora ainda seja um tema que gere alguma estranheza, no sentido de não ser fácil fazer a leitura da percepção de algo tão abstrato, como é a noção do tempo. Porém, e de acordo com Glória Solé, é possível desenvolver estruturas mentais que permitam uma melhor compreensão histórica e temporal, através da implementação de atividades, cujos objetivos estejam delineados nesse sentido.²⁶ Também Henrique Rodrigues defende que “se as aulas estão direcionadas para os alunos, devem, os mesmos, ter um papel activo e preponderante na sua construção pois, caso contrário, não sentem a satisfação da descoberta e da efectiva

²¹ SANTOS, Theobaldo Miranda – *Noções de Metodologia do Ensino Primário (11.ª edição)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 1, p. 208.

²² ROJO, Lucas cit. in FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Herrero - *Como preparar uma aula de história (2.ª edição)*. Rio Tinto: Edições ASA, 1991, p. 11.

²³ BRUNET, Michel – *História vivida e História Ensinada* in *A História e o seu Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976, p. 23.

²⁴ JETTÉ, René – *História e cultura ou defesa do Ensino da História* in *A História e o seu Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976, p. 43.

²⁵ SOLÉ, Maria Glória Parra Santos – *Dissertação de Doutoramento na Área de Estudo do Meio Social: A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico- a conceção do tempo e a compreensão histórica das crianças e os contextos para o seu desenvolvimento*. Braga: Universidade do Minho, 2009, p.17.

²⁶ IDEM, p. 828.

participação”.²⁷ Só assim, o empenho dos alunos será crescente e esse aumento de interesse repercutir-se-á nos resultados.

Não podemos deixar de registrar que é necessário fazer uma reflexão consciente, focada na disciplina e na aprendizagem, nomeadamente, nos métodos, técnicas e materiais didáticos que são utilizados. Esta necessidade advém dos novos papéis atribuídos ao professor, considerado como aquele que toma decisões curriculares e estrutura as situações de aprendizagem.²⁸

Em síntese, e continuando apoiados no pensamento de Henrique Rodrigues, cabe ao docente o papel de consciencializar e fornecer elementos para que os alunos possam fazer um estudo do passado, para que livremente e com competência se prepare o devir da nação.²⁹

Contudo, coloca-se o problema de os currículos, que oficialmente são propostos ao docente e os manuais que os traduzem, veicularem uma conceção de história específica pois, muitas vezes, os manuais traduzem a interpretação das orientações curriculares sob a perspetiva dos seus próprios autores. Tais interpretações conduzem para quadros de subjetividade, questão que não trataremos neste relatório, mas que nos sensibiliza. Aqui entra a problemática da avaliação dos manuais escolares. Além da qualidade do manual e da sua utilização, é necessário um olhar crítico para as abordagens científicas e didática dos conteúdos programáticos. Mas também devemos ter em atenção que as orientações curriculares propostas oficialmente apontam para uma integração das novas abordagens apoiadas em Tecnologias de Informação e Comunicação em ambiente escolar.³⁰ É neste quadro que, baseados na Escola Básica Integrada de Castelo de Neiva, onde existe uma panóplia de materiais ligados às novas tecnologias, entre eles o quadro interativo, podemos aferir que foi possível haver uma maior dinâmica no processo de ensino e uso de outros materiais didáticos diversificados.

²⁷ RODRIGUES, Henrique F. – *Pedagogia e didática da montagem audiovisual*, o.c. p. 337.

²⁸ FÉLIX, Noémia - *A história na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica, 1998, p. 25.

²⁹ RODRIGUES, Henrique – *O papel formativo da história*, o.c. p. 8.

³⁰ AMOÊDA, Sandra Maria da Costa; MARTINS, Helena; VASCONCELOS, Clara Maria da Silva - *Análise científico-didática de manuais escolares: um estudo na temática da tectónica de placas*. Linhas. Florianópolis, 2007. 9 (2), pp. 76 – 94.

Assim, para que o ensino da história seja possível, é necessário que haja um reajuste do saber científico, tendo em consideração o contexto escolar, familiar, social, cultural e outros quadros em que se integram os alunos.

Partindo da experiência durante a PES II, mesmo que modesta, apuramos que os alunos aprendem de forma mais efetiva, quando são o centro da aprendizagem, ou seja, o professor deve ter um papel orientador, promovendo ambientes de aprendizagem agradáveis e motivadores. “O ensino da história só dá resultados quando ajustado aos interesses, à experiência e à compreensão dos alunos. A curiosidade insaciável da criança, a sua ânsia de conhecer o porquê dos acontecimentos, constituem uma base excelente para a motivação da aprendizagem da história”.³¹

Por fim, é importante que os alunos tenham o gosto pela aprendizagem, proporcionando-lhes o prazer da participação, fazendo destes pequenos atores os construtores da aula. Logicamente que o aluno só poderá ser a «vedeta» se, antecipadamente, o seu professor apresentar o método a seguir e o preparar num trabalho árduo, com uma série de atividades cativantes.³² Aqui, conjugam-se as atividades lúdicas com as aprendizagens, nomeadamente, os jogos, as teatralizações, as visualizações de vídeos, entre todas elas, as visitas de estudo.

4.2. Didática das visitas de estudo

As visitas de estudo são uma das estratégias que mais motivam os alunos, dado o seu carácter prático, motivador e propiciador de aprendizagens em liberdade espacial. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-aluno que propicia, leva a que os seus intervenientes se empenhem na realização da mesma. Todavia, a visita de estudo é mais do que uma mera componente lúdica do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, é mais do que um simples passeio. Perante este panorama, colocam-se as seguintes perguntas: “O que se entende por visita de estudo?” Que papéis para o professor e para os

³¹ SANTOS, Theobaldo Miranda – *Noções de Metodologia do Ensino Primário (11.ª edição)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 1, p. 207.

³² FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Herrero - *Como preparar uma aula de história (2.ª edição)*. Rio Tinto: Edições ASA, 1991, p. 15.

alunos? E a comunidade, em que medida pode interagir nestas dinâmicas de aprendizagem? Eis algumas questões de partida.

De acordo com o Ofício-circular emitido pelas Direções Regionais de Educação, em 2004, as visitas de estudo são “(...) qualquer atividade decorrente do Projeto Educativo de Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento de projetos curriculares de escola/agrupamento e de turma, quando realizada fora do espaço físico da escola e ou da sala de aula. Nesta aceção uma visita de estudo é sempre uma atividade curricular, intencionalmente planeada, servindo objetivos e conteúdos curriculares disciplinares e não disciplinares, logo uma atividade letiva, obrigatória para todos os alunos da turma ou para um conjunto de turmas para a qual foi estruturada.”³³

Todavia, não há um conceito claro da finalidade pedagógica e didática que esteja inerente a esta estratégia. São muitos os autores que buscam essa finalidade, procurando dar a conhecer os prós e contras da realização de atividades desta natureza. O que se constata, em alguns casos, é que as visitas de estudo, por vezes, são confundidas com meros passeios turísticos. Para além destes alvoroços, somos confrontados, em diversos contextos, com uma multiplicidade de termos como saída de campo, visita de campo, trabalho de campo e saída de estudo que, muitas vezes, são tidas como sinónimos de visita de estudo. É essencial termos a noção de que isso não é verdade, principalmente para quem é agente ativo de uma comunidade educativa.³⁴

Sabemos que as visitas de estudo promovem o “desenvolvimento das relações interpessoais, consubstanciando-se numa melhoria das relações professor/aluno...; desenvolvimento de valores e atitudes de sociabilidade, cooperação, respeito e preservação do património histórico, cultural e natural e, desenvolvimento da capacidade de observação, pesquisa e análise”.³⁵

³³ Ofício-Circular n.º 21/04 de 11 de Março - *Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional; intercâmbios escolares; passeios escolares e colónias de férias*. Porto: Direção Regional de Educação do Norte, 2004.

³⁴ OLIVEIRA, Hélder – *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*. s.l.: Unidixital Meubook, [2013], p. 1682. Consultado a: 8 de outubro de 2013, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64778>.

³⁵ IDEM, p. 1682.

Estas atividades potenciam a assimilação dos conhecimentos e desenvolvem um conjunto de competências que vão para além dos conteúdos curriculares da disciplina. É trabalhado um conjunto de valores que faz parte da cidadania, aspeto que deve ser valorizado em qualquer área da educação.

Num outro quadro de abordagem, podemos sublinhar que “(...) ser cidadão num país como o nosso, (...) é algo de muito estimulante para a juventude, se para isso for sensibilizada muito cedo. Desta forma, torna-se o conceito de cidadania muito mais consciente, porque se abre caminho à participação direta, quando cada um adquirir plena cidadania, reconhecida legalmente, nas várias formas da vida pública (...)”.³⁶

Note-se que no ensino das Ciências Sociais, nomeadamente na História, a observação direta constitui um pilar básico, na medida em que facilita a compreensão dos factos históricos.³⁷ As visitas de estudo pressupõem a existência de um contacto direto com o conteúdo em estudo, permitindo observar “diferentes espaços, territórios e paisagens”.³⁸ Assim, os alunos terão oportunidade de vivenciar, de certa forma, os conteúdos que o programa curricular prevê.

Importa realçar que, para a concretização de uma visita de estudo, é necessário cumprir diversos procedimentos que garantam a realização e o sucesso da mesma. Assim, é fundamental elaborarmos um enquadramento curricular que justifique a realização da visita de estudo. De seguida, é necessário delinear os objetivos, toda a logística inerente e garantir a aprovação institucional e pedagógica. É uma atividade que deve ser cuidadosamente planeada. É importante que o docente se prepare cientificamente para o acontecimento, sendo capaz de dar resposta a todas as questões colocadas pelos discentes. E por último, mas não menos importante, é essencial que os alunos estejam envolvidos e que assumam responsabilidades na componente administrativa. O professor deve atribuir uma pequena tarefa antes da visita, que leve os alunos a realizarem uma pesquisa prévia acerca do local.

³⁶ FIGUEIREDO, Ilda – *Educar para a Cidadania*. Porto: Edições ASA, 1999, p. 35.

³⁷ FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Herrero - *Como preparar uma aula, o.c.*, 1991, p. 79.

³⁸ OLIVEIRA, Hélder – *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*, [2013], o.c., p. 1682.

Todas as etapas da organização de uma visita de estudo são fundamentais e constituem momentos metodológicos de organização e planificação duma experiência educativa desta natureza.³⁹

O habitual relatório da visita de estudo é um passo que não deve ser descurado de todo este processo, na medida em que permite ao aluno sistematizar a informação transmitida e relacioná-la com os conteúdos da disciplina. Só assim a aprendizagem será participativa e efetiva. Contudo, é importante que este relatório seja cativante, e não uma mera descrição da observação direta, pois, em muitos casos, acaba por desmotivar o aluno e tornar este procedimento o mais “aborrecido” de todos.

³⁹ IDEM, p. 1683.

Mário Freitas ⁴⁰, elaborou um esquema conceptual onde sintetiza o modo como as visitas de estudo podem ser idealizadas, estruturadas e concretizadas, que apresentamos de seguida.

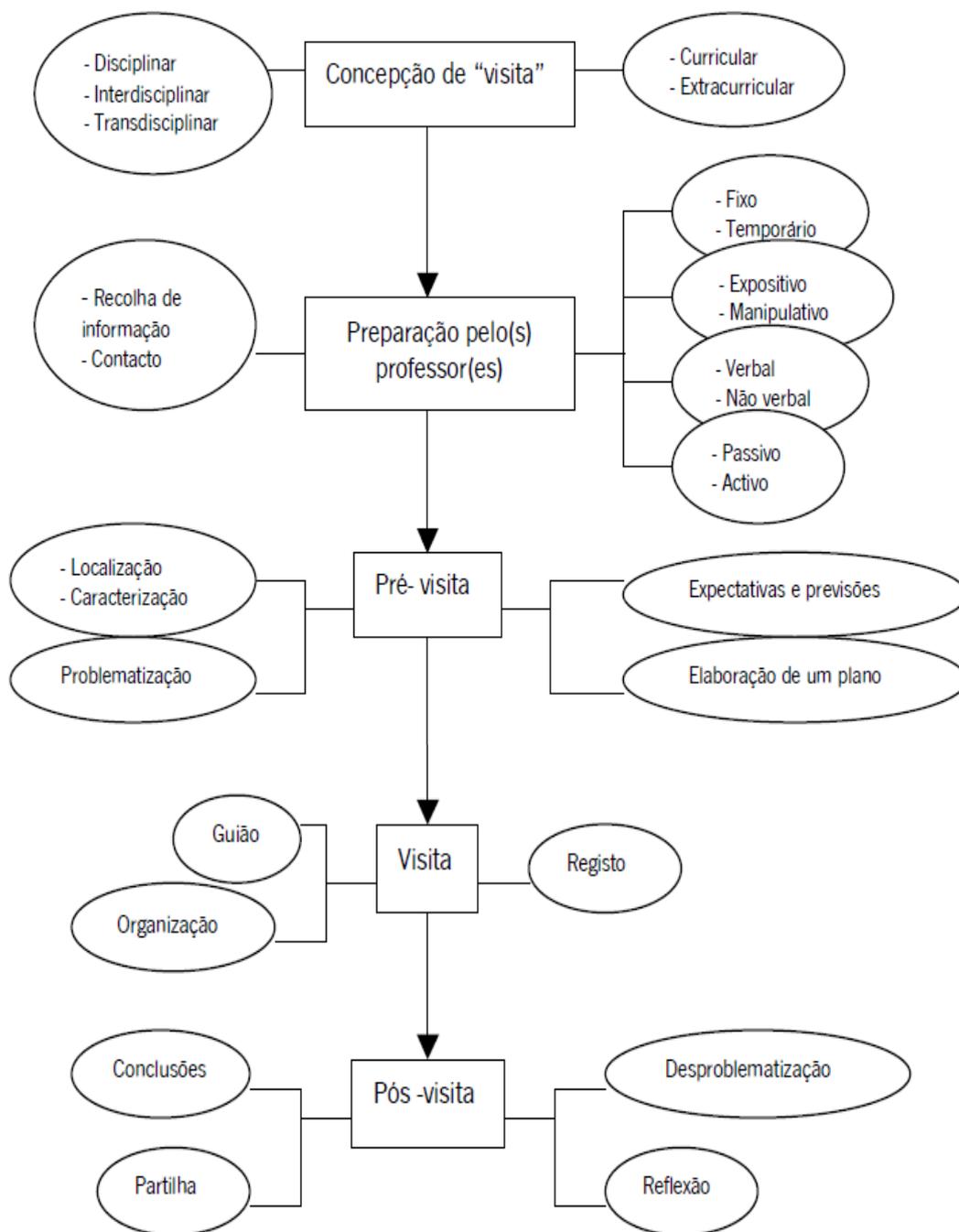


Ilustração 1 - Esquema sobre as diversas etapas das visitas de estudo.

⁴⁰ FREITAS, Mário - In Sequeira, M. et al. (Orgs). *O Trabalho Prático e Experimental na Educação em Ciências*. Braga: Universidade do Minho, 2000, pp. 63-74.

Fazendo uma análise ao diagrama anterior, detetamos que o primeiro passo a ser dado está relacionado com a definição dos propósitos da visita, por parte do docente, constatando se se trata de uma visita de estudo disciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Posto isto, o professor deve estabelecer todos os contactos necessários e definir o seu papel. Numa fase próxima da visita, deverão ser ultimados alguns pormenores que digam respeito ao local e à caracterização, de onde deve surgir um guião da visita. Na fase da visita, haverá o registo e a organização da informação, para que na fase seguinte (pós-visita), seja possível retirar conclusões e fazer uma reflexão sobre a pertinência da mesma.

4.3. Tipos de visitas de estudo

As visitas de estudo podem ser divididas em três tipos diferentes ⁴¹, nomeadamente:

- Saídas dirigidas, onde o professor assume total protagonismo durante a atividade e transmite toda a informação necessária ao aluno;
- Saídas semi-dirigidas, onde o professor recorre a terceiros, nomeadamente, a guias que possuem informações pertinentes sobre o local a visitar;
- Saídas não dirigidas, centradas totalmente nos alunos, em que estes controlam o desenrolar da atividade e assumem um papel ativo na aprendizagem que efetuam ao longo desta.

⁴¹ BRUSI, D. cit. in Compiani, M.; Carneiro, C. - *Os papéis didáticos das excursões geológicas. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 1993. 1 (2), pp. 90-98.

Por norma, as visitas de estudo caracterizam-se por sair do contexto escolar, sendo um ambiente pouco familiar à grande maioria dos alunos. Orion designa esse local que não é familiar aos alunos por ‘espaço novidade’, conforme consta na figura 2.⁴²

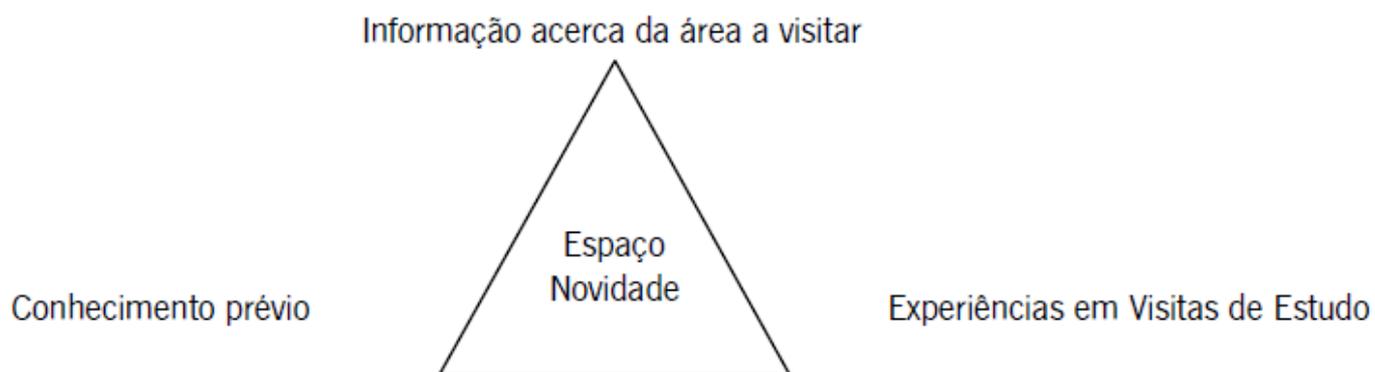


Ilustração 2 - Esquema sobre o 'espaço novidade'.

É possível depreender que o ‘espaço novidade’⁴³ é, de certa forma, influenciado pelo conhecimento prévio dos conteúdos programáticos, isto é, os conhecimentos que o aluno já adquiriu, relacionados com a temática, até ao momento da realização da visita. Por outro lado, também será tida em conta a sua experiência em visitas de estudo anteriores e a informação acerca do local a visitar, sendo que essa informação poderá ser fornecida pelo professor ou pesquisada pelo próprio aluno. Dessa forma, o aluno estará mais ou menos envolvido na visita de estudo, consoante o seu grau de conhecimento e interesse. O seu conhecimento será oriundo da interligação entre as três vertentes, nomeadamente, conhecimento prévio, experiências em visitas de estudo e informação acerca da área a visitar.

⁴² ORION, Nir, cit. in ALMEIDA, António - *Visitas de Estudo: Conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 69.

⁴³ IDEM, IBIDEM.

4.4. Formas de planeamento e dinamização das visitas de estudo

As visitas de estudo proporcionam um ensino ativo e interessante no âmbito da História. Os alunos podem aprender de uma forma mais integradora, na medida em que têm a oportunidade de adquirir conhecimentos *in loco*. O contacto direto com as fontes históricas torna-se uma mais-valia no processo de ensino-aprendizagem.⁴⁴

De forma a motivar a turma, a visita de estudo pode servir como motivação para o início de uma unidade temática.⁴⁵ No entanto, pode também funcionar como consolidação dos conhecimentos, sendo aplicado no final do período. A visita deve ser estruturada e planeada em conjunto com os discentes. Estes podem colaborar através da pesquisa de informação sobre o tema, o local e outras informações de interesse.

Na perspetiva de alguns autores, a visita de estudo deve ser antecedida de um trabalho que envolva os alunos no sentido de os preparar para a aprendizagem, como referimos. Dependendo da idade dos discentes, os objetivos da visita deverão ser divulgados.

As visitas de estudo podem ser dinamizadas em qualquer espaço, desde que haja criatividade, as atividades poderão ser inesquecíveis para os alunos e muito produtivas em termos de aprendizagem. Os professores podem levar os seus alunos a museus, teatros, sítios com vestígios arqueológicos, monumentos, bibliotecas, arquivos, enfim, todo o local é oportuno, desde que tenha uma finalidade educativa.⁴⁶

Depois de abordarmos as fases “antes” e “durante” da visita, torna-se imperioso salientar o “após”. Muitas vezes, a realização do relatório da visita de estudo é encarado como o momento mais aborrecido, pois não é inovador nem cativante. O docente deve procurar estratégias de sintetizar a informação e as

⁴⁴ PROENÇA, Maria Cândida – *Ensinar / Aprender História: questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990, p. 137.

⁴⁵ ALMEIDA, António – *Visitas de estudo: conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998, p. 72.

⁴⁶ IDEM, p. 73.

principais conclusões da visita, sem que para isso seja obrigatório preencher o habitual relatório.

No fundo, não existe uma única receita para organizar e dinamizar visitas de estudo. As estratégias a utilizar irão depender muito do contexto, dos alunos, e da forma de lecionar do docente. Todavia, estas atividades devem potenciar o processo de ensino e motivar para as aprendizagens, dando também espaço para a pedagogia das atitudes, dos valores e da preservação das memórias e dos patrimónios tangíveis.

METODOLOGIA

V

Prólogo

Neste capítulo são indicadas as principais características do estudo, apresentando-se os aspetos metodológicos primordiais. No item 5.1. é apresentada a justificação do método que mais se adequa ao presente estudo. Em 5.2. é caracterizada a amostra experimental. No ponto 5.3. é dado enfoque ao papel do investigador numa investigação de natureza qualitativa. E por fim, em 5.4., é apresentada a forma como foi realizada a recolha de dados.

5.1. Justificação do método

Com o intuito de dar resposta à pergunta inicial da nossa investigação “Em que medida as visitas de estudo contribuem para aprendizagens mais significativas?”, surge-nos desde logo uma segunda questão que suscitou algumas indecisões: “Que metodologia seria mais apropriada, ou seja, qual a melhor forma para obter a informação que pretendemos?”. Talvez o método quantitativo representasse a maneira de obter dados objetivos, uma amostra de grandes dimensões, uma descrição exaustiva dos resultados... No entanto, optamos por uma metodologia qualitativa com recurso à entrevista estruturada como instrumento de recolha de dados.

O método qualitativo sugere um relacionamento amplo e flexível entre o investigador e os entrevistados. “Isto significa que, (...) os investigadores que trabalham através destes métodos, com a subjetividade, com as possibilidades quase infinitas de exploração que a riqueza dos detalhes pode proporcionar” são mais sensíveis ao contexto.⁴⁷

Por outro lado, não deixamos de recorrer a alguns elementos de natureza quantitativa para aferir dados relativos aos alunos, elementos respeitantes à sua caracterização pessoal. A utilização desta metodologia esteve relacionada com o facto de “a investigação quantitativa caracterizar-se pela atuação nos níveis de

⁴⁷ MIRANDA, Bruno - *Método Quantitativo versus Método Qualitativo*. 2008. Consultado a: 3 de janeiro de 2014, disponível em: <http://adrodomus.blogspot.pt/2008/06/mtodo-quantitativo-versus-mtodo.html>

realidade e apresentar como objetivos a identificação e apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis”.⁴⁸

Nesse sentido, e uma vez que o nosso principal objetivo seria obter dados exatos, foi aplicado um inquérito por questionário, numa fase inicial do estudo.

5.2. Amostra do estudo

A amostra do estudo foi constituída pela totalidade de turmas do 6.º ano de escolaridade de uma escola situada no concelho e distrito de Viana do Castelo, às quais foram aplicados os questionários. O estudo foi constituído por uma amostra de 63 alunos (33 raparigas e 30 rapazes), tendo cada turma a seguinte composição: turma A – 20 alunos (10 raparigas e 10 rapazes); turma B – 20 alunos (11 raparigas e 9 rapazes) e turma C – 23 alunos (12 raparigas e 11 rapazes). Todavia, o estudo teve um maior enfoque numa das três turmas do 6.º ano, ou seja, naquela em que lecionamos durante a prática pedagógica. Com esses alunos foram desenvolvidas algumas atividades que nos permitiram retirar alguns dados importantes para a investigação. As docentes cooperantes que acompanharam as atividades também contribuíram de forma significativa para a realização do presente estudo.

5.3. O papel do investigador

Em estudos qualitativos, a presença do investigador na vida dos participantes envolvidos no estudo é considerado um fator essencial. A investigação qualitativa está centrada na compreensão e análise das situações, tendo como objeto de estudo “os comportamentos, as atitudes ou os valores”.⁴⁹ Este tipo de investigação caracteriza-se por ser “indutivo e descritivo” ou seja, o investigador desenvolve um conjunto de ideias e pensamentos a partir de padrões presentes nos dados recolhidos, ao invés de recolher dados para comprovar

⁴⁸ IDEM, IBIDEM.

⁴⁹ SOUSA, Maria; BAPTISTA, Cristina – *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios (2ª Edição)*. Lisboa: Lidel. 2011, p. 56.

determinadas teorias ou modelos já existentes, como acontece no método quantitativo.⁵⁰

A investigação qualitativa apresenta como vantagem o facto de possibilitar a formulação de boas hipóteses de investigação, através da aplicação de entrevistas individualizadas, observações minuciosas e análise de alguns documentos, nomeadamente, testes, relatórios, composições, entre outros. No entanto, existem alguns problemas de objetividade que podem resultar da falta de conhecimento ou sensibilidade do investigador.⁵¹

Ao utilizar esta metodologia para a recolha de dados, é fundamental que o investigador elabore guiões uniformizados onde possa registar a informação recolhida (guião de entrevista e guião de observação). Nesse sentido, terá toda a informação mais organizada e os dados serão certamente mais rigorosos e exatos.⁵²

5.4. Recolha de dados

Para a concretização deste estudo foram realizadas várias atividades que nos permitiram obter alguns resultados que serão posteriormente analisados e discutidos. Primeiramente, foi aplicado um inquérito por questionário aos discentes. A realização do inquérito passou por diversas fases, nomeadamente, planeamento, recolha de dados, acesso aos dados, preparação dos dados e, finalmente, análise dos mesmos. Comecei por reunir-me no gabinete do Professor Orientador, juntamente com as minhas colegas. Após a partilha de várias ideias, em conjunto, chegamos a um modelo de inquérito que nos daria informação útil para o fim pretendido. A primeira parte do inquérito foi igual para todas, havendo uma segunda parte mais específica, que dizia respeito ao tema de cada uma. Seguidamente, foram encaminhados os pedidos de autorização. Após todas as autorizações estarem reunidas, o inquérito foi aplicado. O público-alvo escolhido foram todas as turmas que frequentavam o 6.º ano de escolaridade, como

⁵⁰ IDEM, IBIDEM.

⁵¹ IDEM, IBIDEM.

⁵² IDEM, p. 79.

referimos, e no contexto em que estivemos inseridos. Este estudo não seria possível sem a colaboração desses discentes, especialmente, sem a disponibilidade demonstrada pela turma em que lecionamos, com a qual realizamos mais atividades para além do inquérito por questionário. Optamos por salvaguardar a identidade dos alunos e da escola, pelo que garantimos o anonimato dos discentes. Decidimos colocar apenas questões de escolha múltipla e resposta direta de modo a evitar que o inquérito fosse demasiado exaustivo.

A parte I do questionário focou-se na caracterização pessoal dos alunos, a parte II dizia respeito aos dados informativos do aluno e, por fim, a terceira e última parte estava relacionada com as atividades económicas em Portugal, nomeadamente, a pesca e a agricultura. O tema deste estudo debruçar-se-á essencialmente sobre a pesca. Todavia, considerou-se pertinente abordar a agricultura no questionário por se tratar de uma atividade primária e por ser um setor familiar aos alunos, isto é, por ser um ambiente que lhes é próximo e com o qual estão habituados a lidar. O questionário foi aplicado a todas as turmas do 6.º ano de escolaridade da escola Beira-Mar de forma a obter uma maior amostra, que me pudesse dar uma imagem mais precisa acerca daquela realidade. Só assim, poderia haver a certeza de qual seria o interesse e a pertinência de realizar as atividades pensadas com a turma que seria a amostra principal do estudo. No fundo, optei por estender o questionário a todas as turmas do 6.º ano para que me fosse possível constatar que a realidade é comum a todas as turmas, pois pertencem ao mesmo meio e estão inseridas no mesmo contexto educativo.

Com o intuito de obter mais dados que seriam úteis a esta investigação, estruturamos e realizamos uma visita de estudo à praia/porto de pesca, onde os alunos da turma em que lecionamos puderam ter contacto com a realidade da pesca na zona em que vivem e, com uma pescadora, nomeadamente, a presidente da Associação de Pescadores do meio envolvente. Para a realização da visita foram seguidos todos os procedimentos anteriormente citados, do qual resultou um guião que resume os principais aspetos.

Seguiu-se o *feedback* dos alunos acerca da visita e também das professoras que acompanharam este projeto. Este *feedback* foi recolhido através de entrevistas.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO
DE RESULTADOS

VI

Prólogo

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos no presente estudo, bem como a nossa reflexão crítica. No ponto 6.1., é feita uma reflexão sobre os dados relativos aos questionários aplicados. No item 6.2., damos a conhecer o teor das entrevistas realizadas.

Os dados indicam que, de uma maneira geral, existe uma prática de organização e planeamento de visitas de estudo, embora a forma como essas atividades têm vindo a ser desenvolvidas e os procedimentos a seguir variem de escola para escola.

6.1. Questionários

Os questionários constituem um dos métodos mais amplamente utilizados para a recolha de informações de uma grande variedade de comportamentos, atitudes, gostos, opiniões, entre outros. É um instrumento através do qual podemos inquirir um grupo representativo de uma população que se pretende estudar.⁵³ Nesse sentido, são colocadas algumas questões que visam recolher informação relativa ao assunto em estudo.

Nesta investigação foram aplicados questionários a todas as turmas que frequentavam o 6.º ano de escolaridade, na Escola Básica Integrada de Castelo do Neiva, no ano letivo 2012/2013, como referimos.

Uma vez que a parte I do questionário dizia respeito à caracterização dos alunos e a parte II debruçava-se sobre os discentes, para este ponto interessa-nos analisar somente a componente III, por se tratar de um tópico mais específico. Nesse sentido, serão analisadas duas categorias distintas inseridas na parte III do questionário, nomeadamente, a Agricultura e a Pesca. Em ambas as categorias procurou-se conhecer a relação daqueles alunos com a atividade piscatória, sendo que estão inseridos num meio rural com grande ligação às lides marítimas, e qual o seu grau de conhecimento relativamente a este conteúdo programático. Assim,

⁵³ SOUSA, Maria; BAPTISTA, Cristina – *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios (2ª Edição)*. Lisboa: Lidel. 2011, p. 91.

conjugamos o conhecimento do meio com os “saberes científicos”, a teoria com a prática, o vivido com o aprendido.

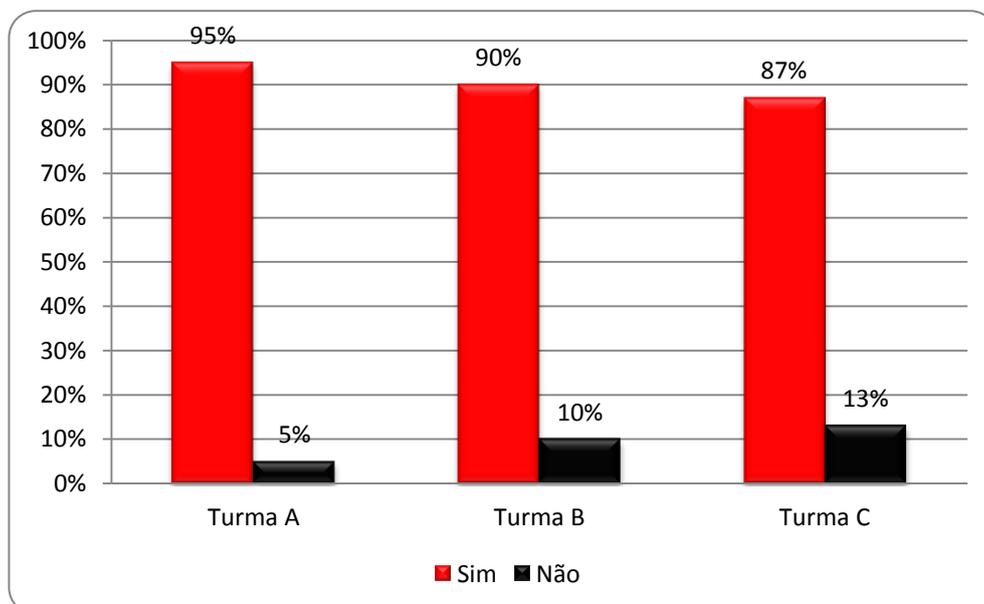
a) Agricultura

Dentro das atividades extrativas, a agricultura é aquela que mais depende das condições naturais, nomeadamente, das características do solo, relevo e clima. Nesse sentido, é legítimo afirmar que a prática desta atividade varia de região para região.⁵⁴

Da análise do gráfico 4, é possível constatar que a maioria dos inquiridos tem algum familiar próximo que pratica/vive da agricultura. Dos alunos que responderam afirmativamente, é importante realçar que os produtos mais cultivados na zona onde o questionário foi aplicado são: as batatas e as couves, como veremos mais adiante.

Gráfico 4

Em tua casa alguém trabalha na agricultura?



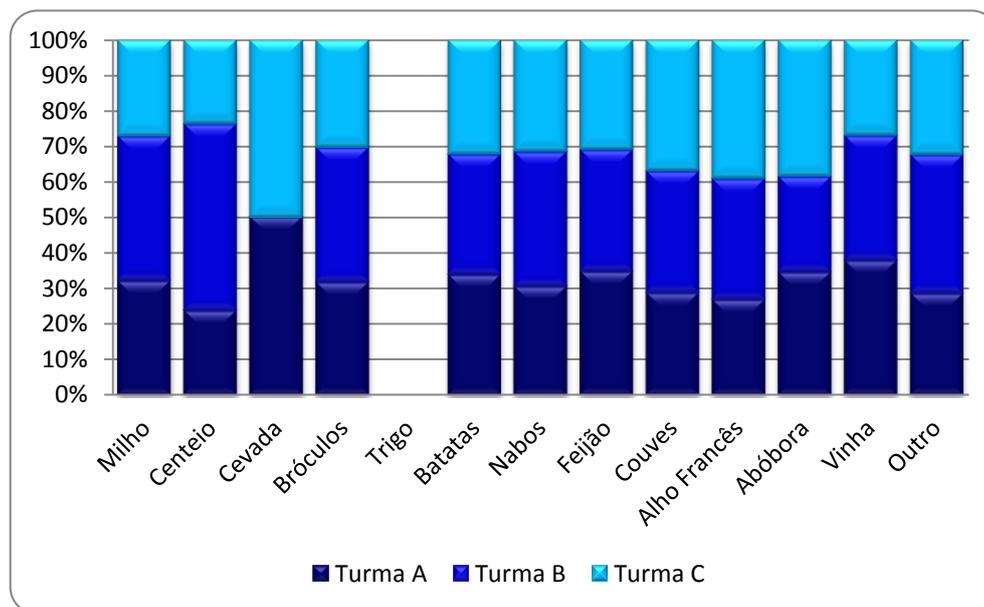
Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

⁵⁴ COSTA, Fátima; MARQUES, António – *História e Geografia de Portugal, 6.º ano (1ª Edição)*. Porto: Porto Editora, 2004, p. 172.

Nas áreas rurais do Norte Litoral, predominam as pequenas explorações agrícolas, pelo que são cultivados essencialmente produtos como o milho, vinho e hortaliças⁵⁵. O feijão e os nabos são também produtos muito cultivados pelos familiares dos inquiridos. O trigo é o único produto que não é cultivado pelos discentes pertencentes à amostra do estudo, tal como é possível observar no gráfico que se segue (gráfico 5). Este aspeto deve-se ao facto de o trigo ser característico das grandes explorações situadas a sul de Portugal, caracterizadas pelo clima seco e pelo solo pouco fértil, contrariamente às explorações situadas a norte, cujo clima é húmido e a fertilidade dos campos é grande, daí os agricultores efetuarem várias colheitas durante o ano.⁵⁶

Gráfico 5

Principais produtos cultivados nas casas dos alunos



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Da análise do gráfico 6 ressalta o facto de haver uma grande percentagem de alunos que afirma que os produtos são para consumo próprio. Apenas um

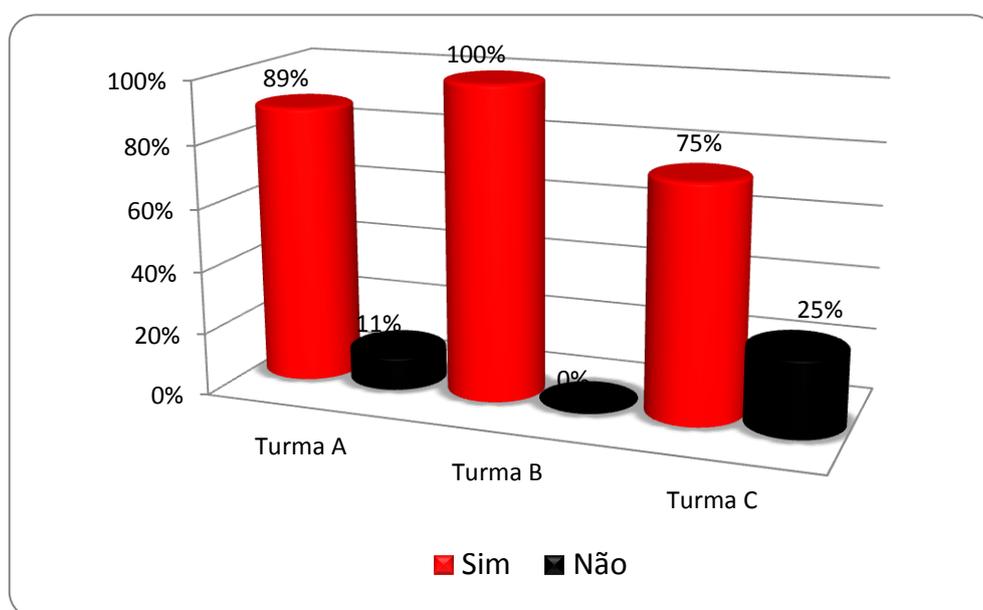
⁵⁵ IDEM, IBIDEM.

⁵⁶ IDEM, IBIDEM.

pequeno número representa os que responderam negativamente à questão três da parte III do questionário, ou seja, das produções obtidas, algumas são para venda. Na turma B a totalidade dos produtos colhidos é para consumo próprio. O aproveitamento dos recursos implica que haja uma conjugação entre diferentes fatores, nomeadamente, “terra, trabalho e capital”.⁵⁷ Ora, os trabalhadores têm família, pelo que consomem uma parte dos bens, designada por “unidade de consumo”. A outra parte destina-se a venda a terceiros. Por norma, há um aproveitamento dos excedentes provenientes da agricultura de pequena escala, também conhecida como agricultura de subsistência ou familiar.

Gráfico 6

Os produtos cultivados são para consumo próprio?



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

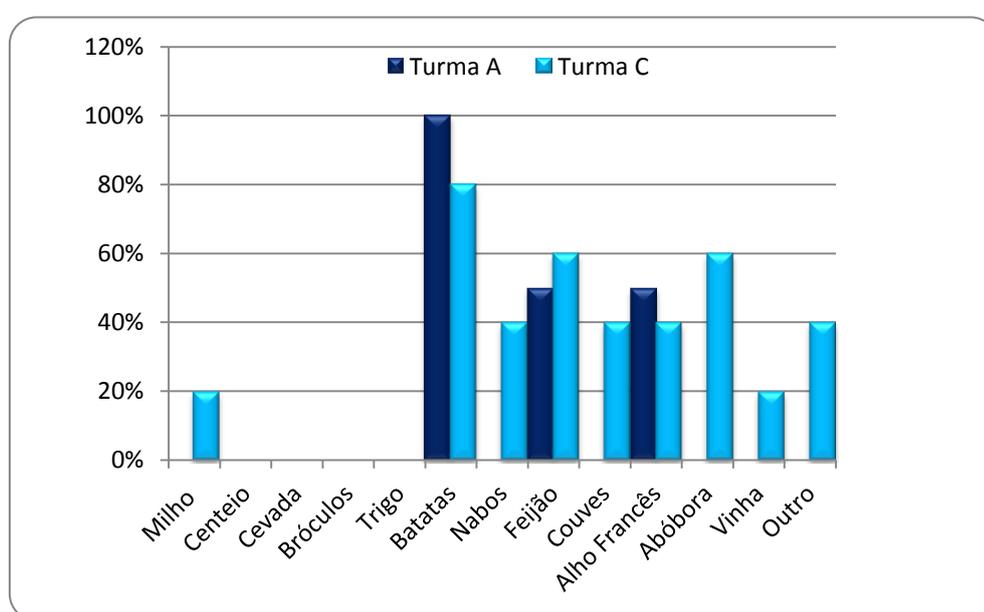
Dos vários produtos que são cultivados, verifica-se que na turma A apenas as batatas, o feijão e os nabos são para comercializar (gráfico 7). Na turma C, observa-se que existe uma maior diversidade na venda, na medida em que apenas não se comercializa centeio, cevada, brócolos e trigo. No caso deste último, não se transaciona pois também não é cultivado, tal como vimos anteriormente. Muitas vezes a agricultura é considerada como sendo um setor deprimido, tendo na sua

⁵⁷ IDEM, p. 76.

origem várias causas, entre elas: o facto de os solos, o relevo e o clima condicionarem imenso as culturas; por se trabalhar com elementos vivos, o ritmo e a quantidade da produção agrícola nem sempre corresponde ao que seria esperado; a rentabilidade é baixa; geralmente, os níveis de instrução são mínimos; entre outras. Nesse sentido, e face à baixa rentabilidade do setor agrícola, importa apresentar um caminho de solução, baseado em medidas que visem combater as desigualdades e melhorar o nível de vida dos agricultores e das suas famílias.⁵⁸

Gráfico 7

Produtos comercializados



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Ao fazermos a análise do gráfico 8, comprovamos que a maioria dos produtos é vendida em casa, sendo que uma parte respondeu que transaciona no mercado ou noutra local. Sabemos, à partida, que nenhum dos produtos é vendido na feira. O que acontece na maioria dos casos é a venda direta ao consumidor, sem intermediários. No entanto, sabemos que “as feiras têm raízes medievais e foram âncora do desenvolvimento das vilas e cidades”.⁵⁹ De acordo com Virgínia Rau, a feira de

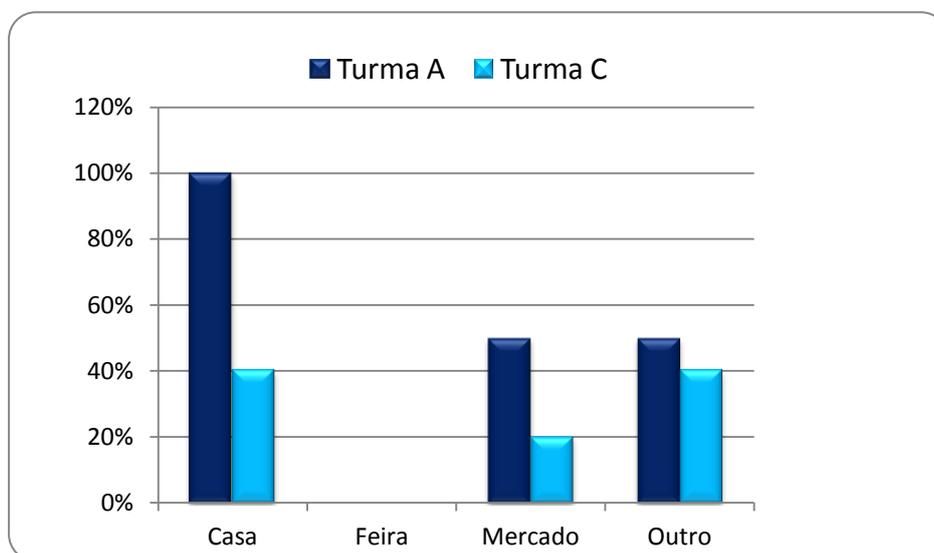
⁵⁸ IDEM, p. 80.

⁵⁹ RODRIGUES, Henrique – *Feira, Festa e Impressões Turísticas no Século XIX*, in *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Vianafestas, 2012, p. 126.

Viana é das poucas feiras portuguesas onde se constroem os moradores a comprar e vender os produtos apenas e somente no município, estando impedidos de comercializar noutras terras.⁶⁰ António Serrano, responsável pelo I Encontro PROVE⁶¹, afirmou que “o agricultor num determinado dia da semana, se desloca à cidade, a um espaço cedido pelo município para vender a sua produção. Muitas vezes é mesmo dentro do trator que as vendas são feitas.”, tendo designado esta ação como «mercados de proximidade». ⁶² O principal objetivo deste encontro seria mostrar aos produtores que caso haja formas de escoar os produtos a preços rentáveis e justos, certamente haverá uma maior adesão a este setor por parte da classe etária dos jovens. O PROVE promove circuitos curtos de comercialização, estabelecendo o contacto entre os produtores e o consumidor. Atualmente, desenvolve uma iniciativa baseada na produção de cabazes. Esses cabazes são compostos exclusivamente por produtos da época e destinam-se a famílias que habitem nos centros urbanos.⁶³

Gráfico 8

Local de venda dos produtos



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

⁶⁰ RAU, Virgínia – *Feiras Medievais Portuguesas*. Lisboa: Editorial Presença, 1983, p. 115.

⁶¹ PROVE – Projeto que reúne vários produtores, com o objetivo de eliminar algumas barreiras comerciais impostas aos pequenos agricultores.

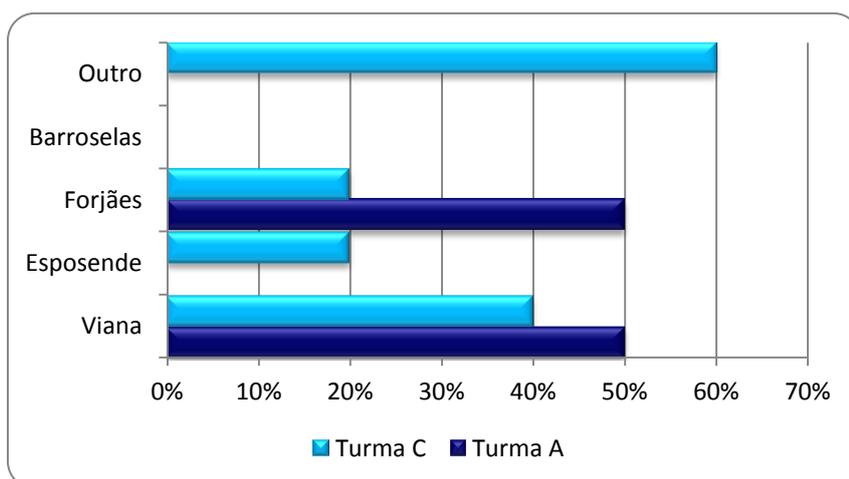
⁶² Consultado a: 13 de janeiro de 2013, disponível em: http://www.cafeportugal.net/pages/noticias_artigo.aspx?id=2817.

⁶³ Consultado a: 13 de janeiro de 2014, disponível em: <http://www.prove.com.pt/www/o-projecto-prove-promover-e-vender.T143.php>

Com base nos dados obtidos, verificamos que há uma grande percentagem de inquiridos que revela que os produtos são vendidos noutra local, que não os apresentados. Mediante as respostas, foi possível aferir que a totalidade dos discentes revelou que o 'outro' local dizia respeito a Neiva. Através da análise do gráfico 9, concluímos que uma parte significativa dos produtos, é vendida na área de residência. Este aspeto permite-nos estabelecer uma conexão com o gráfico 8, na medida em que grande parte dos inquiridos apontou como principal local de venda a própria casa.

Gráfico 9

Mercados e feiras onde são vendidos os produtos



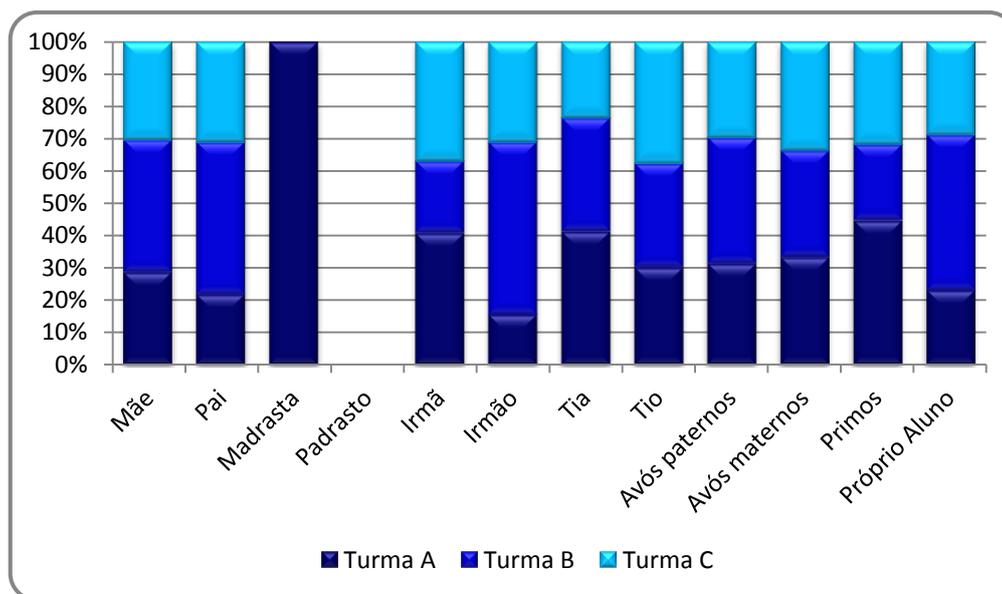
Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Ao fazermos a leitura do gráfico 10, apuramos que os avós maternos e paternos dos alunos das três turmas são as pessoas do agregado familiar que mais trabalham no campo. Este aspeto poderá estar relacionado com as habilitações literárias. Hoje em dia, as pessoas têm à sua disposição um leque variado de informação que lhes permite ter uma outra visão acerca da escolaridade. Relativamente aos progenitores, é possível verificar que as mães trabalham mais no campo do que os pais dos alunos. A turma B é a que revela maior percentagem de alunos cujos familiares trabalham no campo (33%), seguida da turma C, com

20%. Nenhum padrasto efetua trabalhos no setor primário, como podemos constatar.

Gráfico 10

Familiares que trabalham na lavoura



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

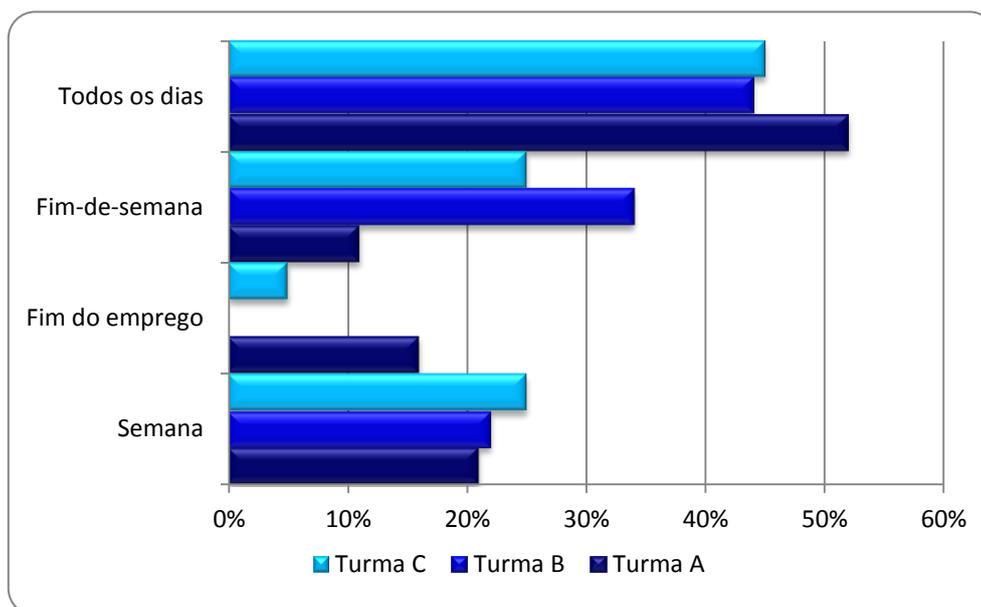
O gráfico que se segue (11), permite-nos concluir que a maioria dos familiares trabalha diariamente no campo, levando-nos a refletir sobre esta questão. Possivelmente, será a sua ocupação principal, de onde retiram o seu “ganha-pão”. Há ainda uma percentagem significativa que trabalha somente ao fim de semana, sendo na turma A de 11%, na turma B de 34% e na turma C ronda os 25%. Poucos são aqueles que trabalham na lavoura após o emprego. Rodrigo Sande defende que à medida que a economia se vai desenvolvendo, diminuem os esforços de trabalho empenhados na agricultura, dando lugar a atividades desenvolvidas no ramo da indústria e dos serviços.⁶⁴ No Minho, temos vindo a assistir ao crescente êxodo agrícola, ou seja, a fuga de agricultores para o comércio, fábricas, construção civil, transportes e comunicações, entre outros setores. Trata-se de um fenómeno de mobilidade profissional, que muitas vezes leva as pessoas a

⁶⁴ SANDE, Rodrigo – *Problemas Rurais do Minho*. Braga: Editora Pax, 1963, p. 78.

procurarem os centros urbanos em busca de melhores oportunidades de vida e emprego. Neste caso, estamos perante o êxodo rural, que designa a fuga dos meios rurais para centros urbanos.⁶⁵

Gráfico 11

Frequência da atividade



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

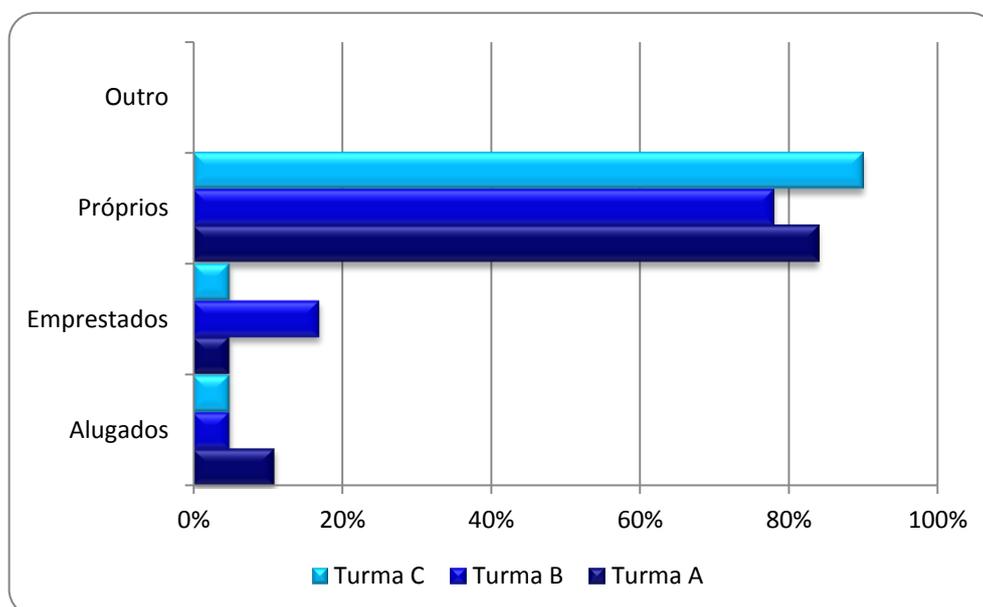
Quanto aos terrenos da família, a maioria afirmou serem terrenos próprios, sendo que na turma C esse valor assume a maior percentagem (90%). As percentagens dos terrenos emprestados e alugados estão abaixo dos 20%, representando uma parte pouco significativa, tal como é possível observar no gráfico 12. A situação de inferioridade do setor agrícola no plano económico-social deve-se à fraca política de proteção do meio rural.⁶⁶ No entanto, hoje em dia, já verificamos a existência de algum crescimento nesse setor, na medida em que o Estado tem dado incentivos, sobretudo a jovens agricultores, para que apostem nesta área. Também a União Europeia muito tem contribuído para o desenvolvimento da agricultura.

⁶⁵ IDEM, p. 86.

⁶⁶ IDEM, p. 135.

Gráfico 12

Tipologia das terras da agricultura

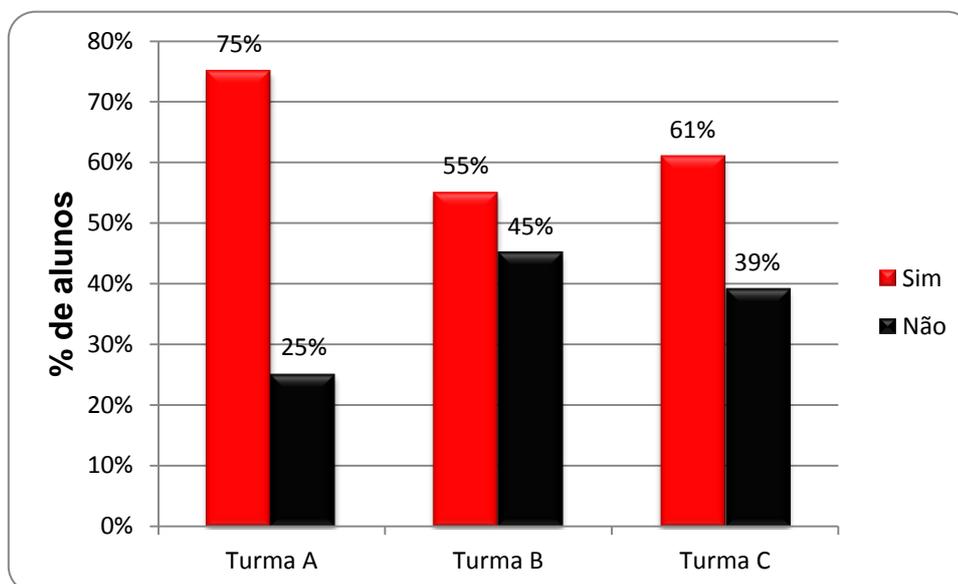


Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Quando questionados sobre se costumam ir à feira ou ao mercado, os alunos responderam maioritariamente que sim. Os alunos da turma A são aqueles que mais vão à feira, assumindo o valor de 75%. Na turma C, 61% dos inquiridos vai à feira, sendo que na turma B essa parcela é representada por 55%. A turma B é aquela que apresenta maior percentagem de alunos que não vai à feira (45%). Possivelmente, optam por efetuar as suas compras em grandes superfícies comerciais. Este indicador pode dar-nos algumas informações relativamente ao nível socioeconómico das famílias das diferentes turmas. No entanto, seria arriscado fazer uma inferência desse nível, baseando-nos somente na leitura do gráfico 13.

Gráfico 13

Ida à feira / mercado

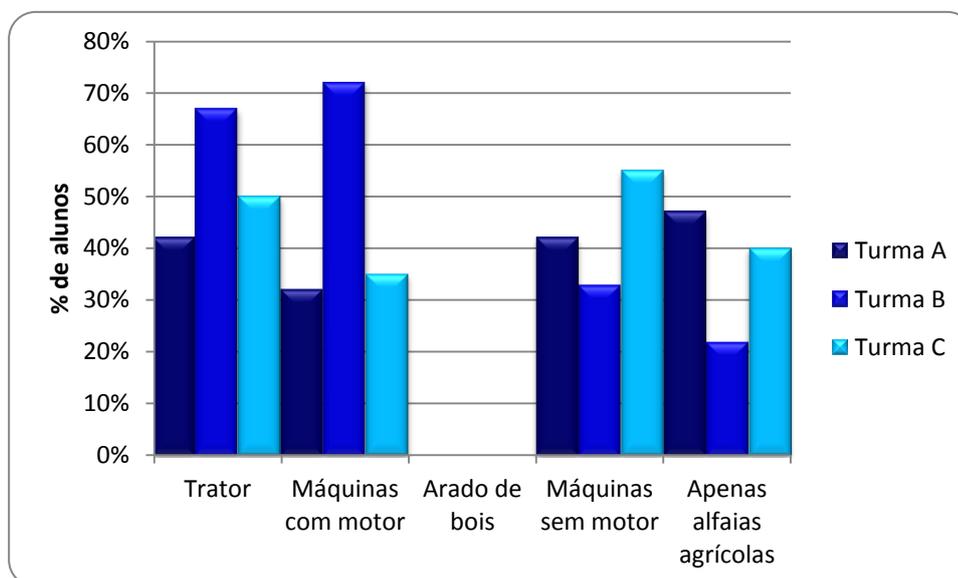


Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Numa última questão, inserida ainda na categoria da agricultura, podemos concluir que na turma A, 47% utiliza apenas alfaia agrícolas. Na turma B, há uma grande percentagem que utiliza máquinas com motor (67%). A turma C, utiliza na sua maioria máquinas sem motor (55%). Verificamos que nenhuma das turmas utiliza arado de bois para trabalhos agrícolas.

Gráfico 14

Tipo de máquinas utilizadas na produção agrícola



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

b) Pesca

A situação geográfica de Portugal fez com que desde de sempre o povo português se dedicasse à pesca. Este facto deve-se à tão característica e extensa costa portuguesa.

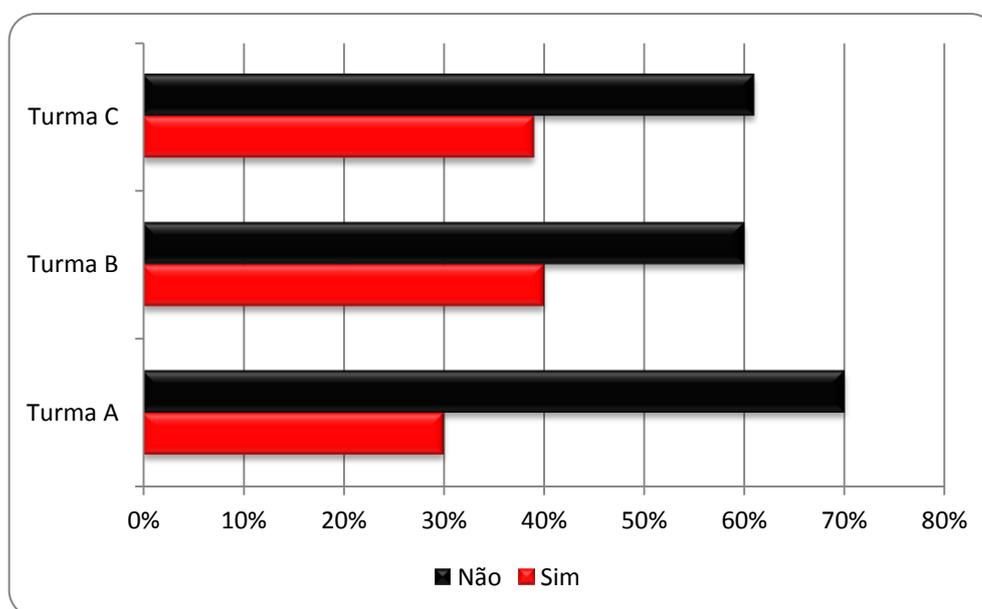
Atualmente, ao longo da costa, ainda existem pequenas povoações piscatórias, sendo que representam a principal fonte de rendimento para determinadas populações. Contudo, os principais portos de pesca localizam-se junto de alguns centros urbanos do litoral. Podemos distinguir dois tipos de pesca. A pesca costeira (perto da costa), é aquela que ocupa um maior número de pescadores. Os barcos utilizados, por norma, não dispõem de qualquer tipo de equipamento de conservação do peixe, pelo que não podem estar no mar mais do que um ou dois dias. Pelo contrário, a pesca longínqua (longe da costa), é realizada em barcos de grande tonelagem, equipados com meios técnicos que lhes permitem

conservar as espécies, antes de chegarem a terra. Normalmente, utilizam a técnica do arrastão.⁶⁷

Ao fazermos a análise do gráfico 15, verificamos que apesar de estarmos perante uma zona com fortes tendências piscatórias, há uma grande percentagem de alunos que afirmou não ter nenhum pescador na sua família. A turma que tem mais familiares cuja profissão se insere no setor da pesca é a turma B, com 40%. Contrariamente, a turma que apresenta uma maior percentagem de alunos que não tem nenhum familiar ligado a esta área, é a A, com valores que rondam a casa dos 70%. É sabido que o setor das pescas tem uma relevante importância para a situação socioeconómica das populações que vivem junto à costa. No entanto, são muitos os gastos associados a esta prática, desde combustível para os barcos, à compra de materiais e equipamentos necessários. Por vezes, o lucro é mínimo, o que torna impraticável esta atividade, caso não haja ajuda por parte das entidades.

Gráfico 15

Alunos com familiar pescador



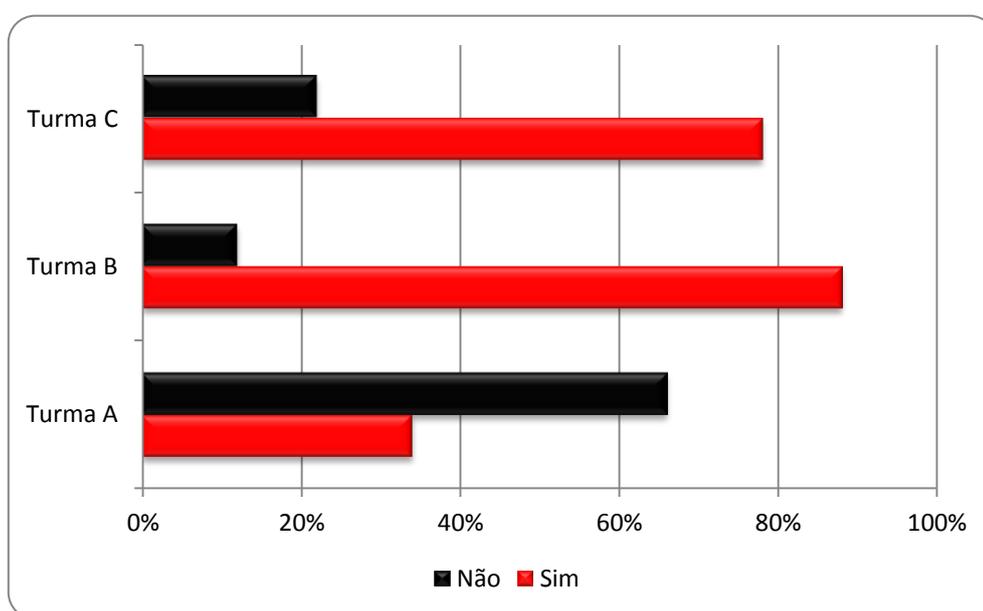
Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

⁶⁷ IDEM, p. 177.

O décimo sexto gráfico mostra-nos o conhecimento dos alunos relativamente ao tipo de pesca praticado. É possível constatar que, na sua maioria, os alunos afirmam saber qual o tipo de pesca, exceto na turma A, cuja percentagem de quem não sabe (66%) é superior aos que dizem saber.

Gráfico 16

Conhecimento do aluno relativamente ao tipo de pesca que o familiar pratica



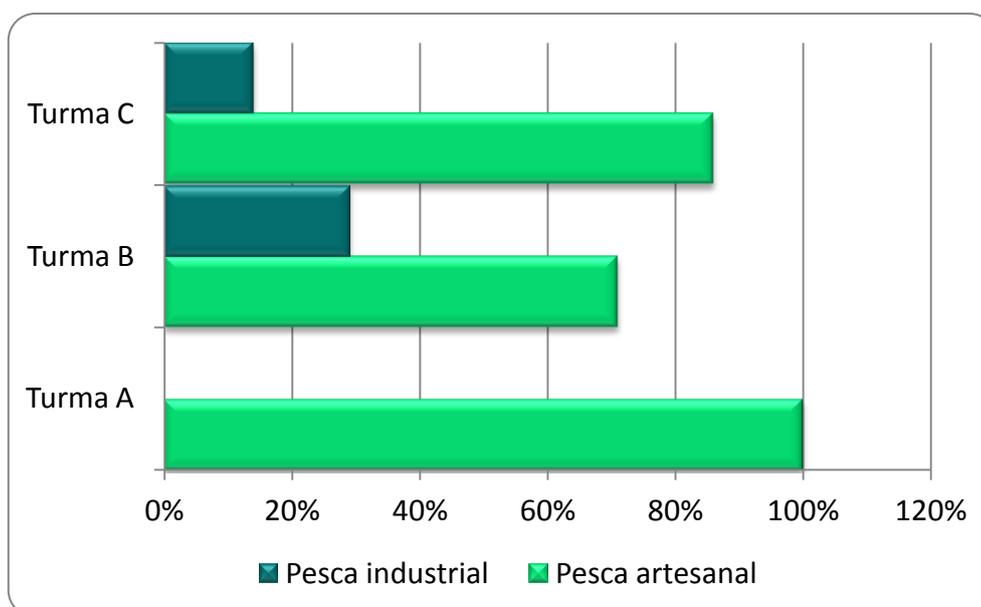
Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

No seguimento da análise do gráfico anterior, foi perguntado aos alunos sobre qual seria, efetivamente, o tipo de pesca praticado. Na turma A, a totalidade dos alunos respondeu que era a pesca artesanal. Nas restantes turmas, também se verificou essa tendência, havendo no entanto uma pequena parcela correspondente à pesca industrial, ou seja, no caso da turma B, 29% pratica pesca industrial, e na turma C, com valores ligeiramente mais abaixo, apenas 14% se dedica a esse tipo de pesca. A pesca artesanal é uma das «artes» costeiras, caracterizada por utilizar embarcações com um comprimento máximo de catorze metros. Neste tipo de pesca, os processos mais usuais são os seguintes: anzóis, redes de emalhar, covos (“espécie de ratoeira para captura da lagosta”) e arrasto

de vara (“pequenas redes de arrasto para camarão e caranguejo”). O dono da embarcação deverá ser portador da condição profissional de pescador, devendo estar inscrito no respetivo sindicato. Por outro lado, temos a pesca industrial, que se destaca da anterior pela dimensão da embarcação, podendo esta assumir um comprimento máximo de vinte metros. Neste último caso, o dono da embarcação não é obrigado a ter o título de pescador nem a pertencer a qualquer tipo de entidade patronal.⁶⁸

Gráfico 17

Tipo de pesca praticado



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

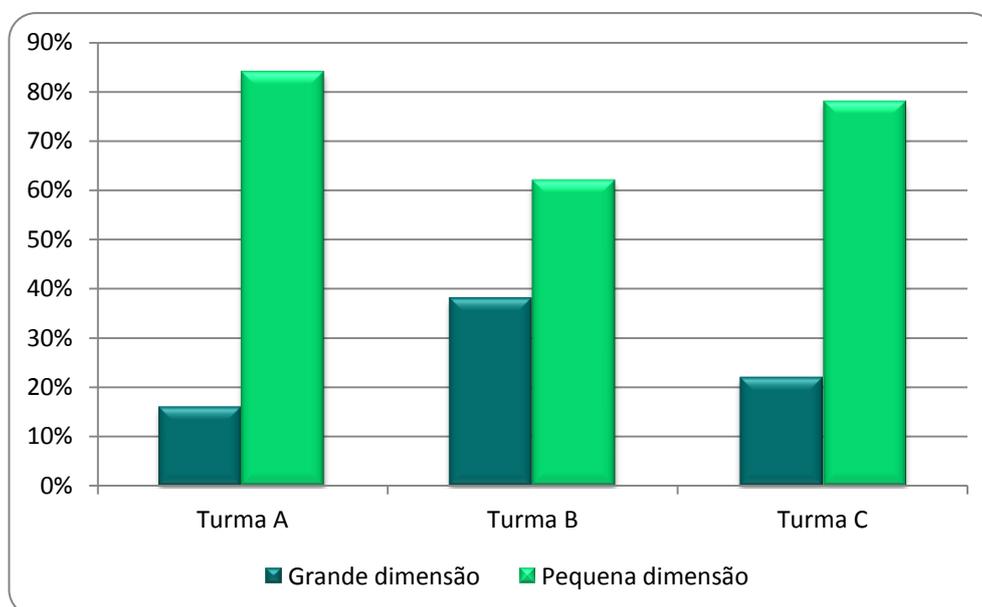
Inteiramente relacionado com o gráfico anterior, este mostra-nos o tipo de embarcação utilizada. Ora, se a maioria dos alunos afirmou que os seus familiares praticavam pesca artesanal, facilmente depreendemos que utilizam uma embarcação de pequena dimensão. Na turma A, mais de 80% utiliza este tipo de embarcação, na turma B os valores ultrapassam ligeiramente a escala dos 60%, e

⁶⁸ VARÃO, António; GARCIA, António – *Pesca Marítima: Situação e perspectivas de desenvolvimento*. Lisboa: Oficinas Gráficas Manuel A. Pacheco Lda, 1975, p. 81.

por fim, na turma C, apresentam-se valores na casa dos 78%. Na turma A, o facto de no gráfico anterior terem afirmado que 100% dos familiares pratica pesca artesanal, e nesta questão, terem apontado que 16% dos pescadores utiliza uma embarcação de grande dimensão, revela alguma falta de conhecimento nesta área, que poderá ter sido colmatada com a lecionação do conteúdo por parte do docente responsável pela turma.

Gráfico 18

Tipo de embarcação utilizado

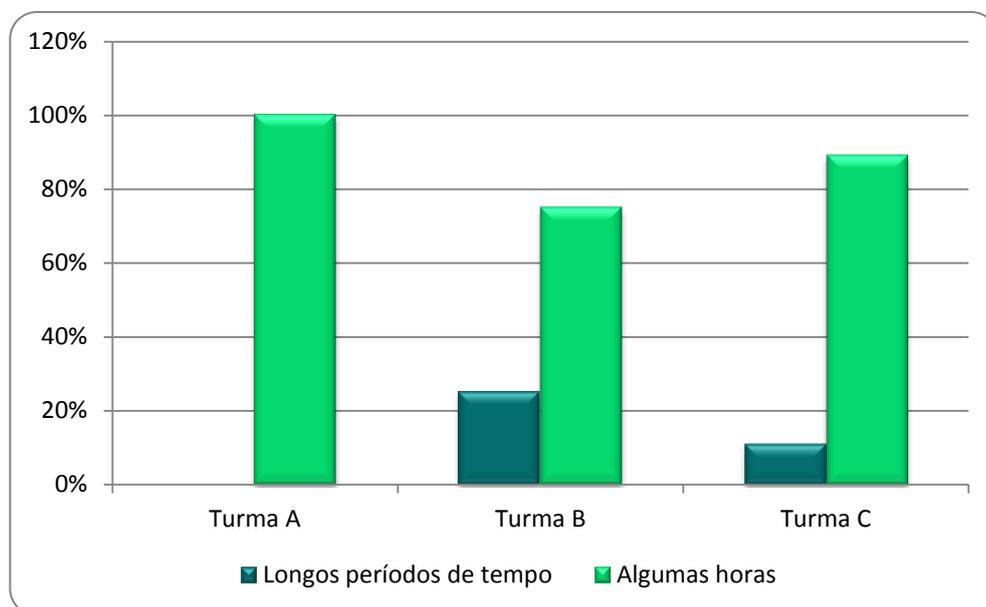


Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Relativamente ao gráfico 19, grande parte dos alunos afirmou que os pescadores da sua família permanecem no mar algumas horas. No caso da turma B, 25% permanece longos períodos de tempo, e na turma C podemos afirmar que apenas 11% permanece vários dias no mar. A turma A revelou que 100% dos seus familiares permanece algumas horas no mar.

Gráfico 19

Tempo que permanece no mar

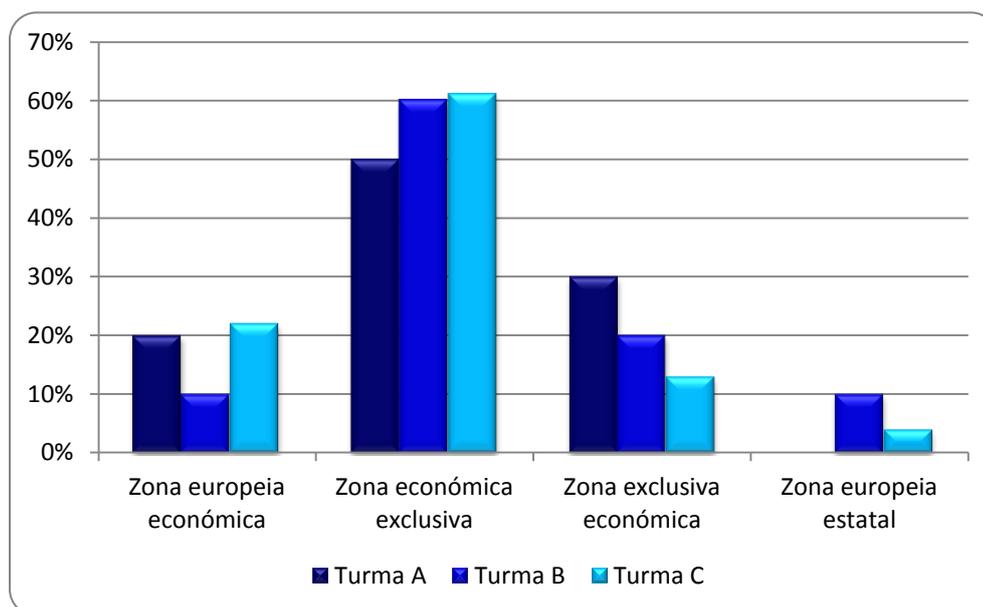


Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Este último gráfico diz respeito a um conteúdo previsto no programa curricular de História e Geografia de Portugal. A Zona Económica Exclusiva (ZEE) diz respeito às zonas marítimas onde apenas os barcos portugueses podem praticar a pesca. De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, os países costeiros têm o direito a declarar uma ZEE. Ao efetuarmos a leitura do gráfico 20, percebemos que mais de 50% dos alunos das três turmas respondeu corretamente, havendo uma igualdade entre as turmas B e C (60% de respostas corretas).

Gráfico 20

Conhecimento da sigla ZEE



Fonte: Elaboração própria a partir do inquérito por questionário.

Da análise dos resultados, é possível concluir que os setores da agricultura e da pesca caminham lado a lado e ambos potenciam o desenvolvimento socioeconómico da região. No entanto, os sistemas de financiamento pouco têm ajudado ao progresso destes setores. Deste modo, torna-se difícil apostar na agricultura ou na pesca como forma de subsistência. Através do questionário, podemos perceber que a agricultura é ainda uma prática recorrente, sobretudo por pessoas de gerações antigas. Esta prática constitui uma tradição enraizada, característica do Minho.

6.2. Entrevistas

A entrevista constitui um método de recolha de informação, “cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações”.⁶⁹ Previamente, devem ser estabelecidos os objetivos da entrevista. De seguida, deve ser elaborado o guião, que poderá sofrer alterações ou não, consoante a natureza da entrevista (não-estruturada, semiestruturada ou estruturada). E por fim, devem ser escolhidos os entrevistados mais indicados para recolher a informação pretendida. No presente estudo foram aplicadas entrevistas estruturadas a docentes de História e discentes que frequentam o 6.º ano de escolaridade. A história oral constitui um instrumento que permite entender a realidade contemporânea, baseada em fontes orais.⁷⁰ Segundo Verena Alberti, a história oral é uma metodologia de pesquisa, na medida em que é feita uma abordagem centrada na pessoa, em que o entrevistador deve procurar ser crítico ao analisar os factos narrados pelo entrevistado.⁷¹

a. Entrevistas aos Professores de História sobre a importância das visitas de estudo

Os dados obtidos a partir das entrevistas a docentes que lecionam História em três Agrupamentos distintos do distrito de Viana do Castelo, indicam que todos os entrevistados se sentem realizados com a profissão que escolheram. No entanto, em alguns casos, a desmotivação provocada pela conjuntura atual parece ser um fator usual. O que difere é o modo como cada docente lida com a situação e ultrapassa o desafio, tendo como objetivo primordial o bem-estar dos alunos.

⁶⁹ SOUSA, Maria; BAPTISTA, Cristina – *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios (2ª Edição)*. Lisboa: Lidel. 2011, p. 79.

⁷⁰ ALVITO, Marcos – *Definições de História Oral: as três modalidades da História Oral*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 1.

⁷¹ JÚNIOR, Edson Teixeira da Silva – *História oral e as ciências humanas*. Volta Redonda: Cadernos UniFOA, 2007, pp. 3-6.

Investigadora: **O que o(a) motivou a ser professor(a)?**

Professora Luzia: *A motivação para ser professora teve por base o gosto pelo trabalho com crianças.⁷²*

Professor Pedro: *Gosto por ensinar, acompanhar o percurso dos alunos, ver a sua evolução. Por outro lado, dá-me uma satisfação enorme ampliar e contribuir para a ampliação dos conhecimentos dos alunos.*

Professora Marta: *O querer transmitir conhecimentos.*

Investigadora: **Sente-se realizado com esta profissão?**

Professora Luzia: *Sim, perfeitamente.*

Professor Pedro: *Sinto-me muitíssimo realizado, embora a conjuntura trabalhe no sentido da desmotivação. Enquanto tiver alunos que querem aprender, estarei sempre lá para os ensinar.*

Professora Marta: *Sim, muito.*

Da análise dos dados ressalta o facto de todos os professores realizarem visitas de estudo com frequência. Porém, a forma como organizam as visitas difere de agrupamento para agrupamento. Podemos constatar que as práticas utilizadas são próprias de cada escola, no entanto, todos seguem os trâmites legais, não havendo consenso pela ordem a seguir.

Investigadora: **Costuma realizar visitas de estudo?**

Professora Luzia: *Sim, à exceção dos últimos dois anos, sempre promovi visitas de estudo, sendo algumas delas com duração de mais de um dia.*

Professor Pedro: *Muitas.*

Professora Marta: *Sim.*

⁷² Os nomes dos entrevistados (professores e alunos) são fictícios.

Investigadora: **Na sua opinião, quais são as vantagens das visitas de estudo?**

Professora Luzia: *As visitas de estudo permitem que os alunos contactem com as fontes; fiquem motivados para os conteúdos programáticos; se envolvam numa componente lúdica; contactem com novas situações de aprendizagem; facilita-lhes a sociabilidade; promovem a interligação teoria/prática; desenvolvem o espírito crítico, de pesquisa, observação, organização do trabalho, elaboração de relatórios (...).*

Professor Pedro: *As vantagens são enormes. Primeiro, elas conseguem em meia hora aquilo que o professor pode levar semanas a ensinar; segundo, a consolidação dos conhecimentos é maior. Registo, no entanto, uma desvantagem entre algumas: quando se mora longe dos grandes centros urbanos, locais privilegiados de cultura, as visitas são cansativas, demoradas e burocráticas.*

Professora Marta: *Pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas, bem como a promoção de hábitos de convívio.*

Os dados emergentes deste estudo revelam uma opinião diversificada relativamente ao incentivo dado às visitas de estudo, ao nível das escolas.

Investigadora: **A nível de escola, acha que é dado o devido incentivo à organização de atividades desta natureza?**

Professora Luzia: *Dependerá de cada escola. Na escola onde leciono é dado o devido incentivo não só a este tipo de atividades como a quaisquer outras que promovam novas aprendizagens.*

Professor Pedro: *Não. A larga maioria das escolas não dá incentivos, não ajuda financeiramente e, por outro lado, os docentes que as organizam, não podem deixar de dar as aulas, devendo permutá-las. É um grande desconsolo e muito pouco motivante.*

Professora Marta: *Sim, aliás o incentivo começa no Conselho Pedagógico com a autorização e escolha dos dias das visitas de estudo. Ao nível da administração central a contemplação em sede de Despacho o subsídio de 100% ou 50%, dependendo dos escalões atribuídos, também é um incentivo claro à realização de visitas de estudo.*

Investigadora: Quais são os passos que costuma seguir para realizar uma visita de estudo?

Professora Luzia: *Começo por definir o tipo de visita, se possível com conhecimento prévio do local a visitar e que seja guiada; que integre o Plano Anual de Atividades e esteja dentro dos parâmetros do Projeto Educativo; que tenha caráter interdisciplinar (...). Após “conhecimento do terreno”, procedo a uma cuidadosa planificação.*

Professor Pedro: *Inicialmente, escolher os locais a visitar. Depois, apontar uma data, a qual deverá ser coincidente com os conteúdos lecionados. Em terceiro lugar, a escolha de uma data, a qual deverá ser confirmada junto dos serviços educativos dos locais a visitar. Por fim, a empresa transportadora e o orçamento final. A comunicação aos Encarregados de Educação será o último passo.*

Professora Marta: *O primeiro é a aprovação em Conselho Pedagógico, depois os alunos são ouvidos sobre os locais a visitar tendo em conta o seu Plano de Trabalho Turma (PTT) e em seguida a Direção toma as diligências necessárias para a contratação do transporte e entradas nos locais a visitar. O Diretor de Turma e o secretário acompanharão as turmas. As turmas devem ser acompanhadas por dois ou três professores, dependendo se é turma do 1º, 2º ou 3º ciclo e ainda por alguém da Educação Especial, pois os alunos com N.E.E. não são, nem podem ser discriminados nestas atividades.*

Foi opinião geral dos docentes entrevistados que as visitas de estudo são relevantes em qualquer área de ensino, potenciando de certa forma a aprendizagem. Há quem refira que estas atividades têm especial importância na área da História, devido à sua interligação com o tempo e a perceção do mesmo, no sentido de os alunos perceberem melhor os conteúdos se tiverem oportunidade de vivenciar/experienciar.

Investigadora: Na área da História e Geografia de Portugal, as visitas de estudo têm especial importância, ou considera que as mesmas são relevantes em qualquer área do ensino?

Professora Luzia: *São relevantes em qualquer área do ensino, todas as áreas têm as suas especificidades.*

Professor Pedro: *São relevantes em qualquer área de ensino. Na História, evidentemente, é de capital importância, uma vez que posso dar uma aula sobre Gótico ou sobre Românico dentro de um edifício...*

Professora Marta: *As visitas de estudo são relevantes em qualquer das áreas disciplinares, até porque é como referi anteriormente, são a possibilidade de pôr os alunos com a prática e a realidade do que é ministrado, muitas vezes de forma abstrata nas aulas. Para além do convívio e solidariedade que esta atividade pode oferecer aos alunos e professores.*

b. Entrevistas aos alunos sobre a importância das visitas de estudo

Depois de ouvida a opinião dos professores, sentimos necessidade de dar voz aos alunos, dando-lhes oportunidade de se expressarem acerca das visitas de estudo. Foram seleccionados três alunos, aleatoriamente, da turma C, do 6.º ano de escolaridade, para que respondessem às questões que a seguir são apresentadas.

Dos alunos entrevistados, dois referiram gostar da disciplina de História e Geografia de Portugal, e um deles afirmou não gostar muito dos conteúdos previstos no currículo. Quanto à sua participação em visitas de estudo, a totalidade dos inquiridos referiu que tem o hábito de integrar estas atividades escolares propostas pelos docentes.

Investigadora: **Gostas da disciplina de História e Geografia de Portugal? Porquê?**

Isabel: *Não, não gosto muito da matéria e é uma disciplina muito teórica.*

Lara: *Sim, porque aprendo muitas coisas sobre o passado.*

Paulo: *No geral, sim. É interessante falar e saber como é que os povos viviam antigamente.*

Investigadora: **Costumas participar nas visitas de estudo?**

Isabel: *Sim.*

Lara: *Sim.*

Paulo: *Sim, sempre.*

Os discentes afirmaram ser a favor da realização das visitas de estudo, apresentando como principais vantagens o facto de estas atividades promoverem a sociabilidade, o gosto pela disciplina, tornando, deste modo, o ambiente de aprendizagem mais apaziguador.

Investigadora: **És a favor ou contra a sua realização? Porquê?**

Isabel: *A favor, porque acho que é divertido e é um dia em turma. O ano passado fomos às ruínas de Coimbra e aprendemos muitas coisas interessantes.*

Lara: *Sou a favor porque é bom variar um pouco, senão estamos sempre na escola. E também interagimos mais com as coisas que ouvimos na sala de aula, mas não vemos.*

Paulo: *Às vezes os meus colegas pensam que as visitas de estudo são só para perder aulas, mas na verdade, estamos a aprender matéria de uma forma mais prática e não tão teórica. Na minha opinião, uma aula prática vale mais que muitas teóricas.*

Investigadora: **Para ti, quais são as principais vantagens das visitas de estudo?**

Isabel: *Aprendemos algumas coisas, divertimo-nos e estamos em turma.*

Lara: *Há muitas pessoas que não têm possibilidades económicas para visitar locais e assim podem fazê-lo. Conhecemos outros sítios (...). O que aprendemos nas visitas tem a ver com a escola e é mais fácil aprender.*

Paulo: *Podemos interagir com aquilo que estamos a falar naquele momento. Por exemplo, em Português estávamos a dar uma obra, mas ao ver a peça de teatro sobre a mesma, compreendemos melhor. Na história é igual. Também estamos com os colegas, convivemos com os professores e é tudo mais descontraído.*

Os dados do presente estudo apontam que a disciplina de História tem especial importância no que compete à realização de visitas de estudo. Os alunos

apresentaram como motivos o facto de a história estabelecer uma conexão com o passado e, desse modo, ser mais fácil a assimilação dos conteúdos *in loco*.

Investigadora: Qual a disciplina que para ti faz mais sentido que haja uma visita de estudo? Porquê?

Isabel: *Ciências Naturais, porque nunca tirei boa nota a essa disciplina.*

Lara: *História, porque normalmente vamos visitar museus e está sempre relacionado com a disciplina.*

Paulo: *História, porque há muitos objetos para estudar e tocar.*

Investigadora: Enquanto aluno(a), achas que poderias contribuir ativamente para a realização de visitas de estudo, ou pelo contrário, essa é tarefa do teu professor apenas?

Isabel: *Podemos contribuir dando sugestões ao Professor de sítios para ir, senão é o Professor que escolhe e não é tão interessante.*

Lara: *Dar sugestões de sítios para visitar, fazer feirinhas para angariar fundos (...).*

Paulo: *Acho que deveriam ser mais os Professores a planear, mas devem ouvir a opinião dos alunos.*

Ao analisarmos as entrevistas realizadas aos docentes de História e aos discentes do 6.º ano de escolaridade, facilmente percebemos que as visitas de estudo constituem um elemento facilitador da aprendizagem. António Nóvoa defende que é imperioso implementar práticas de ensino diversificadas, tendo por base a inovação, a criatividade, a reflexão crítica e a capacidade de reformulação da práxis.⁷³ O mesmo autor assegura que, o fomento de experiências educativas

⁷³ NÓVOA, António – *Os professores e a sua formação (1.ª Edição)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 28.

estimulantes, pode tornar-se extraordinariamente útil para a consolidação de conhecimentos.⁷⁴

⁷⁴ IDEM, p. 29.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES
DE INVESTIGAÇÃO

VII

Prólogo

Neste capítulo constam as conclusões resultantes do estudo efetuado e as sugestões para o desenvolvimento de investigações futuras, apresentadas no tópico 7.1.

7.1. Conclusões e Sugestões de Investigação

Com o presente estudo procurou-se verificar a pertinência da realização de visitas de estudo, no sentido de apurar quais seriam as vantagens decorrentes das mesmas, a nível cognitivo e socioafetivo.

Na tentativa de dar resposta às questões iniciais, foi desenvolvido um estudo com uma turma do 6.º ano de escolaridade. No entanto, numa fase inicial do estudo, sentiu-se necessidade de aplicar questionários, com o intuito de perceber quais as fragilidades daquele público-alvo e a forma como poderíamos atuar, dissipando essas mesmas fragilidades. A aplicação dos questionários serviu unicamente para levantamento de informação. A entrevista foi o objeto que nos permitiu retirar as principais conclusões.

Fazendo uma análise global dos dados obtidos, é possível aferir que as visitas de estudo revelam-se positivas para o desempenho dos alunos. Aumentam consideravelmente o grau de interesse dos alunos e a motivação pela disciplina (*A importância de uma visita de estudo é aprender e aprofundar melhor o nosso estudo.* LR⁷⁵).

Por outro lado, permitem que haja uma aproximação na relação professor/aluno e aluno/aluno, uma vez que proporcionam diversos momentos de interação. Estes momentos são importantes para o crescimento pessoal do aluno, enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade, com padrões culturais específicos.

⁷⁵ Nome do discente que proferiu a afirmação, cuja identidade foi salvaguardada.

De acordo com o decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho, «no âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais...»⁷⁶. Nesse sentido, podemos concluir que o planeamento de visitas de estudo é vantajoso para a gestão do currículo, na medida em que o decreto-lei prevê essa autonomia, desde que devidamente justificada a sua pertinência. É de extrema importância que os objetivos da visita se enquadrem nos conteúdos programáticos previstos, para que seja proficiente em todo o processo de ensino/aprendizagem. Assim, a aprendizagem tornar-se-á mais concreta e perceptível.

As conceções dos professores de História permitem-nos concluir que, de facto, se verifica uma prática constante de atividades desta natureza. Porém, os passos e procedimentos a seguir variam de docente para docente e, até mesmo, de escola para escola. As principais vantagens apontadas pelos professores e alunos entrevistados passam por (1) permitir o contacto com as fontes (*As visitas de estudo são importantes pois aprendemos e muitas vezes, no local, praticamos o que aprendemos em jogos. ES*); (2) aumentar a motivação para os conteúdos programáticos (*Pressentimos melhor, as coisas podem-se explicar melhor e vemos com os nossos próprios olhos. TM*); (3) contactar com novas situações de aprendizagem (*Podemos imaginar, sonhar, aprender e conhecer novos sítios. TM*); (4) facilitar a sociabilidade (*A importância da visita de estudo é aprender, divertir e conhecer pessoas novas. MV*); (5) promover a interligação entre a teoria e a prática (*A importância de uma visita de estudo é aprender não só teoria, mas também prática. JP*); (6) desenvolver o espírito crítico, de pesquisa, observação, organização do trabalho, elaboração de relatórios (*Dá-nos a conhecer e questionar sobre coisas diferentes. DP*); entre outras.

No fundo, o estudo aponta para a importância de uma cuidada planificação e organização de visitas de estudo, de modo a torná-las em atividades de interesse para os discentes, contribuindo desta forma para a sua aprendizagem.

Relativamente a investigações futuras, apresentamos alguns aspetos que não puderam ser abordados no presente estudo, devido ao escasso tempo para

⁷⁶ Consultado a: 15 de janeiro de 2014, disponível em: <http://www.dge.mec.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=151#i>.

esta pesquisa, pois a atividade letiva foi intensiva, preenchendo todo o tempo disponível:

- a) Realizar uma entrevista antes da visita de estudo e após, para comparar dados;
- b) Estender o estudo a mais agrupamentos, de modo ampliar a amostra;
- c) Realizar a observação das práticas de professores e alunos no decorrer de todo o processo, desde a planificação da visita de estudo, até ao momento da concretização do relatório/avaliação.

REFLEXÃO GLOBAL DA PES

VIII

Prólogo

Neste capítulo é efetuada uma reflexão acerca da prática pedagógica, fundamentada em dados empíricos e na bibliografia notada. Com a reflexão, pretendemos mostrar qual o contributo da PES para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

8.1. Reflexão crítica da PES I e II

Desde outubro de 2012 até finais do mês de janeiro de 2013, surgiu a oportunidade de estagiar na turma B do 4.º ano, pertencente a uma escola situada no coração da cidade de Viana do Castelo, com o objetivo de iniciar a intervenção na prática pedagógica. A formação pedagógica culmina na interação entre a prática de uma atividade profissional e o resultado que daí advém.⁷⁷

O estágio é, no fundo, a ponte de ligação entre aquilo que aprendemos e como podemos aplicar esse conhecimento. Como refere Gerald Haigh, no primeiro ano de ensino, o professor estagiário estará, naturalmente, à experiência, pelo que só poderá ser designado de “professor”, quando terminar esta fase, com êxito.⁷⁸ Mesmo assim, devidamente acompanhada, mas com autonomia, foi possível assumir responsabilidades e corrigir aspetos que melhoraram a minha formação, em contexto de sala de aula.

Ao longo destas doze semanas de estágio pude constatar que a turma revelava interesse pelas matérias abordadas e bons níveis de conhecimento. Eram crianças com manifesta vontade e sede de aprender, que gostavam de intervir quando sabiam algo mais sobre determinado assunto, partilhando saberes. Este perfil dos alunos foi também importante, na medida em que nos obrigava sempre a saber um pouco mais, para além daquilo que o programa prevê e, por outro lado, enriquecia bastante as atividades que nós preparávamos.

⁷⁷ MIALARET, Gaston - *A Formação dos Professores*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981, p. 10.

⁷⁸ HAIGH, Gerald (1973) *Começando a Ensinar*. Plátano Editora. Lisboa: Plátano Editora, 1973, p. 12.

Era uma turma com um comportamento exemplar, sendo que as chamadas de atenção eram esporádicas e apenas para criar maior dinâmica numa autoridade democrática. Todos tinham as regras de sala de aula bem presentes e acatavam, com respeito, as indicações dadas pelos adultos (quer pelos docentes, quer pelas funcionárias).

Quanto ao relacionamento entre as crianças, apercebi-me que na turma todos se davam bem uns com os outros, criando laços de solidariedade e convívio. O mesmo era verificado relativamente à menina com Necessidades Educativas Especiais, que era frequentemente auxiliada pelos colegas nas atividades de sala de aula. Porém, nas brincadeiras de recreio, a aluna relacionava-se pouco com a turma, na medida em que passava o intervalo com as funcionárias ou com a sua irmã, que frequenta o 2.º ano de escolaridade na mesma escola.

A turma tinha uma rotina no momento da leitura que foi sempre respeitada por nós, isto é, quando era solicitada a leitura de um texto, o orientador da leitura dava indicações aos seus colegas de como seria a leitura. A ordem era preestabelecida pela POC.

Relativamente à Professora Orientadora Cooperante (POC), foi possível perceber é que é uma profissional exemplar, dedicada, rigorosa, dinâmica, que gosta de ensinar e que mantém uma relação de excelência com os alunos, preservando uma atitude disciplinadora permanente. Nesta turma, a Professora tratava todos os alunos de igual forma, manifestando sempre ternura nas suas atitudes, tratando os alunos, carinhosamente, por “amigos”. Porém, sempre que era necessário repreendê-los por qualquer motivo, a docente também sabia intervir no momento certo e oportuno, fazendo-o com rigor e isenção. Relativamente a nós, estagiários, desde o início que a docente nos colocou à vontade, dizendo-nos que estava ali para nos ajudar, numa atitude colaborante, manifestando total disponibilidade e apoio. Sempre demonstrou prontidão quando solicitada. Nas nossas intervenções, quando ela considerava oportuno, intervinha, acrescentando informação àquela que nós estávamos a transmitir. No início causava um pouco de confusão, pois íamos com a aula na cabeça, e sempre que “fugia” daquilo que tínhamos planeado, parecia que a aula não tinha tomado o rumo certo. À medida que o tempo foi passando, fomos habituando e a nossa experiência também foi crescendo, fazendo-nos perceber que essas intervenções eram uma mais-valia na

nossa aprendizagem. Sinto que houve uma evolução na minha performance, tanto a nível de domínio dos conteúdos, como a nível de controlo da turma. Procurei preparar-me cientificamente para todas as aulas e sempre que algum aluno não compreendia determinado conteúdo, tentava explicá-lo de outras formas, para que ele percebesse efetivamente. Todos sabemos que é impossível alguém dominar todo o conhecimento, por mais brilhante que seja e por melhores capacidades que tenha. No entanto, a preparação antecipada e solidificada, permite uma maior confiança ao indivíduo, fazendo com que este seja capaz de efetuar a transferência para outros domínios do conhecimento. Só assim, poderá continuar a crescer intelectualmente.⁷⁹

Quanto à comunicação na sala de aula, era multidirecional, na medida em que procurei circular pelo espaço físico, dirigindo-me a todos os alunos.

No que diz respeito à autonomia do trabalho das crianças, pude verificar que havia momentos frequentes de trabalho autónomo. Porém, havia um conjunto de alunos que sentiam uma constante necessidade de aprovação por parte do docente. No início respondia a todas as dúvidas, quantas vezes fossem necessárias. Com o passar do tempo, percebi que era importante trabalhar a autonomia e a criatividade desses alunos. Nesse sentido, sempre que solicitavam apoio, tentava que eles expusessem a sua dúvida do lugar, fazendo com que pudessem exercitar a sua capacidade comunicativa. Trabalhar a criatividade é uma forma de mostrarmos à criança que confiamos nela e nas suas capacidades, levando-a a descobrir que a criação é mais rica do que a execução por si só.⁸⁰ O professor deverá ser capaz de adequar as suas atitudes às necessidades e ao contexto.⁸¹

A sala de aula estava organizada por filas. Contudo, sempre que havia trabalhos de grupo, a disposição da sala era alterada.

Na nossa prática docente, utilizámos os manuais escolares mas privilegiámos os materiais manipuláveis, na medida em que considerámos serem mais apelativos e motivadores na aprendizagem dos alunos. Tentámos sempre ter uma motivação para iniciar a leção de determinado conteúdo. A motivação é a chave para captar a atenção dos alunos. Porém, é importante termos em atenção que a motivação varia de idade para idade, e de criança para criança, ou seja, o

⁷⁹ IDEM, IBIDEM.

⁸⁰ SOUSA, Alberto - *A educação pelo movimento expressivo*. Lisboa: Básica Editora, 1979, p. 22.

⁸¹ IDEM, p. 26.

grau de motivação e a estratégia a utilizar deverá ser adequada ao contexto.⁸² É fundamental ter atividades dinâmicas ao longo da aula, para que o interesse não seja descartado.

Sem desejar ser juiz em causa própria, as atividades que propus tiveram um impacto positivo, na medida em que todos os alunos aceitavam as atividades de forma natural. Sempre que possível, procurei adotar diferentes estratégias e metodologias para abordar as temáticas relativas ao Português, à Matemática, ao Estudo do Meio e às Expressões. Pude verificar que todos os alunos ficavam entusiasmados nas aulas de Expressão Físico-Motora. A maioria revelava interesse pelas aulas de Expressão Dramática e Expressão Plástica. No que compete às áreas de Matemática, Português e Estudo do Meio, os gostos divergiam um pouco, pois havia uns que tinham preferência por umas áreas e outros por outras. Procurei, na maioria das vezes, adaptar os conteúdos a situações do quotidiano dos alunos, facilitando a compreensão da matéria. É importante termos como linha de base a ideia de que o professor é um guia que orienta a criança para a descoberta das suas capacidades, estabelecendo sempre uma ligação com o mundo social da criança.⁸³

Ao longo do estágio sugerimos trabalhos de diferentes tipos, tanto de carácter individual, como em pares, pequenos grupos ou grande grupo. Na minha opinião, qualquer uma das diferentes formas de trabalho são importantes na medida em que desenvolvem várias habilidades. A verdadeira criatividade surge em situações de interação entre os pares. Ao proporcionarmos trabalhos de grupos estaremos a trabalhar a componente comunicativa, social, cognitiva e afetiva.⁸⁴ Sempre que sugeri um trabalho em pequenos grupos, solicitei aos alunos que fizessem a respetiva apresentação. Assim, os alunos iriam trabalhar a comunicação, divisão de tarefas, respeito pela opinião do outro, entre outras competências importantes no desenvolvimento da criança.

Em suma, estas semanas de estágio permitiram-me contactar de perto com crianças do 1.º ciclo e aperceber-me de que é possível organizar diversas atividades criativas, e que consigam cativar os alunos. Porém, é necessário ter em conta que nem sempre é fácil orientar uma turma e realizar atividades de acordo com aquilo que o professor planeia. Há sempre contratempos que devem ser

⁸² IDEM, p. 43.

⁸³ IDEM, p. 28.

⁸⁴ IDEM, p. 36.

rapidamente contornados. Vivi experiências muito positivas e enriquecedoras, pois mostraram-me que a realidade nas escolas é um pouco diferente daquilo a que estamos habituados a lidar na nossa formação teórica. O estágio funcionou como uma ponte entre a teoria e a prática, permitiu-me aplicar muitos conhecimentos que adquiri ao longo destes quatro anos e adquirir novos, através das dicas da Professora Orientadora Cooperante, dos conselhos do meu par pedagógico, e acima de tudo, da minha experiência.

Relativamente ao par de estágio, penso que nos articulamos muito bem e soubemos dividir as tarefas de uma maneira equitativa. Estivemos sempre prontos a apoiar-nos mutuamente e aprendemos muito um com o outro.

Durante todo o estágio o que mais gostei foi efetivamente de dar as aulas, de explicar a matéria aos alunos e ter o prazer de ver que eles efetivamente tinham aprendido o que lhes ensinámos.

No que diz respeito ao estágio do 2.º ciclo, funcionou de um modo um pouco diferente. Estive a lecionar na turma C do 6.º ano de escolaridade, desta vez, numa escola situada na zona limítrofe de Viana do Castelo. A realidade era diferente, os alunos eram diferentes, tudo mudou. Passei de um contexto citadino para um contexto rural. Estas transições, de um para outro ciclo, de ensino são momentos marcantes para todos, bem como pontos delicados na morfologia dos sistemas educativos.»⁸⁵

Fui professora estagiária durante dez semanas. Nas primeiras cinco semanas lecionei Português e Ciências Naturais e nas últimas cinco, fiquei incumbida de lecionar Matemática e História e Geografia de Portugal. Enquanto eu lecionava duas áreas disciplinares, o meu par de estágio lecionava as outras duas. Ao fim de um mês e meio, invertemos as disciplinas. Uma vez que a minha área de investigação era a História e Geografia de Portugal, optei por lecionar essa disciplina no final da prática pedagógica, para assim ter mais tempo para preparar as atividades, uma vez que a amostra experimental do meu estudo seria a turma em que estava a lecionar. Estando eu habituada ao contexto do 1.º ciclo, a primeira grande diferença com que me deparei foi com os tempos letivos. Até então, tinha uma manhã de aulas, seguia-se o período do almoço, e à tarde tinha mais duas

⁸⁵ ABRANTES, Pedro – *As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objeto sociológico*. Consultado a: 17 de janeiro de 2014, disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/281/237>.

horas seguidas. No 2.º ciclo, as aulas eram de noventa ou quarenta e cinco minutos. Nos primeiros dias não foi muito fácil de gerir os *timings*, pois tinha imensas atividades planeadas e o tempo não chegava para tudo. Além disso, logo nos primeiros dias apercebi-me de que os ritmos de trabalho no 2.º ciclo são bastante díspares do 1.º. Penso que este aspeto esteja relacionado com o facto de no 1.º ciclo não haver tantas “quebras”, sendo que a transição entre as diferentes áreas disciplinares se faz de uma forma ténue. O ideal é interligar as várias disciplinas (interdisciplinaridade).

Quanto à turma, tenho a dizer maravilhas sobre aqueles “pequenos” seres humanos, tão grandes em humildade e sabedoria. Ao longo de toda a minha prática pedagógica, fiz questão de mostrar um vídeo motivacional todas as segundas-feiras, de modo a encorajá-los para mais uma jornada de trabalho. Pois não é que conseguiam surpreender-me sempre? Têm pensamentos de crianças sonhadoras, felizes, que olham sempre para o lado positivo das situações. E foi isso que mais me fascinou, foi isso que me deu mais motivação para continuar a lutar pelo meu sonho, o sonho de ser professora. À medida que as semanas iam passando, a experiência ia crescendo, e com ela, (de mãos dadas), o meu à-vontade perante vinte e três alunos, tão ávidos de sabedoria. Por maior que seja a experiência, qualquer trabalho educativo deve ser aplicado com método e não baseado no improviso. Importa referir que esse método é pessoal, dependendo da personalidade do professor, das características das crianças, do contexto educativo e da sociedade em que estão inseridos.⁸⁶

As POC das quatro áreas disciplinares sempre se mostraram disponíveis para nos apoiar, quer na fase das planificações das aulas, quer nas reflexões que fazíamos, no final da nossa intervenção. As reflexões serviam para nos fazer crescer, pois esse era o momento de desabafar, de avaliar o que tinha corrido bem e o que poderia correr melhor numa próxima intervenção. O objetivo era melhorar a cada aula, a cada dia.

Da Escola Superior de Educação o apoio era também ele, uma constante. Os PS sempre nos encorajaram a seguir em frente e a ter tudo organizado, pois assim a prática seria mais fácil. Quando não sabíamos como lidar com determinada situação, era a eles que recorriamos.

⁸⁶ SOUSA, Alberto - *A educação pelo movimento expressivo*. Lisboa: Básica Editora, s/d, p. 33.

Ao longo das várias semanas, procurei, tal como no 1.º ciclo, sugerir trabalhos de diferentes naturezas, de forma a trabalhar os aspetos atrás mencionados. Socializar passa por integrar, criar algo de novo, aceitar, no fundo, toda a socialização visa orientar comportamentos individuais de maneira a que haja um consenso aceite por determinado grupo ou cultura.⁸⁷

No geral, esta experiência foi muitíssimo enriquecedora a todos os níveis, tanto profissional como pessoal, e permitiu-me anotar certas experiências na memória, que mais tarde irei recordar com um sorriso, para poder traduzi-las em experiências por mim vividas e por outros experienciadas.

⁸⁷ PIATON, Georges – *Educação e Socialização* (1.ª Edição). Lisboa: Moraes Editores, 1979, p. 43.

BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, Pedro – *As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objeto sociológico*. Consultado a: 17 de janeiro de 2014, disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/281/237>.

ALMEIDA, António - *Visitas de Estudo: Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998. ISBN: 972-24-1029-6

ALMEIDA, Leandro, *et. al* – *Sucesso e Insucesso no Ensino Básico: Relevância de variáveis socio-familiares e escolares em alunos do 5.º ano*. In Actas do VIII Congresso Galaico Português de PsicoPedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2005.

ALVITO, Marcos – *Definições de História Oral: as três modalidades da História Oral*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009.

AMOÊDA, Sandra Maria da Costa; MARTINS, Helena; VASCONCELOS, Clara Maria da Silva - *Análise científico-didática de manuais escolares: um estudo na temática da tectónica de placas*. **Linhas**. Florianópolis, 2007.

BAPTISTA, Cristina Sales; SOUSA, Maria José – *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha (2ª Edição)*. Lisboa: Lidel. ISBN: 978-989-693-001-1

BARREIRA, Aníbal; MOREIRA, Mendes - *Pedagogia das Competências – Da teoria à prática (1.ª edição)* Porto: ASA Editores, 2004. ISBN: 9789724139999

Biblioteca do Conhecimento online. Consultado a: 10 de outubro de 2013, disponível em: <http://www.b-on.pt/>

BRUNET, Michel – *História vivida e História Ensinada in A História e o seu Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

BRUSI, D. cit. in Compiani, M.; Carneiro, C. - *Os papéis didáticos das excursões geológicas. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 1993.

BURSTON, W. H. cit. in FELGUEIRAS, Margarida - *O ensino da história*. Revista portuguesa de educação, 1968.

CANAVILHAS, Conceição; PATO, Aureliana; SOUSA, Ana – *Novas Estratégias e Novos Recursos no Ensino da História. (1.ª edição)*. Rio Tinto: Edições ASA, 1993.

CARDOSO, Luís- *Diccionario Geográfico ou notícia histórica de todas as cidades, villas, lugares e aldeias, ribeiras e serras dos Reynos de Portugal e Algarve...*Lisboa: Regia oficina Sylviana e da Academia Real, citado por RODRIGUES, Henrique – *Castelo de Neiva*.

CASTRO, Lisete; RICARDO, Maria Manuel - *Gerir o trabalho de projeto (1.ª edição)*. Porto: Texto Editora, 1992. ISBN: 972-47-0396-7.

CAVACO, Carmina; RAMOS, António Sampaio – *Do despovoamento rural ao desenvolvimento local*. Porto: Edições ASA, 1994.

CHAFFER, John; TAYLOR, Lawrence - *A história e o professor de história*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

COMPIANI, M. ; CARNEIRO, C. - *Os papéis didácticos das excursões geológicas. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, 1993.

COSTA, Fátima; MARQUES, António – *História e Geografia de Portugal, 6.º ano (1ª Edição)*. Porto: Porto Editora, 2004.

ECO, Umberto – *Como se faz uma tese em Ciências Humanas (3.ª Edição)*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

ESTRELA, Albano – *Teoria e Prática de Observação de Classes: uma estratégia de formação de professores (2.ª Edição)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Herrero - *Como preparar uma aula de história (2.ª edição)*. Rio Tinto: Edições ASA, 1991. ISBN: 9724106276

FEDERAÇÕES DAS CASAS DO POVO DOS DISTRITOS DE BRAGA E VIANA DO CASTELO – *Problemas Rurais do Minho*. Braga: Editora Pax, 1963.

FELGUEIRAS, Margarida - O ensino da história: que história ensinar? **Revista portuguesa de educação**, 1968.

FÉLIX, Noémia - *A história na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica, 1998. ISBN: 972-742-115-6

FIGUEIREDO, Ilda – *Educar para a Cidadania*. Porto: Edições ASA, 1999.

FILHO, M. [et. al] - *A transposição didática em Chevallard: as deformações/transformações sofridas pelo conceito de função em sala de aula.*

FRAGA, Gustavo – *A história e o seu ensino.* Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

FORNEIRO, M. L. I.- Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación Infantil: dimensiones y variables a considerar. Revista Iberoamericana de educación, Espanha, n. 47, p. 49-70. maio/ago. 2008, citado por TEIXEIRA, Madalena e REIS, Maria - A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa.

FREITAS, Mário - In Sequeira, M. et al. (Orgs). *O Trabalho Prático e Experimental na Educação em Ciências.* Braga: Universidade do Minho, 2000.

HAIGH, Gerald (1973) *Começando a Ensinar.* Plátano Editora. Lisboa: Plátano Editora, 1973.

HILL, Manuela; HILL, Andrew - *Investigação por Questionário.* Lisboa: Edições Sílabo, 2002. ISBN: 9789726182733

JETTÉ, René – *História e cultura ou defesa do Ensino da História* in *A História e o seu Ensino.* Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

JÚNIOR, Edson Teixeira da Silva – *História oral e as ciências humanas.* Volta Redonda: Cadernos UniFOA, 2007.

LEITÃO, Maria da Luz. [et al] - *Da criança ao aluno: Um itinerário Pedagógico (1.ª edição)*, Vol. 1. Instituto de Inovação Educacional, 1993. ISBN: 972-9380-08-2

MARINKO, I. L. [et al]. – *Metodologia do Ensino das Ciências Sociais.* URSS: Edições Progresso, 1975.

MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira – *História de Portugal (7.ª edição)* Editorial Presença, 2006. ISBN: 9789722318877

MARQUES, António; COSTA, Fátima – *História e Geografia de Portugal – 6.º ano.* Porto: Porto Editora. ISBN: 972-0-20456-7

MESQUITA, Raimundo Nonato da Silva - *O papel da didática no ensino – aprendizagem.* Consultado a: 5 de janeiro de 2014, disponível em: http://mesquit.bligoo.com.br/o-papel-da-didatica-no-processo-ensino-aprendizagem#.Ud-N0_mR9ic

MIALARET, Gaston - *A Formação dos Professores.* Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

MIRANDA, Bruno - *Método Quantitativo versus Método Qualitativo*. 2008. Consultado a: 3 de janeiro de 2014, disponível em: <http://adrodomus.blogspot.pt/2008/06/mtodo-quantitativo-versus-mtodo.html>

MONTEIRO, Manuela - *Intercâmbios e visitas de estudo - Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora, 1995, 173-196. ISBN: 978-84-940469-7-1

NEVES, Leandro Quintas - O sargaceiro de Castelo de Neiva. *Separata da revista 4 ventos*. Braga, 1959.

NEVES, Maria Aparecida Mamede - *Ensinando e aprendendo história*. São Paulo: Oficinas de Edições Loyola.

NÓVOA, António - *Os professores e a sua formação (1.ª Edição)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António - *Vidas de Professores (2.ª edição)*. Porto: Porto Editora, 1992. ISBN: 972-0-34104-1.

Ofício-Circular n.º 21/04 de 11 de Março. Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional; intercâmbios escolares; passeios escolares e colónias de férias. Porto. Direcção Regional de Educação do Norte, 2004.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; PEREIRA, Benjamim; GALHANO, Fernando - *Atividades agro-marítimas em Portugal*. Publicações Dom Quixote, 1990. ISBN: 9722007920

OLIVEIRA, Hélder - *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a percepção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*. Consultado a: 8 de outubro de 2013, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/64778/2/helderoliveirapotencialidades000179141.pdf>

ORION, Nir, cit. in ALMEIDA, António - *Visitas de Estudo: Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

PESTANA, Inácio - *Didáctica da História*. Coimbra: Atlântida Editora, 1973.

PIAGET, Jean - *A psicologia (volume IV)*. Amadora: Livraria Bertrand.

PIANTON, Geoges - *Educação e Socialização (1.ª Edição)*. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, Lda, 1979.

PROENÇA, Maria Cândida - *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992. ISBN: 9726740274

PROENÇA, Maria Cândida – *Ensinar / Aprender História: questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

RAMOS, Rui; SOUSA, Bernardo Vasconcelos; MONTEIRO, Nuno Gonçalo - *História de Portugal*. Lisboa: Editora Esfera dos livros, 2009. ISBN: 978-989-626-139-9

RAU, Virgínia – *Feiras Medievais Portuguesas*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

RODRIGUES, Henrique – *Castelo de Neiva: Memórias, População e Sociedade*, 2013.

RODRIGUES, Henrique- *Emigração e emigrante do vale do Lima no século XIX*. Viana do Castelo: CER/, Henrique Rodrigues, 2006.

RODRIGUES, Henrique Fernandes – *O papel formativo da história*, [1986].

RODRIGUES, Henrique F. – *Pedagogia e didática da montagem audiovisual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. ISBN 972-31-0564-0

RODRIGUES, Henrique – *Feira, Festa e Impressões Turísticas no Século XIX*, in *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Vianafestas, 2012.

ROJO, Lucas cit. in FABREGAT, Clemente Herrero; FABREGAT, Maria Herrero - *Como preparar uma aula de história (2.ª edição)*. Rio Tinto: Edições ASA, 1991.

ROLDÃO, Maria do Céu – *Gostar de história (3.ª Edição)*. Lisboa: Texto Editora, 1991. ISBN: 972-47-0100-X

SANDE, Rodrigo – *Problemas Rurais do Minho*. Braga: Editora Pax, 1963.

SANTOS, Theobaldo Miranda – *Noções de Metodologia do Ensino Primário (11.ª edição)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, Vol. 1. Nº1825.

SAMPAIO, Alberto da Cunha - *As póvoas marítimas - Estudos históricos e económicos, 2*. Lisboa. ISBN: 972-31-0822-4

SOLÉ, Maria Glória Parra Santos – *Dissertação de Doutoramento na Área de Estudo do Meio Social: A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico – a conceção do tempo e a compreensão histórica das crianças e os contextos para o seu desenvolvimento*. Braga: Universidade do Minho, 2009.

SOUSA, ALBERTO- *A educação pelo movimento expressivo*. Lisboa: Básica Editora, 1979

SOUSA, Maria; BAPTISTA, Cristina – *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios (2ª Edição)*. Lisboa: Lidel. 2011.

VARÃO, António; GARCIA, António – *Pesca Marítima: Situação e perspectivas de desenvolvimento*. Lisboa: Oficinas Gráficas Manuel A. Pacheco Lda, 1975.

VILAR, Pierre [et al]. – *História e Historicidade (1.ª Edição)*. Lisboa: Gradiva, 1988.

Bibliografia em Rede:

Consultado a: 15 de novembro de 2013, disponível em: <http://www.dct.uminho.pt/biogen/recursos/met/file1.pdf>.

Consultado a: 15 de novembro de 2013, disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/bruner>.

Consultado a: 13 de janeiro de 2013, disponível em: http://www.cafeportugal.net/pages/noticias_artigo.aspx?id=2817.

Consultado a: 13 de janeiro de 2014, disponível em: <http://www.prove.com.pt/www/o-projecto-prove-promover-e-vender.T143.php>

Consultado a: 15 de janeiro de 2014, disponível em: <http://www.dge.mec.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=151#i>.

ANEXOS

ANEXO 1 – Planificação de Português

Departamento Curricular/Ciclo: LÍNGUAS

Disciplina: *Português*

Ano de escolaridade: 6.º Ano

Ano letivo: 2012/2013

Duração: 90'

Planificação n.º: 1

Nome da Professora Estagiária: Ana Rita Faria Data:02/04/2013 Turma: 6.º C

Nome da Professora Orientadora Cooperante: XXXXXXXXXX

Temas/Conteúdos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
		Esta aula inicia-se com a apresentação de um vídeo motivacional, como forma de estimular os alunos para uma semana de trabalho que se pretende que seja o mais harmoniosa possível. Após a apresentação do vídeo, haverá um breve debate acerca das principais ideias contidas no mesmo. Este momento inicial visa respeitar uma prática habitual da turma, realizada todas as segundas-feiras. Uma vez que na segunda será feriado, irei transmitir o vídeo na terça.	- Vídeo Motivacional.
Obra extensa - <i>Ulisses</i>	Organizar a informação contida no texto.	Seguidamente, os alunos serão estimulados a descobrir qual a obra que será estudada ao longo das próximas aulas – <i>Ulisses</i> , de Maria Alberta Menéres. Para tal, será	

	<p>1.Procurar, recolher, selecionar e organizar informação, com vista à construção de conhecimento (de acordo com objetivos pré-definidos e com supervisão do professor).</p> <p>Utilizar procedimentos para registar e reter a informação.</p>	<p>desenvolvido um <i>Pedipaper</i> pela escola. A turma será dividida em cinco grupos de quatro elementos, sendo que três dos grupos terão cinco elementos. Esta divisão será feita em sala de aula. Os discentes recebem uma imagem relacionada com a obra e agrupam-se de acordo com os critérios estabelecidos. Depois de agrupados, deverão atribuir um nome ao grupo, relacionado com a temática. As regras do <i>Pedipaper</i> serão apresentadas logo após a formação dos grupos. Posteriormente, será entregue a cada grupo uma mensagem inicial que lhes irá indicar o local do primeiro posto. As restantes mensagens estarão em cada posto. A dinâmica será em estrela, ou seja, os grupos estarão em cada posto simultaneamente, tendo de desenvolver uma tarefa, embora nunca se cruzem nos postos.</p> <p><u>Ordem dos postos:</u></p> <p>Grupo 1 → 1-2-3-4-5</p> <p>Grupo 2 → 2-3-4-5-1</p> <p>Grupo 3 → 3-4-5-1-2</p> <p>Grupo 4 → 4-5-1-2-3</p> <p>Grupo 5 → 5-1-2-3-4</p>	<p>Atitudes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Empenho; - Espírito de equipa.
--	---	--	--

		<p>O <i>Pedipaper</i> terá uma duração de trinta minutos, aproximadamente. O docente irá circular pelo espaço exterior da escola, de forma a vigiar os diferentes grupos e prestar qualquer auxílio em caso de necessidade.</p> <p>De seguida, os alunos deverão dirigir-se novamente à sala de aula. Neste momento será feita a correção do jogo em grande grupo, com orientação do professor. Serão atribuídas pontuações às respostas e o melhor grupo irá receber um prémio. Os restantes receberão um prémio de participação (diploma).</p> <p>Após o debate das diferentes respostas, a docente irá apresentar um <i>PowerPoint</i> com a biografia da autora, solicitando aos alunos que pesquisem em casa obras escritas pela referida autora (<u>exemplo</u>: <i>Ulisses</i>; <i>À beira do lago dos encantos</i>; <i>Fábulas de La Fontaine</i>; <i>O poeta faz-se aos 10 anos</i>; <i>Histórias de tempo vai tempo vem</i>; <i>Figuras figuradas</i>; <i>A chave verde ou os meus irmãos</i>; <i>A galinha poedeira</i>; <i>O cão pastor</i>; <i>O coelho comilão</i>; <i>Aventuras da Engrácia</i>; <i>O que é que aconteceu na terra dos Procópios?</i>; <i>Um camaleão na gaveta</i>; <i>Passinhos de Mariana</i>; entre outras). A cada aluno será atribuída uma obra específica.</p>	
--	--	--	--

T.P.C. – Pesquisa sobre as obras de Maria Alberta Menéres.

Sumário: Realização de um *Pedipaper* para descoberta do tema que será trabalhado ao longo do período.

Biografia e obras de Maria Alberta Menéres.

ANEXO 2 – Planificação de Ciências Naturais

Nome do Professor Estagiário: Ana Rita Faria Data:10/04/2013 Turma: 6.º C

Nome do Professor Orientador Cooperante: XXXXXXXXXX

Temas/Conteúdos	Ideias detetadas nos alunos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p>Transmissão da vida:</p> <p>- Compreender que a reprodução, função comum aos seres vivos, assegura a continuidade da vida.</p>			<p>A aula inicia-se com um <i>brainstorming</i>. A docente coloca no quadro: “Que cuidados são necessários durante a gravidez?”, solicitando aos alunos que indiquem as precauções que uma grávida deve ter no período de gestação. Os alunos deverão registar no caderno o trabalho que está a ser desenvolvido no quadro.</p>	<p>- Grelhas de observação:</p> <p>- Comunicação e questionamento oral;</p> <p>Participação na aula.</p>
<p>Reprodução humana e crescimento:</p> <p>- Fecundação e</p>	<p>- Ideia de que o papel atribuído ao pai na formação do bebé é fazer</p>	<p>O aluno descreve os principais estádios do desenvolvimento</p>	<p>De seguida, será apresentado um vídeo: “Era uma vez... O Corpo Humano – Ep. 10 – O Nascimento” (http://www.youtube.com/watch?v=isv22TKR100)</p>	<p>- Grelhas de observação:</p> <p>- Comunicação e questionamento oral;</p> <p>Participação na aula.</p>

desenvolvimento do feto.	<p>entrar a “semente” – associam o gâmeta masculino à semente relacionando este conceito com o que estão mais familiarizados, a semente da planta.</p> <p>- Restrição do papel da mãe, uma vez que, julgam que esta apenas dá o alimento e proteção durante a vida intrauterina.</p> <p>- Noção de que o pai tem um papel</p>	humano (uterino e puberdade), distinguindo-os entre si. (MI 8.2)	hY), que retrata a fecundação e o parto. O filme será apresentado com alguns intervalos, em que a docente solicita aos alunos que, com base nos conhecimentos adquiridos em aulas anteriores, tentem explicar por palavras suas o conteúdo do vídeo. Os contributos dos alunos serão concluídos com a explicação da docente. Para que a visualização seja mais apelativa e tenha um propósito, será entregue aos discentes uma ficha, que contém as diferentes personagens. Os alunos terão de preencher à medida que as personagens aparecem.	- Comportamento.
--------------------------	---	---	--	------------------

	<p>ativo, central e preponderante na reprodução e que a mãe tem um papel passivo na formação do zigoto, isto é, é um simples recetáculo do embrião, à qual vai proporcionar condições para que cresça e se desenvolva.</p>			
<p>Reprodução humana e crescimento:</p> <p>- Desenvolvimento do feto.</p>		<p>O aluno descreve os principais estádios do desenvolvimento humano (uterino e puberdade), distinguindo-os entre si. (MI 8.2)</p>	<p>No final da aula, a professora estagiária mostra aos seus alunos uma ecografia, dizendo-lhes que há alguns anos a mulher só podia imaginar o bebé que esperava. Atualmente, graças ao avanço da tecnologia, é possível visualizar o feto, acompanhar o desenvolvimento, crescimento, saber o sexo e detetar anomalias. Além das ecografias convencionais, é</p>	<p>- Comportamento.</p>

			<p>agora possível ver o feto a três dimensões (3D), com maior precisão e em tempo real. Seguir-se-á uma súpula da matéria estudada ao longo da aula, sendo que a docente irá facultar aos alunos apontamentos.</p>	
--	--	--	--	--

Sumário: Cuidados a te durante a gravidez.

Visualização de um vídeo sobre a fecundação e o desenvolvimento do feto.

Contacto com ecografias.

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

- ✚ 3.º Ano de escolaridade do 1.º ciclo do ensino básico – Bloco 1- À descoberta de si mesmo – O seu corpo
 - Conhecer as funções vitais (reprodutora/sexual).
 - Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (genitais) – localizar esses órgãos em representações do corpo humano.

ANEXO 3 – Planificação de Matemática

Nome da Professora Estagiária: Ana Rita Faria Data:14/05/2013 Turma: 6.º C

Nome da Professora Orientadora Cooperante: XXXXXXXXXX

Temas/Conteúdos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p>Números inteiros:</p> <p>- Adição com representação na reta numérica.</p>	<p>Opera com números inteiros. (MF17)</p> <p>Interpreta e resolve problemas usando a adição de números inteiros. <i>(MI 17.1)</i></p>	<p>Nesta aula os alunos irão explorar a adição de números inteiros através de uma atividade realizada a pares. Para o efeito, serão necessários dois dados de cor diferente (<u>exemplo</u>: azul e vermelho). O dado vermelho representa pontos negativos e o dado azul representa pontos positivos. Um aluno ficará com o dado vermelho e outro com o dado azul. Cada discente lança o seu dado e regista numa tabela o valor obtido (número saído), mas com o sinal do seu dado (+ ou -) antes do número. O aluno a quem sair o maior número, independentemente do sinal, regista a diferença entre o número que lhe saiu e o que saiu ao seu adversário, com o respetivo sinal (pontuação obtida) – <u>exemplo</u>: saiu 4 ao aluno com o dado azul (marca +4) e 6 ao jogador com o dado vermelho (marca -6). O aluno do dado vermelho, uma vez que obteve a face de maior valor, marca dois pontos (o que tem a mais do aluno com o dado azul), mas como o seu dado é negativo,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grelhas de observação; - Participação na aula; - Comportamentos e atitudes. - Trabalho a pares.

		coloca o sinal negativo antes do 2 (marca -2 pontos); saiu 5 (marca +5) ao aluno com o dado azul e 2 (marca -2) ao aluno do dado vermelho. O aluno do dado azul, uma vez que obteve a face de maior valor, marca três pontos (o que tem a mais do que o vermelho), mas como o seu dado é positivo coloca o sinal positivo antes do 3 (marca +3 pontos); saiu 4 (marca +4) ao aluno do dado azul e 4 (marca -4) ao aluno do dado vermelho. Houve um empate. Cada jogador marca zero pontos. Cada aluno deverá lançar o dado 15 vezes. No final ganha o aluno que tiver mais pontos (positivos ou negativos).	
<p>Números inteiros:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Noção de número inteiro e representação na reta numérica. - Adição com representação na reta numérica. 	<p>Opera com números inteiros. (MF17)</p> <p>Interpreta e resolve problemas usando a adição de números inteiros. <i>(MI 17.1)</i></p> <p>Localiza e posiciona números inteiros na reta numérica. <i>(MI 16.1)</i></p>	<p>Após a atividade, haverá uma discussão em grande grupo, em que a docente irá colocar as seguintes questões:</p> <p>Que operação estiveram a trabalhar no decorrer da atividade?</p> <p>Como explicariam de que forma se obtém a adição de números inteiros.</p> <p>Existe alguma diferença entre adição de números inteiros com sinais iguais ou sinais contrários? Qual? Como explicam?</p> <p>Após o diálogo, iremos elaborar, em conjunto, a definição de número inteiro e enumerar as regras da adição. O conceito será registado no quadro e os alunos deverão acompanhar o registo no seu caderno diário.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grelhas de observação: - Comunicação e questionamento oral; - Participação na aula.

Números inteiros: - Adição com representação na reta numérica.	Opera com números inteiros. (MF17) Interpreta e resolve problemas usando a adição de números inteiros. (<i>MI 17.1</i>)	No final da aula será entregue uma ficha de trabalho (anexo 16) a cada aluno para consolidação dos conhecimentos. A realização da mesma será individual e a sua correção será feita em grande grupo.	- Formas de produção escrita: - Trabalho de casa.

T.P.C. – Resolução de uma ficha de trabalho acerca da adição de números inteiros.

Sumário: Exploração de uma tarefa relacionada com a adição de números inteiros – discussão de ideias.

Realização de uma ficha de trabalho para consolidação dos conhecimentos.

ANEXO 4 – Planificação de História e Geografia de Portugal

Nome da Professora Estagiária: Ana Rita Faria Data:13/05/2013 Turma: 6.º C

Nome da Professora Orientadora Cooperante: [REDACTED]

Temas/Conteúdos	Metas de Aprendizagem (MF e MI)	Estratégias de mudança/Situações de aprendizagem	Instrumentos de avaliação
<p>D4 – Portugal nos dias de hoje – sociedade e geografia humana.</p> <p>4.3 – A organização económica:</p> <p>- O mundo do trabalho.</p> <p>- O setor primário.</p>	<p>16. Descrever a distribuição da população e de algumas atividades económicas, em Portugal Continental, nos Açores e na Madeira, enunciando fatores que a condicionam.</p>	<p>A docente inicia a semana com uma breve revisão oral dos conteúdos que foram lecionados nas últimas aulas. De seguida, apresenta um <i>PowerPoint</i> sobre os setores de atividade, nomeadamente, o setor primário. Serão enfatizadas as atividades predominantes em Castelo do Neiva, com o intuito de dar a conhecer aos alunos o meio local. Serão analisados os documentos presentes no manual, nas páginas 160-164.</p>	<p>- Grelhas de observação:</p> <p>- Participação na aula;</p> <p>- Comportamentos e atitudes.</p>
<p>D4 – Portugal nos dias de hoje – sociedade e geografia humana.</p>	<p>16. Descrever a distribuição da população e de algumas atividades económicas, em Portugal Continental, nos Açores e na Madeira, enunciando fatores que a</p>	<p>Num segundo momento da aula, será desenvolvido um <i>Roleplay</i>, que consiste na defesa de algumas personagens inseridas na temática «Atividades económicas – setores primário, secundário e terciário». As carteiras da sala de aula serão dispostas em “U”, para que todos se possam</p>	<p>- Grelhas de observação:</p> <p>- Participação na aula;</p>

<p>4.3 – A organização económica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O mundo do trabalho. - O setor primário. - O setor secundário. - O setor terciário. 	<p>condicionam.</p> <p>24. Analisar e debater casos concretos de mudanças no uso do espaço urbano (construção de novos bairros habitacionais, espaços de lazer...), apresentando, oralmente os argumentos que fundamentam as suas opiniões.</p>	<p>ver uns aos outros. A docente assumirá o papel de moderadora do debate, colocando questões aos grupos e dando a palavra a quem assim o solicite. O objetivo deste debate será promover a discussão sobre as diversas atividades económicas (qual a mais rentável, o modo como a população se agrupa nas diferentes atividades, a evolução da população desempregada, etc.), bem como constituir um espaço de reflexão onde os alunos possam discutir alguns pontos de vista de diferentes membros da sociedade face às atividades económicas.</p>	<p>- Comportamentos e atitudes.</p>
--	--	--	-------------------------------------

Sumário: As atividades económicas – setores de atividade e emprego.
 População ativa e não ativa.
 Realização de um *Roleplay* acerca das atividades económicas – setores primário, secundário e terciário.

Níveis de formulação de partida (pré-requisitos):

✚ 3.º e 4.º Anos de escolaridade do 1.º ciclo do ensino básico – Bloco 2: À descoberta das interrelações entre espaços

- O comércio local.
- O contacto entre a terra e o mar.

✚ 3.º e 4.º Anos de escolaridade do 1.º ciclo do ensino básico – Bloco 6: À descoberta das interrelações entre a Natureza e a Sociedade

- A agricultura do meio local.
- A criação de gado no meio local.
- A atividade piscatória do meio local.
- A indústria do meio local.
- O turismo do meio local.

ANEXO 5 – Guião do *Role-Play*



Nome: _____ N.º: _____

História e Geografia de Portugal

Role-Play sobre «Os setores de atividade - setor primário»

SETOR DE ATIVIDADE – conjunto de atividades a que a população se dedica, que produzem bens ou prestam serviços. Existem três setores de atividade:

Setor primário;

Setor secundário;

Setor terciário.



O setor primário engloba as atividades que extraem recursos diretamente da natureza, sem qualquer transformação. As atividades incluídas no setor primário são:

Agricultura

Pecuária

Pesca

Exploração florestal

Caça

Etc.

Personagens: **Agricultores**, agricultores biológicos, pescadores, caçadores, guardas florestais e Ministra da Agricultura.

Agricultores:

Rentabilidade económica (em termos de lucro).

Como tem evoluído a atividade ao longo dos últimos anos.

Importância para a economia do país.

Que ajudas recebe do Estado.



Nome: _____ N.º: _____

História e Geografia de Portugal

Role-Play sobre «Os setores de atividade - setor primário»

SETOR DE ATIVIDADE – conjunto de atividades a que a população se dedica, que produzem bens ou prestam serviços. Existem três setores de atividade:

Setor primário;

Setor secundário;

Setor terciário.



O setor primário engloba as atividades que extraem recursos diretamente da natureza, sem qualquer transformação. As atividades incluídas no setor primário são:

Agricultura

Pecuária

Pesca

Exploração florestal

Caça

Etc.

Personagens: Agricultores, **agricultores biológicos**, pescadores, caçadores, guardas florestais e Ministra da Agricultura.

Agricultores biológicos:

Rentabilidade económica (em termos de lucro).

Como tem evoluído a atividade ao longo dos últimos anos.

Importância para a economia do país.

Que ajudas recebe do Estado.



Nome: _____ N.º: _____

História e Geografia de Portugal

Role-Play sobre «Os setores de atividade - setor primário»

SETOR DE ATIVIDADE – conjunto de atividades a que a população se dedica, que produzem bens ou prestam serviços. Existem três setores de atividade:

Setor primário;

Setor secundário;

Setor terciário.



O setor primário engloba as atividades que extraem recursos diretamente da natureza, sem qualquer transformação. As atividades incluídas no setor primário são:

Agricultura

Pecuária

Pesca

Exploração florestal

Caça

Etc.

Personagens: Agricultores, agricultores biológicos, **pescadores**, caçadores, guardas florestais e Ministra da Agricultura.

Pescadores:

Rentabilidade económica (em termos de lucro).

Como tem evoluído a atividade ao longo dos últimos anos.

Importância para a economia do país.

Que ajudas recebe do Estado.



Nome: _____ N.º: _____

História e Geografia de Portugal

Role-Play sobre «Os setores de atividade - setor primário»

SETOR DE ATIVIDADE – conjunto de atividades a que a população se dedica, que produzem bens ou prestam serviços. Existem três setores de atividade:

Setor primário;

Setor secundário;

Setor terciário.



O setor primário engloba as atividades que extraem recursos diretamente da natureza, sem qualquer transformação. As atividades incluídas no setor primário são:

Agricultura

Pecuária

Pesca

Exploração florestal

Caça

Etc.

Personagens: Agricultores, agricultores biológicos, pescadores, **Caçadores**, guardas florestais e Ministra da Agricultura.

Caçadores:

Rentabilidade económica (em termos de lucro).

Como tem evoluído a atividade ao longo dos últimos anos.

Importância para a economia do país.

Que ajudas recebe do Estado.



Nome: _____ N.º: _____

História e Geografia de Portugal

Role-Play sobre «Os setores de atividade - setor primário»

SETOR DE ATIVIDADE – conjunto de atividades a que a população se dedica, que produzem bens ou prestam serviços. Existem três setores de atividade:

Setor primário;

Setor secundário;

Setor terciário.



O setor primário engloba as atividades que extraem recursos diretamente da natureza, sem qualquer transformação. As atividades incluídas no setor primário são:

Agricultura

Pecuária

Pesca

Exploração florestal

Caça

Etc.

Personagens: Agricultores, agricultores biológicos, pescadores, caçadores, **guardas florestais** e Ministra da Agricultura.

Guardas florestais:

Rentabilidade económica (em termos de lucro).

Como tem evoluído a atividade ao longo dos últimos anos.

Importância para a economia do país.

Que ajudas recebe do Estado.



Nome: _____ N.º: _____

História e Geografia de Portugal

Role-Play sobre «Os setores de atividade - setor primário»

SETOR DE ATIVIDADE – conjunto de atividades a que a população se dedica, que produzem bens ou prestam serviços. Existem três setores de atividade:

Setor primário;

Setor secundário;

Setor terciário.



O setor primário engloba as atividades que extraem recursos diretamente da natureza, sem qualquer transformação. As atividades incluídas no setor primário são:

Agricultura

Pecuária

Pesca

Exploração florestal

Caça

Etc.

Personagens: Agricultores, agricultores biológicos, pescadores, caçadores, guardas florestais e **Ministra da Agricultura**.

Ministra da Agricultura:

Rentabilidade económica (em termos de lucro).

Como tem evoluído a atividade ao longo dos últimos anos.

Importância para a economia do país.

Que incentivos são dados por parte do Estado.

ANEXO 6 – Pedidos de Autorização para a concretização da visita de estudo

Ex.mo Sr. Encarregado de Educação

Eu, Ana Rita Costa Faria, aluna estagiária do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, pretendo realizar uma visita de estudo à praia de Castelo do Neiva, com os alunos da turma C do 6.º ano de escolaridade, no dia **29 de maio de 2013**, às 14:30h. A duração prevista será de três horas, aproximadamente (**partida- 14:30h; chegada- 17:15h**). Os alunos serão acompanhados por mim e pela Diretora de Turma, Professora [REDACTED]. Esta visita será realizada no âmbito da tese de mestrado sobre “Atividades económicas em contextos rurais” e tem como principal objetivo permitir aos alunos conhecerem melhor o meio piscatório da zona envolvente. Está prevista a realização de uma palestra orientada pela Presidente da Associação de Pescadores de Castelo do Neiva, com uma componente prática, em que os discentes terão oportunidade de aprender como se faz uma rede de pesca.

Deste modo, venho solicitar a autorização para que o seu educando possa participar nesta visita.

Viana do Castelo, 20 de maio de 2013.

Aluna Estagiária

Diretora de Turma

(Ana Rita Faria)

([REDACTED])



Eu _____, Encarregado de Educação do aluno _____, da turma C, do 6.º ano, **autorizo / não autorizo** (riscar o que não interessa) a participação do meu educando na visita de estudo à praia de Castelo do Neiva, que se realizará no dia 29 de maio, às 14:30h.

Viana do Castelo _____ de maio de 2013.

Assinatura

Ex.ma Presidente da Comissão Administrativa Provisória
do Agrupamento de Escolas do Monte da Ola

Assunto: Pedido de autorização para realização de uma visita de estudo.

Ana Rita Costa Faria, aluna estagiária do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, vem solicitar a V. Ex.ª autorização para a realização de uma visita de estudo à praia de Castelo de Neiva, com os alunos da turma C do 6.º ano de escolaridade, no dia 29 de maio de 2013, às 14:30h, não implicando a autorização de qualquer meio de transporte. A duração prevista será de três horas, aproximadamente (partida- 14:30h; chegada- 17:15h). Os alunos serão acompanhados por mim e pela Diretora de Turma, Professora [REDACTED]. Esta visita será realizada no âmbito da tese de mestrado sobre “Atividades económicas em contextos rurais” e tem como principal objetivo permitir aos alunos conhecerem melhor o meio piscatório da zona envolvente. Está prevista a realização de uma palestra orientada pela Presidente da Associação de Pescadores de Castelo do Neiva, com uma componente prática, em que os discentes terão oportunidade de aprender como se faz uma rede de pesca.

Agradeço, desde já, a atenção disponibilizada e coloco-me ao vosso dispor para qualquer partilha dos resultados e conclusões deste estudo.

Pede Deferimento

Viana do Castelo, 20 de maio de 2013.

Aluna Estagiária

Professora Cooperante

(Ana Rita Faria)

([REDACTED])

Ex.ma Presidente da Comissão Administrativa Provisória
do Agrupamento de Escolas do Monte da Ola

Assunto: Pedido de autorização para aplicação do questionário.

Ana Rita Costa Faria, aluna estagiária do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, vem solicitar a V. Ex.ª autorização para aplicação de um questionário a todas as turmas do 6.º ano de escolaridade desta escola, no âmbito da tese de mestrado, sobre a temática “Atividades económicas em contextos rurais”. Esta pesquisa é orientada e supervisionada pelo Doutor Henrique Rodrigues.

Agradeço, desde já, a atenção disponibilizada e coloco-me ao vosso dispor para qualquer partilha dos resultados e conclusões deste estudo.

Pede Deferimento

Viana do Castelo, 20 de maio de 2013.

Aluna Estagiária

Professora Cooperante

(Ana Rita Faria)

(██████████)

ANEXO 7 – Guião da visita de estudo

GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO

Local: Praia da Guilheta

Data: 25 de maio de 2013

Horário: 14:30h-17:30h

Participantes: Alunos da turma C do 6.º ano de escolaridade

Professor responsável: [REDACTED]

Professores acompanhantes: [REDACTED] e [REDACTED]

Itinerário:

14:30h- Saída da escola e deslocação até à praia, a pé

15:00h – Início da visita guiada pela lota e zona envolvente

15:30h – Testemunho da vida de uma pescadora que se tornou Presidente da Associação dos Pescadores de Castelo de Neiva

16:30 – Workshop sobre os instrumentos da pesca

17:00h – Regresso à escola, a pé

17h:30h – Chegada à escola.

Material necessário:

Roupa e calçado confortável;

Uma caneta;

Um bloco de notas.

Objetivos:

Desenvolver o espírito de cooperação;

Promover as relações aluno/aluno e aluno/professor;

Dar a conhecer melhor a realidade daquela zona, nomeadamente, a pesca;

Proporcionar o contacto com instrumentos de pesca;

Consolidar os conceitos de ZEE, pesca artesanal e pesca industrial.

Conteúdos programáticos:

D4- Portugal nos dias de hoje – Sociedade e Geografia Humana

4.3. A organização económica:

O mundo do trabalho.

O setor primário.

Metas de aprendizagem:

16. Descrever a distribuição da população e de algumas atividades económicas em Portugal Continental, nos Açores e na Madeira, enunciando fatores que a condicionam.

ANEXO 8 – Modelo do Relatório da visita de estudo

Relatório da Visita de Estudo

Escola: _____

Aluno: _____

Turma: _____ N.º: _____ Ano: _____

Local da visita: _____

Data da visita: ____ / ____ / ____

Sumário da visita:

Temática:

Conteúdos:

O que mais apreciei:

O que menos apreciei:

Conclusão:



ANEXO 9 – Questionário

História e Geografia de Portugal

Questionário

Através deste questionário pretendemos recolher a opinião dos alunos do 6.º ano de escolaridade relativamente à área curricular disciplinar de História e Geografia de Portugal. Os dados destinam-se à elaboração de um estudo de investigação a efetuar por uma mestranda no âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. As respostas são anónimas e confidenciais pelo que solicitamos que respondas com sinceridade.

Parte I - Caracterização Pessoal

1. Dados Pessoais								
<i>Assinala com um X a tua situação.</i>								
1.1 Idade	menos de 9 anos	<input type="checkbox"/>	9 anos	<input type="checkbox"/>	10 anos	<input type="checkbox"/>	mais de 10 anos	<input type="checkbox"/>
1.2. Género		Masculino <input type="checkbox"/>			Feminino <input type="checkbox"/>			
1.3. Naturalidade		Concelho _____				Freguesia _____		
1.4. Residência		Concelho _____				Freguesia _____		
1.5. Com quem vives?								
Parentesco	Marca com um X	Idade	Profissão	Habilitações (exemplo: 4.º ano, 6.º ano, 9.º ano, 12.º ano, Curso Superior)				
Mãe	<input type="checkbox"/>							
Pai	<input type="checkbox"/>							
Madrasta	<input type="checkbox"/>							
Padrasto	<input type="checkbox"/>							
Irmã	<input type="checkbox"/>							
Irmão	<input type="checkbox"/>							
Madrinha	<input type="checkbox"/>							

Padrinho	<input type="checkbox"/>			
Tia	<input type="checkbox"/>			
Tio	<input type="checkbox"/>			
Avós maternos	<input type="checkbox"/>			
Avós paternos	<input type="checkbox"/>			
Outro	<input type="checkbox"/>			

Parte II - Dados Informativos do Aluno

1. Gostas da tua escola?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
2. Se sim, porquê?	Gosto de estar com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	Gosto de estudar e aprender.		<input type="checkbox"/>
	Gosto dos professores.	<input type="checkbox"/>	Gosto da escola porque assim não estou em casa.		<input type="checkbox"/>
3. Se não, explica porquê? _____					
4. Costumas conversar em casa sobre a escola?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
5. Se sim, as conversas são:	Todos os dias	<input type="checkbox"/>	Só ao fim de semana		<input type="checkbox"/>
	Quando tenho testes	<input type="checkbox"/>	Só no final do período		<input type="checkbox"/>
	Só no final do ano letivo	<input type="checkbox"/>	Só quando faço asneiras		<input type="checkbox"/>
6. Frequentaste o ensino pré-primário?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
7. Já repetiste algum ano letivo?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
		Se sim, em que ano? _____			

8. Tens apoio pedagógico?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
9. Tens livros em casa?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
10. Se sim, quantos tens?		1 a 50	<input type="checkbox"/>	51 a 100	<input type="checkbox"/>
		101 a 500	<input type="checkbox"/>	mais de 500	<input type="checkbox"/>
11. Costumas ler?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
12. Se sim, onde?		Quarto	<input type="checkbox"/>	Sala	<input type="checkbox"/>
		Biblioteca	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>
13. Dos livros que tens, algum é de História?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
14. Gostas de História?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
15. Qual a disciplina que gostas mais?		_____			
16. Qual a disciplina que menos te agrada?		_____			
17. Tens alguém que te ajude a estudar?		Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
18. Se sim, quem?		_____			
19. Estudas:	Diariamente	<input type="checkbox"/>	Frequentemente	<input type="checkbox"/>	
	Raramente	<input type="checkbox"/>	Na véspera dos testes	<input type="checkbox"/>	
	Quando a matéria te agrada	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>	
20. Local de estudo:	Na escola	<input type="checkbox"/>	Em minha casa	<input type="checkbox"/>	
	Em casa de amigos	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>	
21. Que profissão queres ter no futuro?		_____			

Parte III - As atividades económicas em Portugal

Agricultura				
1. Em tua casa/família, tens alguém que trabalhe na agricultura?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
2. Se sim, indica quais os produtos cultivados?	Milho	<input type="checkbox"/>	Nabos	<input type="checkbox"/>
	Centeio	<input type="checkbox"/>	Feijão	<input type="checkbox"/>
	Cevada	<input type="checkbox"/>	Couves	<input type="checkbox"/>
	Bróculos	<input type="checkbox"/>	Alho francês	<input type="checkbox"/>
	Trigo	<input type="checkbox"/>	Abóbora	<input type="checkbox"/>
	Batatas	<input type="checkbox"/>	Vinha	<input type="checkbox"/>
	Outro	<input type="checkbox"/>	Qual: _____	
3. Dos produtos que se colhem em tua casa/família, são todos para consumo próprio?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
4. Se não, indica os que são vendidos.	Milho	<input type="checkbox"/>	Nabos	<input type="checkbox"/>
	Centeio	<input type="checkbox"/>	Feijão	<input type="checkbox"/>
	Cevada	<input type="checkbox"/>	Couves	<input type="checkbox"/>
	Bróculos	<input type="checkbox"/>	Alho francês	<input type="checkbox"/>
	Trigo	<input type="checkbox"/>	Abóbora	<input type="checkbox"/>
	Batatas	<input type="checkbox"/>	Vinha	<input type="checkbox"/>
	Outro	<input type="checkbox"/>	Qual: _____	
5. Indica o local da venda.	Em casa	<input type="checkbox"/>	No mercado	<input type="checkbox"/>
	Na feira	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>
6. Onde são vendidos?	Viana	<input type="checkbox"/>	Forjães	<input type="checkbox"/>
	Esposende	<input type="checkbox"/>	Barroselas	<input type="checkbox"/>
	Outro	<input type="checkbox"/>	Qual: _____	
7. Em tua casa/família, quem trabalha no campo?	Mãe	<input type="checkbox"/>	Pai	<input type="checkbox"/>
	Madrasta	<input type="checkbox"/>	Padrasto	<input type="checkbox"/>
	Irmã(s)	<input type="checkbox"/>	Irmão(s)	<input type="checkbox"/>
	Tia(s)	<input type="checkbox"/>	Tio(s)	<input type="checkbox"/>

	Avós paternos	<input type="checkbox"/>	Avós maternos	<input type="checkbox"/>
	Primos	<input type="checkbox"/>	Tu	<input type="checkbox"/>
8. Os teus familiares, com que frequência trabalham no campo?	Durante a semana	<input type="checkbox"/>	Ao fim de semana	<input type="checkbox"/>
	No fim do emprego	<input type="checkbox"/>	Todos os dias	<input type="checkbox"/>
9. Os terrenos da tua família são:	Alugados	<input type="checkbox"/>	Próprios	<input type="checkbox"/>
	Emprestados	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>
10. Em tua casa costumam ir à feira/mercado?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
11. Se sim, a ida é realizada:	Em transporte próprio	<input type="checkbox"/>	No carro de amigos	<input type="checkbox"/>
	Em transporte público	<input type="checkbox"/>	No carro de familiares	<input type="checkbox"/>
12. Quando se deslocam à feira, a que horas saem de casa e a que horas chegam?	Partida	_____h	Chegada	_____h
13. Em tua casa, que máquinas são utilizadas na produção agrícola?	Trator	<input type="checkbox"/>	Arado de bois	<input type="checkbox"/>
	Máquinas com motor	<input type="checkbox"/>	Máquinas sem motor	<input type="checkbox"/>
	Apenas alfaías agrícolas (<u>exemplo</u> : ancinho, foice, sachola)			<input type="checkbox"/>

Pesca				
1. Tens algum pescador na família?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
2. Sabes qual o tipo de pesca que pratica?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
3. Se sim, qual?	Pesca artesanal	<input type="checkbox"/>	Pesca industrial	<input type="checkbox"/>
4. Qual o tipo de embarcação que utiliza?	Grande dimensão	<input type="checkbox"/>	Pequena dimensão	<input type="checkbox"/>
5. Quanto tempo permanece no mar?	Longos períodos de tempo	<input type="checkbox"/>	Algumas horas	<input type="checkbox"/>

6. Que técnicas utiliza?	Técnicas sofisticadas (exemplo: arrasto, sucção, redes de deriva)			<input type="checkbox"/>
	Técnicas rudimentares (exemplo: linhas, anzóis e redes)			<input type="checkbox"/>
7. Quais as principais espécies pescadas?	Robalo	<input type="checkbox"/>	Salmão	<input type="checkbox"/>
	Dourada	<input type="checkbox"/>	Cavala	<input type="checkbox"/>
	Faneca	<input type="checkbox"/>	Sardinha	<input type="checkbox"/>
	Carapau	<input type="checkbox"/>	Polvo	<input type="checkbox"/>
	Outro	<input type="checkbox"/>	Qual: _____	
8. As espécies pescadas são todas para consumo próprio?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
9. Se não, onde é vendido o peixe?	Na Lota	<input type="checkbox"/>	Em casa	<input type="checkbox"/>
	No mercado	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>
10. Quem vende?	Familiar	<input type="checkbox"/>	Pescador	<input type="checkbox"/>
	Comerciante	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>
11. Para ti, o que significa ZEE?	Zona europeia económica	<input type="checkbox"/>	Zona económica exclusiva	<input type="checkbox"/>
	Zona exclusiva económica	<input type="checkbox"/>	Zona europeia estatal	<input type="checkbox"/>

Obrigada pela tua colaboração!

ANEXO 10 – Opinião dos discentes
relativamente à importância das visitas de
estudo

Opinião dos alunos acerca da importância das visitas de estudo:

«Podemos imaginar, sonhar, aprender e conhecer novos sítios.» TM

«A importância de uma visita de estudo é aprender e aprofundar melhor o nosso estudo.» LR

«As visitas de estudo são importantes para aprender.» BS

«A importância de uma visita de estudo é para nós conhecermos melhor o ambiente e para conhecermos a vida de algumas pessoas.» ID

«A importância da visita de estudo faz com que nós aprendemos coisas novas que nós nem sequer imaginamos.» AC

«As visitas de estudo são importantes pois aprendemos e muitas vezes, no local, praticamos o que aprendemos em jogos.» ES

«A importância das visitas de estudo é conhecer melhor o ambiente e se um dia quisermos ir para lá já sabemos o que é.» LB

«Pressentimos melhor, as coisas podem-se explicar melhor e vemos com os nossos próprios olhos.» TM

«As visitas de estudo são muito importantes porque podemos conhecer novas coisas, o que eu adoro!» JC

«As visitas de estudo servem para pesquisar e aprender coisas que no dia-a-dia não se encontra.» MA

«Visitar e inovar um mundo melhor onde desenhar é a vontade de criar.» MR

«Eu gosto das visitas de estudo porque posso conhecer e aprender coisas novas.» CT

«Eu gosto das visitas de estudo para conseguir um melhor conhecimento e assim aprendo de uma forma mais engraçada.» AM

«A importância é que assim podemos aprender e conhecer a vida de pessoas diferentes.» CF

«É importante fazer visitas de estudo para termos uma noção visual dos objetos relacionados com o tema.» BS

«As visitas de estudo são super importantes porque ao praticá-las temos uma melhor perceção dos conteúdos em estudo. Visionamos os objetos falados na sala de aula.» SN

«A importância das visitas de estudo é podermos vivenciar e tocar nas coisas.» DM

«A importância de uma visita de estudo é aprender não só teoria, mas também prática.»
JP

«Dá-nos a conhecer e questionar sobre coisas diferentes. Também se pode ouvir diferentes aulas.» DP

«A importância da visita de estudo é aprender, divertir e conhecer pessoas novas.» MV

«É fixe só se for para sair da escola e aprender muito nos museus e nos teatros.» RB

«A importância das visitas de estudo é porque podemos aprender mais.» AC

«O que é importante fazer nas visitas de estudo é que ao ver os utensílios da pesca aprendemos a forma de cada material mais facilmente.» SR

ANEXO 11 – Guião da Entrevista aos docentes de História

GUIÃO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Data de nascimento: _____ Estado Civil: _____ Escolaridade: _____

Morada: _____

Contactos: _____

Questões a colocar:

- 1) O que o(a) motivou a ser professor(a)?
- 2) Sente-se realizado(a) com esta profissão?
- 3) Costuma realizar visitas de estudo?
- 4) Na sua opinião, quais são as vantagens didáticas e pedagógicas das visitas de estudo?
- 5) A nível de escola, acha que é dado o devido incentivo à organização de atividades desta natureza?
- 6) Quais são os passos que costuma seguir para realizar uma visita de estudo?
- 10) Na área da História e Geografia de Portugal, as visitas de estudo têm especial importância, ou considera que as mesmas são relevantes em qualquer área do ensino?

ANEXO 12 – Guião da Entrevista aos alunos

GUIÃO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Data de nascimento: _____ Estado Civil: _____ Escolaridade: _____

Morada: _____

Contactos: _____

Questões a colocar:

- 1) Gostas da disciplina de História e Geografia de Portugal? Porquê?
- 2) Costumas participar nas visitas de estudo?
- 3) És a favor ou contra a sua realização? Porquê?
- 4) Para ti, quais são as principais vantagens das visitas de estudo?
- 6) Qual a disciplina que para ti faz mais sentido que haja uma visita de estudo? Porquê?
- 7) Enquanto aluno(a), achas que poderias contribuir ativamente para a realização de visitas de estudo, ou pelo contrário, essa é tarefa do teu professor apenas?